



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - MESTRADO

RAFAEL DE OLIVEIRA CRUZ

**A MUSA DA PAISAGEM: UMA ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO SOBRE A MEMÓRIA
AMBIENTAL DE CAROLINA-MA**

IMPERATRIZ

2023

RAFAEL DE OLIVEIRA CRUZ

**A MUSA DA PAISAGEM: UMA ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO SOBRE A MEMÓRIA
AMBIENTAL DE CAROLINA-MA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Wellington da Silva Conceição.

IMPERATRIZ

2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Oliveira Cruz, Rafael.

A Musa da Paisagem : Uma etnografia da duração sobre a memória ambiental de Carolina-MA / Rafael de Oliveira Cruz. - 2023.

150 f.

Orientador(a): Wellington da Silva Conceição.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia/ccim, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

1. Cidade. 2. Memória. 3. Paisagem. 4. Patrimônio. 5. Turismo. I. da Silva Conceição, Wellington. II. Título.

RAFAEL DE OLIVEIRA CRUZ

**A MUSA DA PAISAGEM: UMA ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO SOBRE A MEMÓRIA
AMBIENTAL DE CAROLINA-MA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Wellington da Silva Conceição.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Jesus Marmanillo Pereira (Examinador Externo)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dra. Karina Almeida de Sousa (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

IMPERATRIZ

2023

“É em nós que as paisagens têm paisagem (...) A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos”.

- Fernando Pessoa

AGRADECIMENTOS

Gratidão e misericórdia têm sido meu sustento durante os últimos anos, dos quais compartilhei minha própria porção de dissabores, vivenciados por toda a humanidade neste tempo em particular, e é como um improvável sobrevivente que me entendo. Foi pela fé que atravessei minhas provações, portanto, agradeço ao Senhor Jesus Cristo por ter me abençoado com sua providência divina através da presença em minha vida das pessoas que citarei a seguir.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, na pessoa da minha mãe, Veronília, por todo amor e cuidado direcionados a mim durante toda minha jornada nesta existência. Faço menção amorosa ao meu pai, Adian (*in memoriam*), e aos meus irmãos, Leonardo e Isabela. Sou grato também à minha ex-companheira, Larissa, por cuidar da nossa filha, Clarice, de tal maneira que eu tivesse as condições de me dedicar aos estudos e à pesquisa.

Fui abençoado com um número considerável de amigos e peço perdão àqueles que porventura se sentirem negligenciados, saibam que estas linhas não representam a totalidade dos meus sentimentos. Sou grato aos meus irmãos e irmãs de fé da Primeira Igreja Batista de Carolina, em particular Madson, Amanda, Miquéias, Filipe, Jadson, Wellington, João Braga, Ângela e tantos outros que conhecem minha sofrida trajetória e sempre me incentivaram a prosseguir. De igual modo, agradeço aos irmãos e irmãs da Segunda Igreja Batista de Tocantinópolis, onde atualmente congrego, nas pessoas de Willian, Even, Edivan, Alexandre, pr. Claiton e sua família e muitos outros que me abençoam com suas amizades. Um líder que deixou profundas marcas como referência espiritual foi o pastor Cosmerino, que junto com sua família sempre me estenderam as mãos em auxílio. Outra pessoa à qual devo gratidão e cultivo admiração, pois sempre me apoiou e estava disposta a ajudar minha família, é a professora Dinalva Queiroz, professora e diretoria do antigo Instituto Batista de Carolina, hoje Colégio Batista de Carolina, missionária aposentada da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira.

No trabalho, meus colegas Denilson, João Batista, Reginaldo e Laerte mantiveram uma postura de compreensão e apoio que foram fundamentais no desenvolvimento da minha pesquisa e aos quais agradeço. A convivência, mesmo remota por conta da pandemia de COVID-19, com meus colegas da 3ª turma de mestrado do PPGS, campus Imperatriz, também me ajudou de modo crucial no meu amadurecimento, por isso agradeço sinceramente a Bianca, Clayton, Isabela Sasha, Isabelly, Luziane, Mércia, Tamires, Verônica e Wellisson Rafael.

Realizar uma pesquisa etnográfica é impossível sem a adequada introdução no campo pelos membros do grupo que se quer pesquisar, mesmo sendo um natural da cidade. Por isso, agradeço profundamente à equipe do Museu Histórico de Carolina e da Associação Carolina Via Verde que através de Alzira, Hélio Ney, Rodolfo e Tom Maranhão que me acolheram e contribuíram de todas as maneiras possíveis na realização da pesquisa, no acompanhamento de eventos, acesso a exposição e reserva técnica, além da solicitude e disposição em simplesmente conversar e esclarecer dúvidas sempre que necessário. Agradeço de coração também às várias pessoas que entrevistei ou conversei sobre a cultura de Carolina, como Antônio Cunha, Cleuber, Denival, Joberto, Fátima Matos, Márcio Costa, Marcos Aventureiro, Raimunda Costa, Ruy Tadeu, entre outras. Faço menção honrosa ao saudoso jornalista Waldir Braga (*in memorian*), que foi meu mentor quando trabalhei ao seu lado no jornal Folha do Maranhão do Sul.

Agradeço profundamente ao pessoal do Humanitas na pessoa do meu amigo Dominique Santos, professor doutor do colegiado do curso de História da FURB (Universidade de Blumenau), pelo apoio e convite para participar desse grupo de estudos que muito contribuiu na produção desta pesquisa.

Encerro com um agradecimento especial ao corpo docente do PPGS-UFMA, principalmente àquele(a)s professo(a)re(s) que ministraram disciplinas durante minha passagem pelo mestrado, Amanda Gomes Pereira, Karina Almeida de Sousa, Maciel Cover, Rogério de Carvalho Veras e Wheriston Silva Neris. Aos professores que participaram da banca, Ana Luiza, Karina e Jesus, também agradeço por sua dedicação e contribuições. Também sou muito grato à professora Rita de Cássia que participou da banca de qualificação e infelizmente estava de licença saúde na banca de dissertação.

Ao meu orientador, Wellington, agradeço sua gentileza, paciência e generosidade em acompanhar e contribuir de maneira decisiva na produção desta pesquisa: seus apontamentos me deram a direção.

Aos possíveis leitores e leitoras de um futuro incerto: que sempre exista uma paisagem cultural onde nossas memórias possam habitar.

RESUMO

Nesta pesquisa etnográfica, busco apresentar a paisagem de Carolina-MA como um patrimônio cultural que ancora a identidade e a memória coletiva da comunidade que ali habita. Revelando diferentes aspectos da paisagem carolinense (sua urbanidade, pontos turísticos e sociabilidade), demonstro a necessidade urgentes da continuidade de articulações público-privadas que permitiram o reconhecimento de patrimônios e bens culturais dessa localidade, que ainda guarda outros que merecem a devida atenção. Durante o trabalho de campo, foram feitas observações (direta, participante e flutuante), as quais envolveram visitas ao Centro Histórico, museu, balneários e *resorts* do município, locais em que as interações entre pesquisador e interlocutores obedeceram a critérios específicos a cada situação. As redes sociais também foram um espaço importante de interação e observação do compartilhamento de narrativas e imagens sobre Carolina-MA. Uma pesquisa bibliográfica também foi realizada de modo a contextualizar o cenário social observado. Por fim, a pesquisa apresenta a paisagem como manifestação das relações entre natureza e sociedade, em permanente influência recíproca.

Palavras-chave: Cidade, Memória, Paisagem, Patrimônio e Turismo.

ABSTRACT

In this ethnographic research, I seek to present the landscape of Carolina-MA as cultural heritage that anchors the identity and the collective memory of the community that lives there. Revealing different aspects of landscape of Carolina (its urbanity, tourist attractions and sociability), I demonstrate the urgente need for continuity of public-private articulations that allowed the recognition of the heritage and cultural assets of this locality, witch still holds others the deserves due attention. During the fieldwork, observations were made (direct, participant, floating) witch involved visitis to Historical Center, museum, resorts and sightseeings in the municipality, places in witch interactions between researcher and interlocutors obeyed specific criteria for each situation. Social media were also very important space for interaction and observation the narratives and imagens shared about Carolina-MA. A bibliographic research was also carried out in order to contextualize the observed social scenario. Finally, the research presents the landscape as a manifestation of the relationship between nature and society, in permanent reciprocal influence.

Keywords: City, Memory, Landscape, Heritage and Tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01 – Centro Histórico de Carolina, em junho de 2022, após as obras de revitalização da Avenida Getúlio Vargas realizadas pelo Governo do Maranhão.....	p. 31
Imagem 1 – Mapa Turístico produzido pela Secretaria Municipal de Turismo de Carolina-MA.....	p. 34
Imagem 2 – Parte interior do Mapa Turístico do Polo da Chapada das Mesas produzido pela Secretaria Estadual de Turismo do Maranhão.....	p. 35
Imagem 3 – Parte exterior do Mapa Turístico do Polo da Chapada das Mesas produzido pela Secretaria Estadual de Turismo do Maranhão.....	p. 36
Imagem 4 – “Print” de um mapa de Carolina-MA no Google Maps, com destaque para a BR-010, a BR-230 e a Avenida Elias Barros.....	p. 42
Fotografia 02 – Entrada principal do Mercado Municipal de Carolina, em junho de 2022.....	p. 45
Fotografia 03 – Esgoto despejado no córrego Lava-Cara, na ponte da Rua Coelho Paredes no centro de Carolina, trecho atingido pelo enchimento do reservatório da barragem de Estreito e área de proteção permanente (APP) estabelecida pelo projeto básico ambiental (PBA), em novembro de 2022.....	p. 46
Fotografia 04 – Vista aérea do braço do rio Tocantins que adentra a área urbana de Carolina, na foz do córrego Lava-Cara, onde foi construída uma nova ponte de acesso ao bairro do Brejinho, em junho de 2022.....	p. 47
Imagem 5 – Mapa do território do município de Carolina.....	p.49
Imagem 6 – Pintura em aquarela de Thomas Ender, nomeada “Rio Maranhão e Serra das Figuras”.....	p. 51
Imagem 7 – Mapa da capitania do Maranhão, elaborado pelo militar português Francisco de Paula Ribeiro em conjunto com seus relatórios sobre as expedições por ele lideradas, realizadas no ano de 1815, por ordem do então governador da capitania.....	p. 52
Fotografia 05 – Vista aérea da beira-rio de Carolina-MA, em junho de 2022.....	p. 55
Imagem 8 – Mapa de 2022 do perímetro urbano de Carolina-MA.....	p. 57
Fotografia 06 – Painel no Museu Histórico de Carolina contendo os símbolos cívicos da cidade: sua bandeira, brasão e hino municipal.....	p. 59
Imagem 9 – Publicação do MHC sobre o centenário de Carolina.....	p. 59
Fotografia 07 – Espaço no Museu Histórico de Carolina dedicado aos objetos que celebram a memória de Nelson Maranhão: sua escrivaninha, partituras, fotos e instrumentos musicais.....	p. 60
Imagem 10 – “Print” de um mapa de Carolina-MA no Google Maps, com destaque para área da em que se localiza o MHC.....	p. 67

Fotografia 08 – Alunos da escola Américo Ayres em visita ao MHC, em novembro de 2022.....	p.65
Fotografia 09 – Alunos da Unidade Escolar Dirceu Arrais, do bairro carolinense do Brejinho, visitando o MHC e observando o painel sobre a formação do município.....	p. 68
Fotografia 10 – Apresentação artística durante a 6ª edição do sarau literomusical promovido pelo MHC.....	p. 70
Fotografia 11 – Execução por membros da orquestra Vivace, de Imperatriz-MA, da missa composta por Nelson Maranhão na Igreja Matriz de Carolina.....	p. 71
Imagem 11 – Publicação do MHC sobre o aniversário de Carolina compartilhada em suas páginas no Instagram e no Facebook.....	p. 72
Fotografia 12 – Carnaval de rua em Carolina, década de 1970.....	p.73
Fotografia 13 – Página de um dos livros da professora Raimunda Costa contendo sua biografia.....	p. 77
Fotografia 14 – Capa de uma das edições do jornal impresso Folha do Maranhão do Sul, disponível em formato encadernado na reserva técnica do Museu Histórico de Carolina.....	p. 80
Fotografia 15 – Dona Maria Ribeiro e Ruy Tadeu no evento “Memórias, Culturas, Território e Literatura Carolinense”, em novembro de 2022.....	p. 83
Fotografia 16 – Face da base do obelisco onde estava guardada a cápsula do tempo, em novembro de 2022.....	p. 85
Fotografia 17 – Banda carolinense “Shekiná” executou várias músicas antes da abertura da cápsula.....	p. 86
Fotografia 18 – Conteúdo da cápsula do tempo recebendo tratamento da empresa ARQUIVAR, sendo que todos os itens encontrados e recuperados foram colocados em um painel e atualmente estão expostos no Museu Histórico de Carolina.....	p. 87
Fotografia 19 – Obelisco da Avenida Getúlio Vargas, início do século XX.....	p. 90
Fotografia 20 – Comemorações do Dia da Independência em 2022, nas imediações do Portal do Ano 2000.....	p. 91
Fotografia 21 – Festejo de São Pedro de Alcântara na Avenida Getúlio Vargas, imediações da Igreja Matriz de Carolina, década de 1940.....	p. 92
Fotografia 22 – Monumento em homenagem a uma das mangueiras centenárias da Avenida Getúlio Vargas, em julho de 2021.....	p. 93
Fotografia 23 – Placa explicativa na Igreja Matriz, em maio de 2022.....	p. 94
Fotografia 24 – Vista aérea da Avenida Getúlio Vargas, em junho de 2022.....	p.96
Fotografia 25 – Inscrições rupestres no Morro das Figuras.....	p.101
Fotografia 26 – Cachoeira de São Romão.....	p.102

Fotografia 27 – Entrada do Complexo Turístico Pedra Caída.....	p.108
Fotografia 28 – Turistas recebendo orientações antes da descida à Cachoeira do Santuário.....	p.109
Fotografia 29 – Escadaria de acesso ao cânion da Cachoeira do Santuário.....	p.109
Fotografia 30 – Turistas tirando fotos de recordação da visita ao cânion da Cachoeira do Santuário.....	p.110
Fotografia 31 – Cachoeira do Santuário.....	p.112
Imagem 12 – “Print” de uma página de Instagram dedicada a divulgar fotos e vídeos compartilhados por turistas e moradores da região da Chapada das Mesas.....	p.114
Fotografia 32 – Em maio de 2022, parte da infraestrutura do Complexo Turístico Cachoeiras do Itapecuru, com destaque para o hotel de cinco (5) andares que ainda seria inaugurado.....	p.115
Fotografia 33 – Acesso às cachoeiras gêmeas a partir da margem direita, no balneário “Novo Barnho.....	p.116
Fotografia 34 – Visitantes tiram fotografias no balneário “Queda D’Água Cesário”, tendo como cenário parte da estrutura da expansão da barragem no rio Itapecuruzinho, realizada na década de 1960.....	p.117
Imagem 13 – “Print” de um momento da reportagem do Globo Repórter do dia 22 de abril de 2016 sobre o Parque Nacional da Chapada das Mesas, disponível no YouTube.....	p.118
Fotografia 35 – Um grupo de turistas de São Paulo fotografando um pedido de casamento surpresa durante a visita ao Portal da Chapada das Mesas.....	p.118
Imagem 14 – “Print” de uma página de Instagram dedicada a divulgar fotos e vídeos compartilhados por turistas e moradores da região da Chapada das Mesas, com uma turista caminhando pela BR-010 em direção ao Morro da Foice.....	p.119
Imagem 15 – Mapa da área do Centro Histórico de Carolina tombada pelo DPHAP-MA.....	p.123
Fotografia 36 – Corredor de entrada da Pousada dos Candeeiros.....	p.125
Fotografia 37 – O artista Denival Cirqueira em seu ateliê.....	p.126
Fotografia 38 – Vista aérea da praia de Filadélfia durante a década de 1990.....	p.129
Fotografia 39 – Centro de Atendimento ao Turista, em maio de 2022.....	p.130
Imagem 16 – “Print” de uma publicação das redes sociais do CAT mostrando sua equipe realizando o <i>city tour</i> com uma turma de uma das escolas públicas do município de Carolina.....	p.131

LISTA E ABREVIATURAS E SIGLAS

AIL	Academia Imperatrizense de Letras
ARCA	Associação Recreativa Carolinense
CESTE	Consórcio Estreito Energia
CAT	Centro de Atendimento ao Turista
CPAHT	Centro de Pesquisa de Arqueologia e História Timbira
CTI	Centro de Trabalho Indigenista
DPHAP/MA	Departamento do Patrimônio Histórico Artístico e Paisagístico do Maranhão
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISE	Investimento Social Estreito
MHC	Museu Histórico de Carolina
ONG	Organização Não-Governamental
PBA	Projeto Básico Ambiental
PIB	Primeira Igreja Batista
PIPES	Pedro Iran Pereira Espírito Santo
UEMASUL	Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UHE	Usina Hidrelétrica Estreito
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 PAISAGEM CIDADINA: Território & Sociedade	29
1.1. Nas margens da memória.....	29
1.2 Da “Terra do Já Teve” ao “Paraíso das Águas”.....	50
1.3 As (re)invenções de Carolina.....	58
2 PAISAGEM DE PERTENCIMENTO: Nostalgia & Expectativa	66
2.1 “Unindo Memórias”, forjando uma identidade.....	66
2.2 Cantos de perda e saudade	74
2.3 Vivendo um futuro sonhado	85
3 PAISAGEM TURÍSTICA: Deslumbramento & Consumo	97
3.1 Mitos da “Natureza” e a natureza dos mitos.....	97
3.2 Turistas e Turismo, máscaras e performances	103
3.3. Reconhecendo a paisagem como patrimônio.....	124
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	140
ANEXOS	148

INTRODUÇÃO

“Aquele que quiser, mesmo que fosse somente em certa medida, chegar à liberdade da razão, não tem o direito de se sentir na terra de outra forma senão como viajante – e nem mesmo para um périplo para um objetivo final: pois não o tem. Mas se proporá a observar bem e a manter os olhos abertos para tudo que se passa realmente no mundo; é por isso que não pode apegar muito intensamente seu coração a nada em particular; é preciso que tenha sempre nele alguma coisa do viajante que tem prazer pelas mudanças e pela passagem”.

- “Humano, demasiado humano”, Nietzsche.

O turismo se estabeleceu durante o século XX como uma indústria capaz de promover o desenvolvimento econômico e a valorização de territórios portadores dos mais diversos tipos de características. Além de propagar o *soft power* dos países, o turismo também permite a formação de uma nova camada de significados ao sentimento pátrio ao identificar certos cenários como representativos de povos específicos, lugares que simbolizariam determinadas culturas, onde estas podem ser visualizadas e vivenciadas durante um passeio ou viagem. Nesse sentido, a **paisagem** é um conceito ou categoria de pensamento que sintetiza certas aspirações por reconhecimento e identidade.

O atual predomínio da internet como instrumento de extensão das sociabilidades, através das redes sociais, não poderia deixar de abarcar o turismo, enquanto atividade que propicia o compartilhamento de imagens, principalmente fotografias, dos locais visitados em um passeio turístico, sendo esse tipo de postagem comum e geradora de *likes* e engajamento com muita facilidade, aparentemente criando um interesse quase imediato por apresentar novidades ou curiosidades, pois o exotismo nunca saiu de moda. A geração e circulação dessas imagens pode ser associada ao milenar hábito de contação de estórias pelos viajantes, uma forma de oralidade que inspirou diversos clássicos da literatura e influenciou as artes plásticas com sua temática. Em todas essas produções culturais, a descrição e apresentação da paisagem é um recurso indispensável para possibilitar a compreensão do contexto de uma narrativa. Ao alcançar primeiro a imaginação dos que recebem essas imagens e narrativas, a paisagem se apresenta como mais do que uma determinada disposição de certos elementos no espaço: a paisagem é uma manifestação da complexa interação recíproca entre natureza e humanidade.

Um termo polissêmico ou sujeito a diversas interpretações, a paisagem é um tema reconhecidamente interdisciplinar, embora apresente enfoques específicos na Antropologia, na

Arqueologia, na Arquitetura, na Geografia, na História e outras disciplinas. Nesta pesquisa, apresento um enfoque sociológico, embora dialogue com as contribuições das demais ciências humanas, a partir das considerações de Georg Simmel, em seu texto “A Filosofia da Paisagem”, de 1917.

Pelo termo natureza, entendemos a cadeia sem fim das coisas, o nascimento e o aniquilamento ininterrupto das formas, a unidade fluida do vir-a-ser, exprimindo-se através da continuidade da existência espacial e temporal. (...) A natureza que no seu ser e no seu sentido profundos tudo ignora da individualidade, se encontra remanejada pelo olhar humano – que a divide e decompõe em seguida em unidades particulares – nessas individualidades que chamamos de paisagens. (SIMMEL, 1996, p. 15-16)

Com base nesse precedente, é possível afirmar o caráter social da percepção estética que envolve a paisagem, uma categorização, a qual também comporta uma construção imagética e narrativa que designa uma determinada identidade comunitária, um aspecto relevante de uma comunidade imaginária¹ (ANDERSON, 2008).

A identidade nacional, só para mencionar o exemplo mais óbvio, perderia muito de seu fascínio feroz sem a mística de uma tradição paisagística particular: sua topografia mapeada, elaborada e enriquecida como terra natal. (...) E as paisagens podem conscientemente ser concebidas para expressar as virtudes de uma determinada comunidade política e social. (SCHAMA, 1996, p. 26)

Esse mesmo apontamento de Simon Schama (1996) referindo-se às camadas de memória e representações sociais que se acumulam no território de um país pode ser aplicado a porções menores de uma federação, como uma cidade. Nesta pesquisa, me detenho sobre a paisagem de Carolina, um município do estado do Maranhão.

Nos últimos cinco (5) anos, o governo do estado do Maranhão tem incentivado e promovido uma das atividades econômicas que mais se destaca como fator de dinamismo do crescimento regional: o turismo. Se até poucas décadas atrás o Maranhão era sinônimo de “marasmo”, atualmente tem apresentado índices de desenvolvimento mais promissores, o que permitiu que sua rica biodiversidade, uma verdadeira “maravilha” com três (3) biomas² em seu território, recebesse

¹ Segundo Anderson (2019), “Comunidades Imaginadas” são um produto da imaginação comunitária, retroalimentada pelas manifestações culturais e políticas dos agrupamentos humanos, e pelo reconhecimento dos seus sinais diacríticos por outras comunidades.

² O Maranhão apresenta três biomas em seu território: Amazônia, Cerrado e Caatinga. Por conta da diversidade apresentada nesse espaço, sete regiões ecológicas foram classificadas: Cerrado, Cocais, Chapadões, Planalto, Pré-Amazônia, Litoral e Baixada Maranhense (terras alagadas como no Pantanal) (MACHADO; PINHEIRO, 2016, p. 1411).

a devida atenção ao ser incorporada na lógica do capital através do ecoturismo. Aliada a este movimento, a cultura regional também recebeu novos incentivos, pois esta mantém estreitos laços com o meio ambiente. Um fato social total compartilhado por todo o Brasil, a trajetória histórica da sociedade maranhense é inseparável de sua relação com a natureza. De igual forma, cada um dos dez (10) polos turísticos³ do estado do Maranhão também manifestam essa interação entre cultura e natureza.

Apesar das limitações na circulação de pessoas, provocadas pela pandemia do COVID-19 que se alastrou pelo planeta a partir dos primeiros meses de 2020, o polo turístico da Chapada das Mesas continua em ascensão e já tem um lugar de destaque nas ações do governo do estado do Maranhão na promoção de propagandas turísticas para atrair mais visitantes, estando ao lado de outros locais nacionalmente conhecidos, como a capital São Luís (reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural Mundial em 1997) e os Lençóis Maranhenses (outra área transformada em Parque Nacional em 1981). O município do Sul do Maranhão que se notabilizou como sede desse polo turístico é Carolina, uma pequena e bicentenária cidade de cerca de 23 mil habitantes na divisa entre os estados do Tocantins e do Maranhão, cujos moradores, desde a década de 1980, tem se mobilizado e articulado ações nas esferas pública e privada de modo a aproveitar o potencial turístico apresentado pelos cenários naturais do território dessa localidade, que incluem centenas de cachoeiras, riachos de água cristalina e morros com o formato característico que dá nome ao Parque Nacional da Chapada das Mesas⁴.

Recentemente, Carolina foi impactada, junto com outras 11 cidades⁵, pelo enchimento do reservatório da Usina Hidrelétrica de Estreito, inaugurada em 2012, a qual em seu Projeto Básico Ambiental (PBA) promoveu o investimento em projetos culturais elaborados pela população da região na área de influência direta desse empreendimento como cumprimento de exigência legal imposta pelo Governo Federal. Esse financiamento permitiu a construção do Museu Histórico de Carolina, um antigo sonho arquitetado por um grupo de intelectuais carolinenses vinculados à ONG

³ Polo Amazônia Maranhense, Polo Chapada das Mesas, Polo Cocais, Polo Delta das Américas, Polo Floresta dos Guarás, Polo Lagos e Campos Floridos, Polo Lençóis Maranhenses, Polo Munin, Polo Serras Guajajara, Timbiras e Kanela e Polo São Luís. Fonte: Secretaria de Turismo do Maranhão. Disponível em: <<https://observatorio.turismo.ma.gov.br/polos-turisticos/>> Acesso em: 05 de julho de 2022.

⁴ O topo de grande parte dos morros dessa região tem o cume reto, um formato também conhecido como meseta.

⁵ As cidades são: Estreito, no Maranhão; Aguiarnópolis, Babaçulândia, Barra do Ouro, Darcinópolis, Filadélfia, Goiatins, Itapiratins, Palmeiras, Palmeirante e Tupiratins, no estado do Tocantins.

Carolina Via Verde⁶, organização que tem realizado várias ações de valorização da cultura regional desde a primeira década do século XXI.

Considerando esse contexto social apresentado, a proposta desta pesquisa é compreender o que há de atraente na paisagem carolinense, que elementos são considerados “encantadores” ou “inspiradores”, provocando admiração em visitantes e orgulho em moradores do município. Nossa hipótese é que há sentidos (ou aspectos culturais) socialmente construídos e imbuídos nesses cenários, o que torna essas experiências de aparente contato direto com a “Natureza” como sendo mediadas por uma determinada sociabilidade. Considerações que podem ser resumidas na seguinte pergunta: como a sociedade interage com uma paisagem? A resposta que proponho é que a paisagem é o resultado das interações entre sociedade e natureza em permanente e recíproca influência, constituindo-se como ambiência humanizada (KORMIKIARI, 2014). Esse conceito de paisagem corrobora os breves apontamentos de Max Weber (2016) sobre como agentes não humanos (objetos, animais, fenômenos naturais) podem ser imbuídos de sentido por meio da ação social.

Todo artefato, como uma máquina, por exemplo, se compreende e se interpreta, no final das contas, a partir do sentido que a ação humana atribui a sua produção e ao seu uso (ou queira atribuir, com as mais diversas finalidades). Sem recorrer a esse sentido, esta máquina ou artefato fica totalmente incompreensível. O compreensível é, pois, a sua referência à ação humana, seja como ‘meio’, seja como ‘fim’ imaginado pelo agente ou pelos agentes que orientaram a sua ação. Somente mediante estas categorias pode haver uma compreensão destes objetos. (WEBER, 2016, p. 616)

Tais proposições ganham eco na citação anterior de Simon Schama (1996) sobre como a paisagem serve de suporte para as memórias compartilhadas por um grupo. Esse aspecto social da construção da memória individual e de grupo remetem inevitavelmente ao trabalho de Maurice Halbwachs (2017), responsável pelo estabelecimento do conceito de *memória coletiva*, segundo o qual as experiências vividas em grupo servem de referência para a memória individual, isso também valendo para acontecimentos não presenciados pela pessoa que compartilha de determinado testemunho. Essa construção social da memória é de suma importância para a formação da identidade das pessoas e dos grupos, conforme explica Joël Candau.

⁶ Com sede em Brasília, essa entidade do terceiro setor é formada majoritariamente por carolinenses que residem em grandes cidades e capitais, mantendo laços de fraternidade para preservar suas lembranças de juventude em sua terra natal, cultivar o saudosismo e planejar ações culturais em Carolina-MA.

Esse trabalho da memória nunca é puramente individual. (...) o sentimento do passado se modifica em função da sociedade. (...) é impossível dissociar os efeitos ligados às representações da identidade individual daqueles relacionados às representações da identidade coletiva (...). Por isso, é um tecido memorial coletivo que vai alimentar o sentimento de identidade. Quando esse ato de memória, que é totalização existencial, dispõe de balizas sólidas, aparecem as memórias organizadoras, poderosas, fortes, por vezes monolíticas, que vão reforçar a crença de uma origem ou uma história comum ao grupo. (CANDAUI, 2018, p. 77)

A configuração geopolítica de Carolina é uma característica muito importante, conforme verificamos examinando sua trajetória histórica (REIS; PEREIRA, 2007), por isso o conceito de *fronteira* de José de Sousa Martins também foi uma referência significativa, ajudando a compreender como as relações sociais pautadas na colonialidade do poder, na sua inserção em um sistema mundial moderno/colonial (MIGNOLO, 2020). Demarcada e percebida a partir de grupos situados em outro lugar, a fronteira é vista como o espaço em direção ao qual o progresso avança, impondo aos povos originários e comunidades tradicionais uma lógica de organização social que lhe é estranha.

O que há de sociologicamente mais relevante para caracterizar e definir a fronteira no Brasil é, justamente, a situação de conflito social. E esse é, certamente, o aspecto mais negligenciado entre os pesquisadores que tem tentado conceituá-la. Na minha interpretação, *nesse conflito, a fronteira é essencialmente o lugar da alteridade*. É isso que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si, como os índios de um lado e os ditos civilizados de outro; como os grandes proprietários de terra, de um lado, e os camponeses pobres, de outro. Mas o conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro da fronteira é o desencontro das temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história. (MARTINS, 2019a, p. 133)

Nesse sentido, foi possível perceber na construção da paisagem urbana e turística de Carolina as marcas de uma colonialidade que foi se adaptando às mudanças na configuração dos modelos socioeconômicos que ditaram os passos do desenvolvimento econômico do Brasil em suas diversificadas realidades regionais. A partir dessas constatações é compreensível a posição atual de Carolina como pólo turístico: um rearranjo de sua imagem como lugar que preserva na sua paisagem citadina a história local e o meio ambiente. No entanto, tal imagem é questionável, conforme será desenvolvido nos capítulos posteriores. Neste momento, o mais importante é ressaltar o vínculo entre memória e paisagem, daí a relevância nesta pesquisa do conceito de *memória ambiental*, considerando a relação intrínseca entre as narrativas biográficas dos moradores e visitantes de Carolina e as transformações ocorridas no território deste município.

Estudar a memória ambiental é rememorar paisagens que, para nós, não mais se encontram nos mesmos lugares, que mudaram suas feições e que perderam sua antiga vibração, mas que, hoje, ainda provocam a imaginação criadora de outras gerações, e por razões diversas das nossas. Sem dúvidas, os eventos, os acontecimentos e as situações ditas ambientais assinalam rupturas e perdas para as vidas humanas, às vezes traumáticas, às vezes agradáveis. Mas não nos esqueçamos de que, em todos os jogos da memória ambiental, estão presentes outros humanos e não humanos, uma vez que o ambiente cósmico é igualmente social. (ECKERT; ROCHA, 2021, p. 11)

Sendo o lugar onde a criatividade humana é concretizada pelo trabalho e sociabilidade, a cidade se manifesta como reconstrução coletiva da natureza (ROLNIK, 1995). No entanto é preciso destacar as particularidades das cidades pequenas, como é o caso de Carolina-MA, as quais, mesmo em escala menor, compartilham dos aspectos gerais daquilo que se entende por núcleo urbano, principalmente a configuração de sua paisagem. “A cidade participa da própria forma perspectivista que produziu a paisagem. Ela é, por sua origem, natureza em forma de paisagem” (CAUQUELIN, 2007). Nessa linha de raciocínio, é possível afirmar que a paisagem também é um *lugar imaginado por determinada comunidade imaginada*. E o que seria então a *imaginação*?

Para conseguir apreender a existência da infinitude do Universo que habitamos, a humanidade concebeu um universo simbólico igualmente infindo em seu potencial, sendo este constituído por imagens construídas pelas percepções compartilhadas⁷ pelos seres humanos. Esse imaginário coletivo não é apenas uma abstração mental da realidade, mas uma ferramenta de transformação que permite moldar a aparência, a estética e a funcionalidade do meio ambiente e do próprio corpo humano. Uma manifestação da consciência, o imaginário é antes de mais nada produto das relações de um determinado ser humano em um determinado ambiente. Sendo a humanidade intrinsecamente social, todas as relações que esta estabelece são sociais, incluindo aquelas estabelecidas com os elementos da natureza. No entanto, o imaginário não é uma estrutura estática, do contrário: “a imaginação é dinamismo organizador, e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação” (DURAND, 2012, p. 30). Ao deformar as percepções em busca de um sentido, a imaginação cria representações com potencial de se tornarem ferramentas de transformação da realidade. Por isso, o imaginário é um repertório de experiências de vida, de possibilidades de viver. E o que garante a continuidade ininterrupta do processo de imaginação é a motivação essencialmente comunicativa das representações sociais: elas são sempre expressas tendo como objetivo alcançar o outro, o semelhante que compartilha da capacidade de apreender a

⁷ Por “percepções compartilhadas” quero dizer que os seres humanos são capazes de comunicar, de várias formas as sensações e estímulos sensoriais que experimentam através do seu corpo.

mensagem transmitida. Em suma, o símbolo “detém um essencial e espontâneo poder de repercussão” (DURAND, 2012, p. 31) além da capacidade de expressar-se das mais diversas formas.

Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são parte desse universo. São os variados fios que tecem a rede simbólica, o emaranhado da experiência humana. Todo o progresso humano em pensamento e experiência é refinado por essa rede, e a fortalece. O homem não pode mais confrontar-se com a realidade imediatamente; não pode vê-la; por assim dizer, frente a frente. A realidade física parece recuar em proporção ao avanço da atividade simbólica do homem. Em vez de lidar com as próprias coisas o homem está, de certo modo, conversando constantemente consigo mesmo. (CASSIRER, 1994, p. 48)

Assumo, portanto, o objetivo de apresentar um estudo sobre as narrativas que tem como ponto de partida o patrimônio cultural carolinense, sendo que este engloba não apenas aqueles elementos que foram tombados e reconhecidos pelo estado do Maranhão como históricos e arqueológicos, mas também o meio ambiente e os saberes e fazeres da população local, sendo que estes dois últimos ainda aguardam a devida atenção das instituições responsáveis pelas políticas públicas de preservação. Justamente por ser uma localidade onde podem ser encontrados vários tipos e modelos de intervenção humana no espaço natural, Carolina-MA é um objeto interessante para uma análise sobre exemplos concretos de *paisagem cultural*, uma categoria elaborada recentemente por instituições nacionais e internacionais que lidam com a questão do patrimônio. Considerada um pleonasmo por alguns especialistas, essa categoria de análise e reconhecimento seria aplicada a casos singulares de interação entre a cultura e o meio ambiente, sendo a cidade do Rio de Janeiro⁸ o exemplo mais famoso a nível internacional, onde pode ser observado o contraste entre o urbano e o natural, as montanhas e o mar. Assim como a paisagem do Rio de Janeiro suscita diversas narrativas sobre sua paisagem como palco da excepcional cultural carioca, Carolina-MA teria suas próprias narrativas de uma fronteira sertaneja em expansão.

Cabe salientar, também, que nesta pesquisa o termo “interação” vai além dos comportamentos entre interlocutores humanos que se engajam em um encontro face a face, como no interacionismo simbólico de Erwin Goffman e outros autores da Escola de Chicago (GIDDENS,

⁸ O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) apresentou a candidatura “*Rio de Janeiro: cultura carioca entre as montanhas e o mar*” em 2009, a qual foi aceita pela UNESCO em 2012. A chancela de Paisagem Cultural demanda uma articulação entre sociedade civil, empreendimentos privados e setor público para preservação dos elementos reconhecidos por esse instrumento, podendo ser revogada a chancela pelo órgão de outorga após periódica revisão. Conforme disponível na fonte: <<https://www.rio.rj.gov.br/web/irph/sitio-unesco>>. Acesso em: 02/02/2022.

2012), mas abarca também atores não-humanos, no caso desta pesquisa, os elementos que compõem a paisagem, sejam estes naturais ou artificiais. Por isso, ao falar sobre “interação” me refiro a um processo de trocas permanentes e recíprocas de influência entre “sociedade” e “natureza” como aspectos do mesmo sistema que integra este mundo que habitamos, embora a ênfase nesta pesquisa esteja nos fenômenos sociais.

Em suma, o objetivo desta pesquisa é compreender as interações sociais que se estabelecem entre os moradores de Carolina e os turistas que visitam a cidade a partir de suas narrativas sobre a paisagem dessa localidade. Em complemento, pretendo mostrar aspectos gerais e panorâmicos do cenário social carolinense; identificar as diferentes perspectivas de onde partem as narrativas sobre o município de Carolina, o lugar social de onde originam; por fim, analiso o turismo em Carolina como um fenômeno social relacionado ao contexto global de espetacularização da vida.

Tal empreitada de pesquisa sociológica demanda, além de uma articulação interdisciplinar, uma breve reflexão sobre a produção de um conhecimento situado, cujo pesquisador é originário da região e da população a ser pesquisada, ou seja, trata-se de um ponto de vista de uma pessoa com múltiplas pertencas ao campo, um nativo-etnógrafo.

Diferente dos pesquisadores que vêm de fora, esse tem relações com seu objeto e campo que transcendem o interesse científico: há um sentimento de pertença que resulta dos afetos e demais de sociabilidades desenvolvidas e do conhecimento quase intuitivo das práticas e rotinas. Há diversas formas de ser nativo (e de, por consequência, ser um nativo etnógrafo), assim como são diversos os grupos sociais que existem: esses vínculos podem estar relacionados a um movimento social ou cultural do qual se faz parte, a um grupo étnico, a uma comunidade de orientação sexual, a um tipo de pertença baseada na posição espacial (vila, bairro, favela, cidade), entre outros. (CONCEIÇÃO, 2016, p. 42-43)

Tais considerações problematizam a escolha metodológica por uma escrita etnográfica balizada na técnica da *observação participante* para a produção desta pesquisa qualitativa. Sendo assim, cabe aqui uma breve exposição de minha trajetória de vida. Minha motivação em pesquisar sobre o patrimônio cultural de Carolina-MA procede de que sou natural dessa cidade, onde as famílias de meus pais compartilham parentes e memórias, sendo também o lugar onde construí amizades, estabeleci vínculos religiosos e em que pude estudar até o Ensino Médio. Para além disso, cresci explorando as ruas desse município, seus bairros, os córregos e grotas da zona urbana e rural, compartilhando fofocas, causos, lendas e lembranças. Depois de uma breve passagem em Aparecida de Goiânia-GO, onde residi por três anos, retornei para Carolina em 2003, quando tive a oportunidade de trabalhar no jornal impresso “Folha do Maranhão do Sul” e, em seguida, integrar a equipe de mobilização social que participou da execução do programa ambiental de comunicação social para uma empresa terceirizada que informava a população atingida pela construção da Usina

Hidrelétrica de Estreito, e ainda acompanhando a execução de outros programas do Projeto Básico Ambiental (PBA) desse empreendimento de grande porte que reconfigurou a paisagem da região tocantina⁹.

Acredito que esse contexto social, no qual estou inserido, apresenta uma diversidade de possibilidades de pesquisa, as quais já apresentei em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no encerramento da minha graduação em Ciências Sociais, pela UFT, no campus de Tocantinópolis-TO¹⁰. Contudo, naquela oportunidade, meu foco era o Museu Histórico de Carolina (MHC), enquanto no presente momento pretendo dar ênfase ao patrimônio cultural carolinense, o qual inclui, além do aspecto histórico, os atrativos do cenário natural presente na zona rural dessa cidade. O grupo pesquisado passou a incluir moradores de Carolina que trabalham com o turismo, sendo estes agora identificados como interlocutores, assim como já o eram as pessoas envolvidas com a preservação do patrimônio histórico do município. Como carolinense com laços familiares e de fraternidade¹¹ na cidade, meus contatos iniciais com esses interlocutores são facilitados pelas referências sociais mútuas (parentesco, pessoas conhecidas, interesses compartilhados), embora existam muitos detalhes que eu ignorava por frequentar círculos de amizade e convivência diferenciados (classe social, religião). Em suma, conhecer diferentes realidades sociais coexistindo na minha cidade natal foi possível através das teorias das Ciências Sociais, ao mesmo tempo que o trabalho de campo esclareceu os conceitos acadêmicos, atividade que permitiu o estranhamento do familiar (VELHO, 2013).

Pesquisar sobre as interações desses atores sociais entre si, o meio ambiente e os turistas permitiram revelar dinâmicas de construção de identidade social e comunitária, esclarecendo aspectos particulares da cultura da região tocantina, da complexa trajetória das cidades ribeirinhas do Rio Tocantins e como tal porção do país se relaciona com o restante do Brasil. Sendo reconhecida por grupos locais a necessidade de articulação e mobilização da comunidade para preservar seus patrimônios culturais e modos de vida, esta pesquisa pode contribuir como um primeiro passo para inventariar esses bens culturais e visualizar como estes estão sendo apropriados pela economia dessa cidade.

⁹ Os maranhenses se referem à região Sudoeste do seu estado como “Região Tocantina”, estando ao lado da região tocantinense conhecida como “Bico do Papagaio”, sendo ambas margeadas pelo Rio Tocantins.

¹⁰ “Memorial da Fronteira”: O Museu Histórico de Carolina e o cenário social carolinense (2019), sob orientação da professora Dr^a Rita de Cássia Domingues Lopes.

¹¹ Além das amizades de infância e juventude, minha comunidade de origem é a membresia da Primeira Igreja Batista de Carolina, com a qual cultivo profundos laços de afetividade e cuja profissão de fé é vinculada à vertente histórica dessa denominação protestante.

Escolhendo a pesquisa de campo como fundamento da construção deste estudo, optei pela *etnografia da duração* (ECKERT; ROCHA, 2013a) como método de pesquisa e escrita científica propício para descrever as transformações e permanências da paisagem urbana no imaginário e representações sociais sobre a cidade, sobrepondo as várias memórias observadas e colhidas em campo de maneira a apresentar a multiplicidade de experiências vividas no município de Carolina.

(...) a etnografia da duração (...) tem por objetivo compreender os fluxos das imagens que narram as formas do viver o mundo contemporâneo, considerando-se seu acesso a partir dos jogos de memória coletiva que configuram as trajetórias sociais e as narrativas biográficas de seus habitantes. (ECKERT; ROCHA, 2013a, p. 69)

O ambiente preferencial das minhas visitas e circulação foi o Centro Histórico de Carolina, pois ali são encontradas as pessoas que foram meus interlocutores: moradores, ativistas da causa do patrimônio da cidade, turistas, guias turísticos e outros empreendedores dessa área de atuação. A Avenida Getúlio Vargas, local onde se encontra o Centro Histórico, é uma via pública razoavelmente larga para os padrões das cidades interioranas do Maranhão e mesmo do Tocantins, tendo poucos exemplos semelhantes. Entre os 500 imóveis tombados pelo Departamento do Patrimônio Histórico Artístico e Paisagístico do Maranhão¹² (DPHAP-MA), estão residências¹³ (enfileiradas em cada lado da avenida), a Igreja Matriz, a casa paroquial, o antigo seminário católico preparatório de sacerdotes (atualmente desativado), além de várias pousadas, sendo a mais representativa a Pousada dos Candeeiros, a qual apresenta uma decoração de interior peculiar, pois demonstra uma certa semelhança com a exposição praticada em museus históricos. Nas proximidades, em ponto extremo oposto à Igreja Matriz, encontra-se a Prefeitura Municipal, na Praça Alípio de Carvalho, e o Museu Histórico de Carolina (MHC), na rua adjacente chamada Diógenes Gonçalves. No MHC poderemos consultar extenso material composto de suas exposições permanentes e temporárias, além de sua reserva técnica com mais de 3.000 itens que ainda esperam trabalho de catalogação. Na Praça Alípio de Carvalho também se encontra o Centro de Atendimento ao Turista (CAT), um espaço para tirar dúvidas de turistas, distribuir material de divulgação turística e onde são tiradas eventuais fotos que são postadas na página do Instagram do CAT.

¹² Além do Centro Histórico de Carolina, esse tombamento realizado em 1993 identificou os sítios arqueológicos do Morro das Figuras e do Morro das Araras.

¹³ As residências tombadas pelo DPHAP-MA, apesar de progressivamente sofrerem desconfigurações arquitetônicas, ainda apresenta certos aspectos de um estilo colonial tanto em suas fachadas como na disposição dos cômodos interiores, remetendo à cultura ribeirinha regional do final do século XIX.

Com os moradores, minha técnica foi a da *observação participante*, aproveitando nossos contatos prévios e aproximação facilitada pela minha identificação como carolinense e filho de carolinenses¹⁴, sendo eu já reconhecido como pesquisador voluntário do MHC, tendo inclusive acesso aos projetos das futuras exposições e projetos culturais desenvolvidos por seus administradores. Minha abordagem entre os turistas foi a da *observação flutuante*¹⁵, técnica desenvolvida por Colette Pétonnet (2008) que julguei adequada ao meu caso pois tratam-se de indivíduos em fluxo constante, com os quais dificilmente terei uma oportunidade de contato mais aprofundado, sendo suficiente para mim colher suas percepções sobre sua experiência em Carolina, observando suas interações com a paisagem de determinados pontos turísticos. O meu objetivo ao entrar em contato com seus dois grupos (nativos e turistas) foi colher suas narrativas e analisar as semelhanças e particularidades na sua relação com a paisagem carolinense, quais elementos desse espaço social foram marcantes para sua experiência nesse lugar.

O método etnográfico da *observação direta* (ROCHA; ECKERT, 2013b) também foi importante na execução da pesquisa, por isso a maioria dos dados foram recolhidos a partir de anotações e fotos em campo, em visita às exposições do museu e da área do Centro Histórico, ou transcrições de entrevistas gravadas em áudio ou vídeo, de acordo com a anuência dos interlocutores contatados. Por conta do contexto da pandemia e suas seguidas ondas de infecção, em alguns momentos esse contato foi realizado por telefonemas, grupo de WhatsApp, e-mail e ainda em entrevistas em ambiente digital e reuniões virtuais síncronas.

Em outras palavras, inspiradas por Roberto Cardoso de Oliveira (1998), podemos dizer que nossa pretensão neste trabalho é oferecer uma escrita sistematizada, baseada na percepção disciplinada pelas diretrizes das ciências humanas, de forma a apresentar uma visão panorâmica coerente do contexto social carolinense em sua relação com a paisagem.

Por conta dos aspectos históricos do patrimônio cultural carolinense, um diálogo muito próximo com a disciplina da História é necessário, pois obras de historiografia fazem parte de nosso levantamento bibliográfico. O essencial é perceber que a complexa escrita da História tem autoria, parte de determinadas circunstâncias do presente que provocam a necessidade de perguntas

¹⁴ Meu pai e meu avô paterno foram jogadores de futebol dos times amadores que jogavam em campeonatos locais e regionais, sendo razoavelmente conhecidos por várias pessoas mais antigas na cidade.

¹⁵ “O método utilizado é aquele que nós qualificamos de ‘observação flutuante’ e ao qual nos dedicamos há algum tempo, ao longo dos trajetos parisienses impostos pelas atividades cotidianas ou pela necessidade de movimento que o sedentário experimenta. Ele consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixa-la ‘flutuar’ de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes. (PÉTONNET, 2008, p. 102).

específicas ao passado, tornando-o sempre vivo e instigante (LUCA, 2020). Dessa forma, a principal contribuição dos historiadores para a Sociologia é a advertência ao constante risco do anacronismo na aplicação da teoria social, enquanto os sociólogos podem contribuir sugerindo novas perguntas às pesquisas históricas a partir de seu arcabouço teórico, renovando, por consequência, o debate de temáticas por vezes consideradas estagnadas (BURKE, 2012). Como o MHC foi um banco de imagens ao qual recorreremos, por ser um produtor de um determinado tipo de narrativa, também fiz aproximações com a Museologia. Com essa área do conhecimento, a Sociologia pode contribuir aprofundando a percepção já estabelecida de que o museu é uma instituição que surge das necessidades da sua comunidade de origem, instigada por seu contexto social, atendendo uma demanda por memórias identitárias, que na maioria das vezes dá ênfase a grupos sociais determinados e específicos (GOB; DROUGUET, 2019). Outra fonte documental são as obras de literatura memorialista, que forneceram expressões imagéticas que povoam a mentalidade das pessoas da região, sua relação com os rios, as matas e morros que caracterizam a localidade e sobre os quais a malha urbana dos municípios se estenderam.

Toda essa multiplicidade de perspectivas nos proporcionou a identificação de um processo constante de (re)invenção daquilo que vem a ser reconhecido como sendo o município de Carolina, fruto dos discursos e das narrativas que se originam de um diálogo entre a própria comunidade carolinense e grupos de interesses externos. Para analisar esse aspecto do contexto pesquisado, tivemos como referência o livro “A Invenção do Nordeste” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011), que mostra como um território pode ser reconfigurado nas representações sociais a partir de produções imagético-discursivas.

A divisão dos capítulos desta pesquisa busca alcançar essa diversidade de formas de expressão do universo simbólico humano conforme pode ser percebido através e pela paisagem: o primeiro capítulo, “paisagem citadina: território e sociedade”, se detém nos aspectos da cidade que estão diretamente relacionados com a urbanidade do município de Carolina: seu território (primeiro tópico), sua história (segundo tópico) e seu civismo (terceiro tópico). As discussões não são estanques e tem repercussões que dialogam entre os capítulos e tópicos. A divisão é uma tentativa de organizar a visualização panorâmica que se pretende apresentar de Carolina. O segundo capítulo, “paisagem de pertencimento: nostalgia e expectativa” irá se ocupar de manifestações por parte dos habitantes da cidade que demonstram como o território do município também é um espaço social e de sociabilidades, afetividades e expressão política. Atividades museológicas (primeiro tópico) e de proteção do patrimônio cultural (segundo e terceiro tópicos) tem ênfase nessa parte. O terceiro

capítulo, “paisagem turística: deslumbramento e consumo”, apresenta a atividade turística como um fenômeno social típico da nossa época e que manifesta a maneira particular como, sob influência do capitalismo, a sociedade brasileira se relaciona com a natureza (primeiro tópico). Os turistas são apresentados como atores sociais que exibem uma performance específica, motivada por influências sociais mais amplas (segundo tópico). Por fim, a cidade de Carolina mostra ser um estudo de caso sobre o impacto da alternância de ciclos econômicos no espaço social e no exercício da cidadania por parte dos habitantes do município (terceiro tópico). Essa divisão que se totaliza em nove (9) tópicos também é inspirada no sumário de “As Musas: Poesia e Divindade na Grécia Arcaica”, de Luis S. Krausz (2007), o qual por sua vez homenageia as antigas religiões de mistério helênicas e as próprias musas.

Por fim, quero esclarecer a alegoria expressa no título principal desta pesquisa. Minha intenção não é homenagear ou louvar a paisagem de Carolina, mas utilizar as divindades gregas da inspiração, as musas, como metáfora para o **deslumbramento como fenômeno social**, o encanto que as pessoas têm pela paisagem carolinense neste caso particular. Segundo o poeta grego Hesíodo (2007), as musas eram filhas do deus governante do Olimpo, Zeus, e da deusa da Memória, Mnémossine, cada uma delas responsável por inspirar a produção técnica e artística de uma determinada atividade do espírito humano¹⁶. Ao visitar seus templos e participar da fruição estética ali realizada por meio de objetos e performances artísticas, os seres humanos poderiam desfrutar de uma catarse ou mesmo ter acesso a uma percepção da realidade do ponto de vista divino, tal como ocorria com os poetas itinerantes, os aedos (KRAUSZ, 2007). Dentre as musas, Polímnia, do grego “Aquele de muitos hinos” (PETROPOULOS, 2019), era também associada à agricultura e à retórica, técnicas e artifícios relacionados de modo diverso à constituição das cidades. Sendo a agricultura o cultivo do território, a domesticação do espaço natural, e a retórica o resultado da comunicação estabelecida pelas disputas políticas, Polímnia, essa divindade versátil, pode servir também como musa da paisagem, alegoria para a capacidade da sociedade de imbuir determinados discursos imagéticos numa porção selecionada do ambiente natural. O pesquisador Joseph Campbell (2009) dizia que mitos são narrativas sobre a experiência de estar vivo; que todos os deuses e demônios habitam em nós, pois são alegorias para potenciais de desenvolvimento psicológico do ser humano. Proponho algo semelhante ao utilizar o termo “musa” no título deste trabalho: evoco a imagem arquetípica da inspiração divina para um sentimento ou impulso de origem “oculta” (considero que

¹⁶ Seus nomes e respectivas artes a elas associadas eram: Calíope (Poesia Épica), Clio (História), Erato (Poesia Erótica), Euterpe (Música), Melpômene (Tragédia), Polímnia (Hinos Sagrados), Talia (Comédia), Terpsícore (Dança) e Urania (Astronomia).

seja social) que nos arrebatam, provocando sensações intensas que nos levam a querer expressar essa experiência de alguma maneira. Nos dias atuais, principalmente, fotos e vídeos das visitas a lugares turísticos previamente selecionados e reconhecidos como tais. Não que tais localidades realmente não possam ser bonitas ou apreciáveis, mas há toda uma dinâmica social ao redor que potencializa e conduz essa experiência de deslocamento e peregrinação (URRY, 2001). Para os nativos, a paisagem evoca memórias e sentimento de pertencimento; para os visitantes, o deslumbramento pelo “novo” ou “peculiar” devidamente catalogado e disponível ao deleite pela mediação de infraestruturas turísticas que garantem o conforto dos viajantes em todo o processo de visita.

Encerro esta introdução no mesmo espírito de meu conterrâneo Hilton Japiassu, que entendia a objetividade científica como inseparável da sociedade que produz o conhecimento e de um processo de conscientização humana. Sendo assim, esta pesquisa apresenta-se como um “convite” para que se conheça a realidade social de Carolina-MA e que os leitores e leitoras possam dar suas próprias contribuições à produção do conhecimento científico da maneira que lhes for mais agradável.

1 PAISAGEM CIDADINA: Território & Sociedade

1.1. Nas margens da memória

“Do lado daquela cidade existe um rio...
De eternidade, amores e barcaças e barrancas e capins
Tucunaré, piau e um matagal que é sem igual
Riacho do cacau a desaguar no Tocantins.

Toca essa água, toca essa mágoa
Toca e deságua, Tocantins.”

- “Imperador Tocantins”, Carlinhos Veloz (1992)¹⁷

“Gigante pela própria natureza”, o Brasil tem proporções continentais e igualmente vastas são as vivências e narrativas sobre a experiência de habitar cada canto deste país. Em termos de visibilidade, as cidades litorâneas têm muito mais divulgação do que os pequenos municípios do interior, onde aguardam ser conhecidos inúmeros detalhes da nossa história e aspectos pouco esclarecidos da nossa cultura nacional. Em especial, as cidades ribeirinhas da região Norte são um exemplo da expansão do desenvolvimento social e dos interesses econômicos. Estabelecido como divisa entre os estados do Maranhão e do Tocantins, e as regiões Nordeste e Norte, o rio Tocantins é o elemento de grande influência na cultura das cidades que surgiram e crescem em suas margens.

Conviver com a presença exuberante de tão grande fluxo de água inevitavelmente transformou este rio numa referência espacial e temporal para a população local. Seu ciclo de enchentes, hoje interrompido em função das várias barragens que nele foram construídas, ainda fazem parte das lembranças de muitos moradores da região Tocantina, em especial aqueles de Carolina-MA, os quais costumam compartilhar em suas redes sociais fotos da famosa enchente de 1980 e das praias de aluvião que apareciam no período de seca, em especial no mês de julho.

Assim como Tocantinópolis-TO, Porto Nacional-TO, Porto Franco-MA e Imperatriz-MA, Carolina-MA cresceu a partir do povoamento das margens do Tocantins, onde surgiram suas primeiras ruas e onde ainda estão presentes marcos arquitetônicos desse período, como casas em

17 Peço compreensão ao autor da canção e aos moradores da cidade de Imperatriz-MA, pois esta música originalmente é uma homenagem a esta importante cidade do sudoeste maranhense. Minha intenção é tão somente utilizar as imagens evocadas na canção como alegoria para um cenário semelhante ao encontrado em Carolina-MA. Faço o convite para que o(a)s leitor(a)s ouçam esta bela música na íntegra.

estilo colonial e a catedral da Igreja Católica da cidade. Mesmo que as novas gerações não compartilhem do mesmo repertório de referências das gerações mais antigas, a paisagem local, que se estende pelo horizonte pontilhado de morros, preenche a visão de qualquer morador ou visitante com o sentimento de encanto, tal como descreve o memorialista Rossini Gonçalves Maranhão.

O anfiteatro que circunda a cidade, formado pelas serras goianas e maranhenses, refletidas no espelho do rio Tocantins, que as separa, empresta à paisagem caleidoscópica uma visão panorâmica jamais conhecida em outras regiões.

Ali, nas terras goianas, emaranham-se as serras sempre azuis que formam o espinhaço da “Torre da Lua”, com seus alcantilados audaciosos, ecoando o aboio prolongado dos vaqueiros e aqui, do lado maranhense, dominando e emoldurando o quadro grandioso, destaca-se, à direita, o “Morro do Chapéu”, em cujas cercanias tons de verde e azul se alternam de momento a momento com as sombras projetadas pelas nuvens sempre presentes.

Nas tardes ensolaradas, quando o poente incendeia os aparados e aqueles páramos longínquos, o azul das serras adquire matizes indefinidos com a bruma que se levanta à proporção que o dia morre. Dentro em pouco, virá o clarão prateado da lua, que se alastrará nos chapadões arenosos, nas matas onde o pau d’arco é um milagre de floração, nas praias e nas águas remansosas do rio que se arrasta a vida inteira, rolando, rolando para o mar, ou um céu azul-escuro, muito próximo, como um tapete salpicado de estrelas, ostentando a claridade difusa da Via-Láctea, nas noites quentes, quando a brisa é dádiva da natureza amenizando a tropicalidade ambiente.

Espectadora privilegiada do cenário cinemascópico, simpática e acolhedora, ergue-se, ciosa de suas tradições, distante e esquecida, a cidade onde nasci, com o seu casario branco atarracado emergindo dentre as mangueiras longevas, árvores veneráveis que atravessaram os tempos produzindo frutos saborosos e espalhando a sombra que conforta, no simbolismo da missão universal das mães que tudo dão e nada recebem.

É Carolina! O meu mundo perdido. É a terra tranquila das festas juninas, dos balões, das rodas e das prendas em torno das fogueiras, tomando aluá e comendo canjica, das crendices ingênuas e do bumba-meu-boi...

Ah! Velhos tempos! Como andamos diferentemente: vocês modificando os hábitos, mudando as tradições e eu me transformando num velho burocrata, sufocando o estro poético da juventude. Velhos tempos queridos, que se escondem no recôndito das minhas recordações, eu lhes peço: façam girar para trás a máquina da vida e me permitam a oportunidade de reatar relações com o meu mundo feliz, com o meu mundo perdido... (MARANHÃO, 1956, p. 23-24)

Fotografia 01 – Centro Histórico de Carolina, em junho de 2022, após as obras de revitalização da Avenida Getúlio Vargas realizadas pelo Governo do Maranhão.



Fonte: Miquéias Ivens de Carvalho.

A descrição retocada de emoções de Rossini é bem representativa da literatura em Carolina-MA, pródiga em cantar a saudade de uma geração que não teve outra alternativa a não ser buscar em outros lugares do país a formação acadêmica e as oportunidades de trabalho que escasseavam em sua terra natal. Enquanto a construção de Brasília e da BR-153 (a famosa Belém-Brasília) fez surgir e crescer outros centros urbanos, cidades interioranas que tinham baseado sua economia no comércio com Belém-PA pelo rio Tocantins na primeira metade do século XX vivenciaram um longo período de desaceleração socioeconômica. Esse ciclo de estagnação perdurou até a primeira década do século XXI, quando a estabilidade monetária do Plano Real e as políticas públicas de desenvolvimento regional dos governos do PT trouxeram obras e instituições de ensino superior que promoveram um novo folego para essas mesmas cidades em estado de aparente marasmo.

Contudo, como expressa a indignação do final do texto de Rossini, a população de Carolina-MA não aceitou passivamente as novas condições que lhe eram impostas. Além do êxodo, muitas tentativas de empreendedorismo se sucederam, como a cooperativa extrativista Fruta Sã, porém, foram as iniciativas relacionadas ao turismo que lograram sucesso, embora enfrentassem seus inevitáveis contratemplos. O que o contexto do sudoeste maranhense, onde se localiza Carolina-MA, demonstra é a interdependência das realidades locais com a conjuntura nacional e

internacional. É preciso considerar a necessidade de um conceito mais claro de “cidade pequena” para compreender essa situação que descrevo.

Enquanto conceito, as cidades pequenas são, então, núcleos urbanos que representam uma extensão menor se comparada a centros de outro porte e atendem ao pressuposto da realização da vida, da produção do espaço e da reprodução capitalista, na divisão territorial do trabalho em escala internacional. (SPOSITO; SILVA, 2013, p. 40)

Nesse sentido, as cidades do interior sul-maranhense desenvolvem sua trajetória conforme atendem certas funcionalidades no contexto regional. Se Imperatriz-MA se tornou uma cidade de médio porte através do comércio e das indústrias que ali chegaram e Balsas-MA passou a ser referência no agronegócio com a produção de soja pelos gaúchos, Carolina-MA encontrou uma oportunidade de ressurgência nas paisagens naturais do seu território, cujos atrativos mostram-se irresistíveis para visitantes cada vez mais ávidos por cenários em que a natureza se mostra menos vilipendiada, diferentes das metrópoles que crescem vertiginosamente pelo Brasil.

O que antes era quase uma exclusividade do saudosismo dos migrantes carolinenses ou da aventura dos moradores agora se abre para a visitação de turistas atraídos pelas imagens compartilhadas em redes sociais mostrando pessoas se divertindo em paisagens consideradas paradisíacas. Na verdade, trata-se de um território que foi ignorado por muito tempo, mas que experimenta atualmente uma valorização provocada pela importância que a sociedade brasileira e a comunidade internacional tem atribuído à temática do meio ambiente. Nesse contexto, espaços que foram deixados de lado, relegados às margens da memória, tornaram-se a esperança de um porto seguro diante do fluxo torrencial de experiências e informações velozmente compartilhadas na sociedade contemporânea.

No entanto, buscar refúgio da modernidade nas cidades do interior é uma ilusão: a internet alcança os rincões mais distantes, criando uma realidade aumentada onde, virtualmente, tudo e todos são vistos de modo recíproco e simultâneo. Apenas uma leve desaceleração do ritmo frenético das grandes metrópoles é permitida, o que inadvertidamente pode gerar uma certa sensação de alívio da rotina de trabalho diária. As cidades do interior do Brasil também têm sua rotina e cotas próprias de cansaço e stress, porém, o visitante em experiência de turismo vivencia um deslocamento espacial e de relações sociais que lhe permitem performar um comportamento específico: o de “turista”. Esta figura arquetípica será debatida com mais profundidade no segundo tópico do terceiro capítulo, basta por hora mencionar que os turistas já são parte integrante da nova rotina que o ciclo econômico

do ecoturismo acrescentou ao cotidiano de Carolina-MA, consolidado ao longo das últimas três décadas.

O aspecto da realidade carolinense que mais foi alterado por esse momento recente é justamente a percepção da paisagem, como ela passa a ser representada e imaginada, como o cenário natural passa a fazer parte da identidade política da cidade. Um apontamento mais específico sobre essa questão será demonstrado no terceiro tópico deste capítulo. No entanto, convém nesta oportunidade tratar da importância do conceito de “território” e como ele difere da “paisagem”, embora tenham conexão.

“Território” pode ser entendido como a expressão especializada de relações sociais e manifestação do exercício do poder de determinados grupos sociais a partir da referência a substratos materiais específicos de uma localidade (SOUZA, 2013). Disputado e mantido por uma teia de ações políticas e práticas culturais, o território é um aspecto fundamental da identidade de uma comunidade imaginada (ANDERSON, 2008). A paisagem citadina, ou a representação desta, é uma manifestação desse conjunto de forças em ação na sociedade, seja de indivíduos influentes ou grupos exercendo poder pela transformação física dos cenários urbanos ou como estes são retratados. A propaganda turística em Carolina-MA tem apresentado manifestações interessantes desse fenômeno na confecção de mapas e de roteiros turísticos para orientar os visitantes que chegam ao município.

As narrativas da cidade circunscritas aos processos recentes de sua apresentação para “outros”, os visitantes, caracterizam-se pela afirmação permanente de ícones, pela busca de singularidade e simultânea tentativa de integração da urbe ao circuito amplo de imagens que se processam no mundo. O conceito de narrativa para pensar as formas contemporâneas de apresentação da cidade supõe que os estilos contemporâneos utilizados para contar a “história da cidade” adaptam antigos significados culturais ou reminiscências atualizadas nos materiais típicos de produções massivas (BARREIRA 2012, p. 28)

As considerações de Irllys Barreira acima citadas nos lembram que Walter Benjamin (2020) afirmou sobre a influência das transformações socioeconômicas na produção das narrativas. Inevitável pensar em como a Internet transformou o compartilhamento de vídeos e imagens em redes sociais numa nova forma de narrativa, temática que abordaremos no segundo tópico do último capítulo desta pesquisa.

Imagem 1 – Mapa Turístico produzido pela Secretaria Municipal de Turismo de Carolina-MA.



Fonte: Secretaria Municipal de Turismo de Carolina.

A representação do território da cidade de Carolina na imagem acima privilegia os aspectos que são de maior interesse aos visitantes ou, melhor dizendo, fazem parte da construção social que os identificou como pontos turísticos: seus rios e cachoeiras, seus morros e as estradas que dão acesso a esses atrativos. Uma incógnita que chama atenção é o busto de um indígena no canto direito superior: embora pareça uma representação de um nativo dos povos originários norte-americanos parece querer fazer uma alusão aos nossos povos originários, que no caso de Carolina-MA também tem uma trajetória triste de violência e de perda da terra ancestral, conforme veremos no tópico seguinte.

As imagens nas próximas páginas também são de mapas turísticos, estes produzidos pela secretaria estadual de Turismo do Maranhão, com um enfoque mais lúdico não só para os pontos turísticos, mas para as atividades de passeio e recreação que podem ser realizadas no Polo Turístico das Chapadas das Mesas.

Imagem 2 – Parte interior do Mapa Turístico do Polo da Chapada das Mesas produzido pela Secretaria Estadual de Turismo do Maranhão.



Fonte: Secretaria Estadual de Turismo do Maranhão.

Imagem 3 – Parte exterior do Mapa Turístico do Polo da Chapada das Mesas produzido pela Secretaria Estadual de Turismo do Maranhão.



Fonte: Secretaria Estadual de Turismo do Maranhão.

Um aspecto que fica muito evidente nesse mapa produzido pela Secretaria de Turismo são as indicações de como os centros urbanos de cada município estão distribuídos pelo território do sudoeste do Maranhão, integrado de modo quase completo no Polo Turístico da Chapada das Mesas, o que representa em forma cartográfica as considerações que tecemos anteriormente sobre como as cidades buscam se posicionar em relação umas às outras em termos de funcionalidade, daquilo que podem oferecer aos seus moradores, visitantes ou possíveis investidores.

Pensados como peças publicitárias, estes mapas turísticos apenas dão leves indicações de que existe uma cultura regional, seja na alusão aos povos indígenas apresentada no mapa da secretaria de turismo de Carolina ou nas gravuras do mapa da secretaria estadual de turismo que mostram estruturas arquitetônicas que podem ser encontradas na região. O presente trabalho pretende se aprofundar em outros aspectos da paisagem urbana e rural que demonstram como a paisagem é uma construção social que representa a interação entre sociedade e natureza, interação essa que pode desenvolver-se das mais variadas formas e sempre de maneira dinâmica.

Por essa razão, foi fundamental a experiência etnográfica vivenciada durante a pesquisa, a qual evidenciou que o trabalho de campo em um território familiar é um desafio *sui generis* pela necessidade de romper a pretensa naturalidade das rotinas vivenciadas na comunidade em que nasci e cresci. Embora esteja morando em outra cidade e tenha conhecido a realidade de outros municípios e outros estados brasileiros, minhas raízes na cidade de Carolina ainda são muito fortes, corporificadas nas relações de afeto e parentesco com diversas pessoas dessa localidade. No entanto, são as minhas inquietações de criança que guiam muitas das observações que realizei na pesquisa de campo. Sempre tive curiosidade sobre os monumentos nas praças da cidade, os antigos casarões do Centro Histórico, a literatura produzida pelos conterrâneos e outros aspectos peculiares sobre a trajetória do município.

Muito dessa curiosidade infantil se deve ao fato de que tais aspectos por mim percebidos se diferenciavam da minha origem familiar, pelo lado paterno de trabalhadores urbanos do comércio local e pelo lado materno de agricultores e pecuaristas sertanejos. O que hoje, amadurecido, percebo é que me chamava a atenção as diferenças da ocupação do território em termos de classes sociais: como as casas das famílias mais ricas se distinguiam das residências das pessoas com menos recursos; como o acesso e a produção da cultura se manifesta de forma diversa entre esses grupos, demonstrando que não há homogeneidade mesmo num ambiente de baixa densidade demográfica.

Um elemento que esta pesquisa revelou sobre minha própria ancestralidade é que, assim como a maioria da população, tenho origens diversas, coerentes com a intensa mestiçagem que caracteriza o povo brasileiro, principalmente os habitantes do Norte e Nordeste. Conversando com parentes mais velhos fui informado de ascendentes que eram indígenas, descendentes de escravizados e luso-brasileiros que aparentavam guardar tradições criptojudáicas. Um cenário mais rico e interessante do que eu havia imaginado se apresentava diante de mim e esta é a motivação da diversidade de temas que me proponho a tratar.

Dessa forma, o que posso transmitir de mais vívido da experiência da pesquisa de campo é a sensação de que o território é bem mais do que uma delimitação cartográfica ou geográfica, sendo melhor entendido como um espaço de convivência comunitária, no qual se acumulam manifestações da temporalidade e da duração das relações sociais estabelecidas dentro de determinados grupos que compõem uma sociedade. A característica da paisagem citadina que melhor transmite essa ideia e permite sua observação direta na pesquisa de campo é como as ruas se distribuem no perímetro urbano.

Em Carolina, há uma metáfora inscrita de forma espontânea em sua malha urbana, demonstrando esse deslocamento de pólos regionais de crescimento econômico: a Avenida Elias Barros (nome do fundador da cidade) vai do cais da beira-rio, onde a balsa da empresa PIPES¹⁸ atravessa pessoas e veículos para a margem tocantinense, localização da cidade de Filadélfia-TO, até o entroncamento num dos limites da área urbana do município, lugar em que a BR-010 (que liga Carolina a Estreito-MA e à BR-153) se encontra com a BR-230 (que vai em direção a Terezina-PI). Cortando a cidade praticamente ao meio, a Avenida Elias Barros vai do nascente, onde estão os bairros e loteamentos mais recentes, para o poente, localização das ruas mais antigas e do tombado Centro Histórico.

As laterais Norte e Sul da malha urbana carolinense são extremidades em que são encontrados bairros periféricos, sendo o Brejinho aquele que carrega o estigma social da pobreza. No lado oposto, ao Sul, o bairro Vitorino Freire também carrega essa marca, embora com menos destaque. Um logradouro em particular nas proximidades desse bairro e que se distingue como uma referência particular é a Rua do Petróleo. Ali foi realizada uma prospecção pela Petrobrás, em

18 Sigla para o nome do proprietário da empresa, Pedro Iran Pereira do Espírito Santo, figura relevante e influente no meio social, tanto de Carolina-MA, quanto de Filadélfia-TO, bem conhecido na região por conta da presença de suas balsas que realizam travessias e de outros empreendimentos em outras áreas, como o complexo turístico da Pedra Caída, localizado a 30 km da sede do município de Carolina-MA.

meados da década de 1960, pois estudos apontavam a forte probabilidade da presença desse precioso fóssil. No entanto, apenas foi encontrado um imenso aquífero subterrâneo e a partir dali a área passou a ser conhecida como Caixa D'água por conta da infraestrutura construída para fazer o aproveitamento das águas do subsolo.

Esses acontecimentos ainda são lembrados pelas pessoas mais velhas da cidade, que ainda guardam o costume de conversar na porta de casa, mesmo competindo atenção com *smartphones* e redes sociais, além da ainda onipresente televisão. Mesmo com tanto assédio midiático, ocasionalmente uma quebra da rotina faz os velhos costumes de contação de causos ressurgir: às vezes uma chuva forte faz a energia e a internet caírem. O próprio ímpeto da natureza, que traz tempestades de ventania forte, barulhenta e com trovoadas, evoca um tempo em que seres sobrenaturais assustavam os incautos que andavam sozinhos pelas ruas nas madrugadas, ou nos ermos do sertão. Nessa época, a Martinta Pereira, com suas pernas e braços finos e compridos, pedia fumo saindo da penumbra de um poste; lobisomens perambulavam na sexta-feira da paixão e o negro d'água virava canoas tarde da noite. A chegada do novo milênio deixou a maioria dessas lendas para trás, sobrando apenas poucos tímidos narradores para contar os feitos de gente encantada e bichos medonhos. Ainda há quem veja “visagens” (assombrações) e as associe com os famosos discos voadores. Afinal, o ritmo da vida mudou e as narrativas mudam junto, como diria Walter Benjamim (2020).

Importante destacar que a vida social nesse município sempre teve ênfase na personalidade, sendo um lugar onde a maioria das pessoas se conhece e reconhece como indivíduos que são alvos do cuidado comunitário e da coerção social, situação análoga a outras pequenas cidades do interior brasileiro, como nas localidades onde a pesquisadora Rosane M. Prado realizou seu trabalho de campo.

A contrapartida das relações baseadas na confiança e no conhecimento mútuo, com as respectivas facilitações e recompensas, num lugar onde mesmo aqueles que estariam à margem da sociedade, como os mendigos, as prostitutas, os ladrões são reconhecidos como pessoas e tratados por seus nomes; a contrapartida dessa solidariedade sempre prestes a se exercer; dessa intimidade generalizada; das lealdades, parcialidades, da consideração, atenção e deveres mútuos – a outra face disso tudo é o controle mútuo exercidos pelas pessoas, a ausência de privacidade e de liberdade, a impossibilidade de anonimato. (PRADO, 1998, p. 51)

Nesse ambiente, a fofoca, a maledicência, mas também o compadrio, os conselhos e o acompanhamento são comportamentos que fazem parte do cotidiano desde suas origens coloniais e delas são derivadas. Tais relacionamentos são tão importantes que marcam a memória de toda uma geração, como será apresentado no segundo tópico do segundo capítulo. Neste momento, o relevante é ressaltar que certas dinâmicas sociais encontradas em Carolina-MA são similares a práticas vivenciadas em outras localidades, em particular o ambíguo expediente da pessoalidade. No entanto, foi essa mesma pessoalidade que possibilitou e abriu as portas para o desenvolvimento desta pesquisa, permitindo que eu adentrasse lugares e conversasse com diversas pessoas ao ser reconhecido como um membro da comunidade local.

Na pesquisa realizada em campo, estes foram os principais temas abordados com as pessoas contatadas: o papel do turismo na economia de Carolina, como a barragem mudou a paisagem da cidade e qual a importância do Parque Nacional da Chapada das Mesas para a região. Tentei conduzir as conversas da maneira mais fluida possível, valorizando muito a observação do cotidiano expressa por cada pessoa com quem mantive contato. Assim também procedi nas entrevistas que realizei com pessoas que tem uma relação significativa com o patrimônio cultural e a atividade turística. Andar pelos locais que são o ponto focal desta pesquisa foi essencial para observar o movimento da coletividade de pessoas que usufruem os espaços e também as atividades ali realizadas. Uma intrincada rede de relações se estabelece de uma maneira tão sutil que vai além daquilo que é observado imediatamente, principalmente em questão de implicações. A principal delas é que se apenas certos lugares dentro da cidade de Carolina são valorizados como locais de lazer e representativos da cultura local isso quer dizer que muitos outros são desprezados e não reconhecidos, em especial seus bairros periféricos, como é o caso do Brejinho, do Ticoncá, da Sucupira e do Vitorino Freire.

Ao conversar com algumas pessoas desses bairros, e mesmo alguns moradores do centro da cidade, ficou claro que os benefícios econômicos proporcionados pelo desenvolvimento do turismo estão longe de alcançar todos os cidadãos de Carolina. A perspectiva de algumas pessoas é tão desiludida e sem esperança que devo confessar que me senti triste ao perceber que a realidade social não era tão promissora quanto me parecia ao observar apenas de longe, conversando com conhecidos por telefone ou me informando pela Internet (pelas redes sociais, grupos de WhatsApp e vídeos do YouTube), os acontecimentos e novidades da cidade. Há uma desigualdade social imensa, tipicamente brasileira, que envolve questões de raça e de classe, embora a maioria da população seja mestiça e seja composta de trabalhadores assalariados. De uma maneira geral, os

carolinenses trabalham muito e não hesitam em deixar sua cidade natal em busca de serviços remunerados em outros municípios e estados. O fenômeno do êxodo nordestino também foi muito presente em Carolina, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, mas vem perdendo força conforme o interior do Brasil vai se fortalecendo economicamente, com universidades e grandes empresas gerando oportunidades de qualificação e empregos mais dignos em regiões onde a prefeitura era a principal empregadora.

Essa alternância de ciclos econômicos marca a cidade e seus moradores de várias maneiras. Um turista ou visitante que chega em Carolina pela BR-010 e entra no início da Avenida Elias Barros a partir do “trevo” (como os moradores chamam o ponto em que as BR’s 010 e 230 se unem) pode perceber a variação da arquitetura das residências conforme vai avançando em direção ao centro da cidade até chegar à beira-rio, ponto em que a via termina, aos pés do atracadouro da balsa da empresa PIPES, que faz a travessia do rio Tocantins para o município de Filadélfia-TO. Esse hipotético visitante poderia perceber que as casas mais antigas não têm garagem, nem muros com portão, ou seja, a porta da frente dá acesso direto à rua; as pessoas sentam na calçada, esse espaço intermediário de contato entre os mundos público e privado, que juntamente com as janelas constituem pontos de encontro e comunicação entre as pessoas (DAMATTA, 1997). Um olhar atento verá que são as casas mais novas que apresentam uma arquitetura preocupada com a segurança, indicando que mesmo o mais profundo interior do Brasil já vive o medo da violência, pelo menos numa escala em que essas preocupações sejam inevitavelmente imperiosas. Além de observar o design das residências, as próprias condições da avenida seriam dignas de consideração: muito irregular, com pontos afundados ou esburacados pelo constante trânsito de caminhões pesados que cruzam a avenida, indo do trevo à beira-rio e vice-versa. As condições da avenida mudam depois do semáforo no cruzamento com a Avenida Adalberto Ribeiro: depois desse ponto o asfalto dá lugar a bloquetes hexagonais de concreto, um tipo de calçamento muito comum nas cidades da região e que apresenta longa durabilidade.

Imagem 4 – “Print” de um mapa de Carolina-MA no Google Maps, com destaque para a BR-010, a BR-230 e a Avenida Elias Barros.



Fonte: arquivo do autor.

Mesmo antes desse ponto já se pode perceber o aparecimento de comércios de todo tipo, que se tornam predominantes depois do semáforo. Alguns prédios se destacam: sobrados e outros

prédios antigos¹⁹, que mantêm sua arquitetura original, mas hoje desempenham novas funções, como é caso da Câmara Municipal que já foi um cinema e mantém a arquibancada e a parede de exibição de filmes atrás da mesa dos vereadores. Antes da ladeira que desce para beira rio, onde já possível ver o rio Tocantins transformado em lago ante a presença atemporal da Serra da Torre da Lua no lado tocantinense, encontra-se, do lado esquerdo da Avenida Elias Barros, a Praça Alípio de Carvalho e a Avenida Getúlio Vargas, que constituem o coração do Centro Histórico de Carolina, tendo ao seu redor os 500 imóveis tombados como patrimônio histórico pelo estado do Maranhão. São em sua maioria casarões em estilo colonial, remanescentes da época em que o rio Tocantins era a via de contato dos moradores com o resto do mundo, embora existissem vias terrestres que a ligassem com outros centros urbanos importantes, como Riachão, Balsas e Grajaú. No entanto, foi o comércio através da navegação fluvial que transformou a cidade em uma referência regional, citada constantemente entre os memorialistas, como Ney Alves de Oliveira, de Porto Franco-MA.

É mês de maio. As chuvas escasseiam. Já não caem com frequência. Estou em Carolina – a Princesa do Sertão. Os bons colégios por aqui atraem a mocidade de toda a região. A cidade é alegre, embora simples. O solo, arenoso. As ruas, conquanto desprovidas de calçamento e galerias pluviais, largas, espaçosas e limpas. Casas, bem cuidadas, com pintura impecável. Como as demais cidades do vale tocantino, não possui água encanada: o abastecimento do líquido vital é feito através de cisternas individuais, transportadas por ancoretas, no costado dos jumentos. O banho se faz, via de regra, nas fontes à beira do rio. É, entretanto, a única, das cidades que se estendem ao longo do imenso vale, a ser dotada de energia elétrica, ainda que precária, com geratrizes movidas a força hídrica.

Anoitece. As lâmpadas lucilam nos postes de madeira. A lua deita sua luz prateada sobre a cidade pachorrenta, adormecida. O silêncio apenas se faz bordar ao longe, ao bordel famoso – o Rancho Alegre –, onde os nativos e visitantes se misturam, a dançar o forró e o baião, com as mulheres de aluguel. (OLIVEIRA, 1995, p. 25-26)

Segundo Wellisson Rafael, pesquisador e professor residente em Porto Franco-MA, conhecedor da literatura portofranquina e dos círculos sociais que a cultivam, os próprios familiares do autor do trecho citado afirmam que ele não teria feito essa viagem, mas que a teria imaginado a partir dos relatos de outros viajantes com os quais mantinha contato. De fato, as imagens que esse relato sugere fazem parte do repertório narrativo de muitos interlocutores idosos com os quais conversei sobre suas memórias pessoais e familiares. As variações acompanham o lugar social de

19 Importante destacar a presença do templo da Primeira Igreja Batista de Carolina-MA, comunidade religiosa que irá completar seu centenário em 2028, na esquina com a Avenida Benedito Leite, onde também se localiza a Capela Santa Terezinha. No final dessa arborizada avenida, está a Praça do Estudante, onde estão duas escolas cuja trajetória são referência para a educação local: a Escola Batista de Carolina e o Centro de Ensino Médio Sertão Maranhense.

cada indivíduo, a que grupos sociais cada pessoa está vinculada. Minha mãe e seus familiares, com origens na região do córrego Camaleão, uma localização interiorana distante cerca de 50km da sede do município de Carolina, contam frequentemente sobre como era viver no isolamento do sertão, sobreviver da agricultura de subsistência, criar gado, costurar roupas e redes, comer as frutas da estação, brincar e ser castigado fisicamente, banhar nos rios e fontes, ouvir “causos” altas horas da noite, ir nas rezas das fazendas vizinhas, receber visitantes que muitas vezes estavam fugindo de conflitos em outros lugares. Tais localidades ermas²⁰ são tão distantes que se aproximam dos centros urbanos de outros municípios, no caso dos povoados nessa região do Camaleão ou da Barra do São José, são mais próximas da cidade de Babaçulândia-TO, onde atualmente o rio Tocantins ficou 15 km mais largo depois do enchimento do reservatório da barragem de Estreito-MA.

Essas vivências dispersas em tão ampla espacialidade encontram na sede do município seu ponto de encontro e lugar de troca, pois quem mora na zona rural em algum momento vai ao centro urbano. Antigamente, era costume que os habitantes do sertão fizessem compras anuais nos comércios da cidade, como o Leão de Ouro, com crédito a ser debitado no ano seguinte com a produção agrícola desse período. Aqueles em áreas mais próximas traziam os frutos do seu trabalho para serem vendidos no mercado municipal. Ainda é uma memória muito viva em minha mente a imagem da multidão se apertando para entrar e andar pelos corredores do mercado, o cheiro de carne, peixe e cheiro-verde saturando o ar junto com o café da manhã vendido ao raiar do dia: meu pai me levou várias vezes ali para fazer compras e comer comigo um cuscuz de arroz bem quente molhado com azeite de dendê e regado a café preto ou o meu querido “chá-de-burro”, também conhecido entre nós como canjica, embora provavelmente algum baiano me corrija dizendo que trata-se de um mungunzá.

20 Outros casos são os povoados de Helenópolis, que é vizinho do centro urbano de Goiatins-TO, e Cana Brava, próximo do município de Campos Lindos-TO.

Fotografia 02 – Entrada principal do Mercado Municipal de Carolina, em junho de 2022.



Fonte: arquivo do autor.

No mercado municipal também é vendida a panelada, que a sabedoria popular local elegeu como remédio para curar ressaca, assim como outras iguarias: buchada, cozidão, chamberl, peixe frito e cozido... sempre acompanhadas com farinha²¹ ao lado, “de puba” (amarela, com caroços grandes) ou “seca” (branca, da consistência regular de uma farofa), que poderia ser servida como paçoca (triturada com carne seca) ou o famoso “frito” (pedaços pequenos de carne frita a óleo misturados com farinha). Ainda há restaurantes no mercado municipal que proporcionam essa experiência culinária, porém, esse movimento que acontecia nos finais de semana, principalmente domingo, é coisa do passado, pois o abastecimento principal da população é realizado por supermercados, ficando essa lembrança de aromas, sabores e sociabilidade na memória das gerações mais antigas. Uma reforma financiada pelo CESTE foi realizada, higienizando e melhorando a condição dos espaços de comércio do mercado municipal, preservando, contudo, sua arquitetura original. Localizado próximo à uma área que foi impactada pelo enchimento do reservatório da

21 A mais famosa farinha da região é aquela produzida na região do Canto Grande, na beira da BR-010, próximo ao riacho Urupuchete. A produção é familiar e se especializou em um tipo mais areado de farinha de puba, menos dura e mais palatável ao público em geral.

barragem de Estreito-MA, visitar o mercado é também perceber como a paisagem urbana carolinense sofreu intensamente com a construção da hidrelétrica, com moradores de duas ruas na ladeira abaixo tendo sido deslocados após o pagamento²² de indenizações ou cartas de crédito.

Fotografia 03 – Esgoto despejado no córrego Lava-Cara, na ponte da Rua Coelho Paredes no centro de Carolina, trecho atingido pelo enchimento do reservatório da barragem de Estreito e área de proteção permanente (APP) estabelecida pelo projeto básico ambiental (PBA), em novembro de 2022.



Fonte: arquivo do autor.

Essas mudanças na paisagem carolinense são bastante perceptíveis em toda a beira-rio e áreas próximas aos córregos que desaguam no rio Tocantins, os quais tiveram aumento considerável em seu volume de água, provocando profundas consequências: o deslocamento de todos os moradores dos arredores dessas localidades, a demolição das edificações e a reconstrução das pontes que dão acesso aos bairros e regiões da zona rural. Outra mudança relevante foi o estabelecimento

22 As negociações eram realizadas diretamente entre empresas terceirizadas a serviço do CESTE e as pessoas impactadas, chamadas de “envolvidas” nos relatórios. As opções de compensações em área urbana eram pagamento de indenização ou carta de crédito. Para os moradores da zona rural, além dessas duas havia a possibilidade de o empreendimento conseguir uma propriedade de valor equivalente em uma localidade próxima.

de áreas de proteção permanente (APP's), conforme estabelecido no PBA, que na zona urbana é de 30 metros após a nova margem, o que criou muitos terrenos baldios que foram ocupados por vegetação e vários tipos de animais. Segundo relatos de pessoas que moram na proximidade dessas áreas, são vistos quatis, cutias, capivaras, macacos, jaguatiricas e até onças andando por esses locais. Entre as pessoas contatadas, o professor Alesson²³ da Silva Rocha me apresentou o relato mais consistente sobre as mudanças ocorridas no bairro periférico chamado de Brejinho. Ele confirma esses avistamentos de animais silvestres, acrescentando que a quantidade de mosquitos aumentou consideravelmente, assim como dos peixes que comem as larvas desses mosquitos.

Fotografia 04 – Vista aérea do braço do rio Tocantins que adentra a área urbana de Carolina, na foz do córrego Lava-Cara, onde foi construída uma nova ponte de acesso ao bairro do Brejinho, em junho de 2022.



Fonte: Miquéias Ivens de Carvalho.

Outra preocupação dos moradores do Brejinho esteve relacionada com a qualidade da água distribuída às residências através de um poço artesiano que foi construído ano passado. Devido a reclamações da comunidade sobre a cor e a consistência da água, que especulou sobre a possibilidade de contaminação dos reservatórios subterrâneos devido à infiltração do reservatório, um novo poço artesiano foi escavado solucionando o problema. As especulações e suspeitas sobre

²³ Alesson exerce a docência no Centro de Ensino Médio Sertão Maranhense, escola com longa história de formação educacional na região.

a contaminação do chamado “lençol freático”²⁴ perduram, preocupações que se relacionam com a proximidade entre a nova margem do rio Tocantins e dois cemitérios, um deles perto do Centro Histórico e outro no bairro do Brejinho.

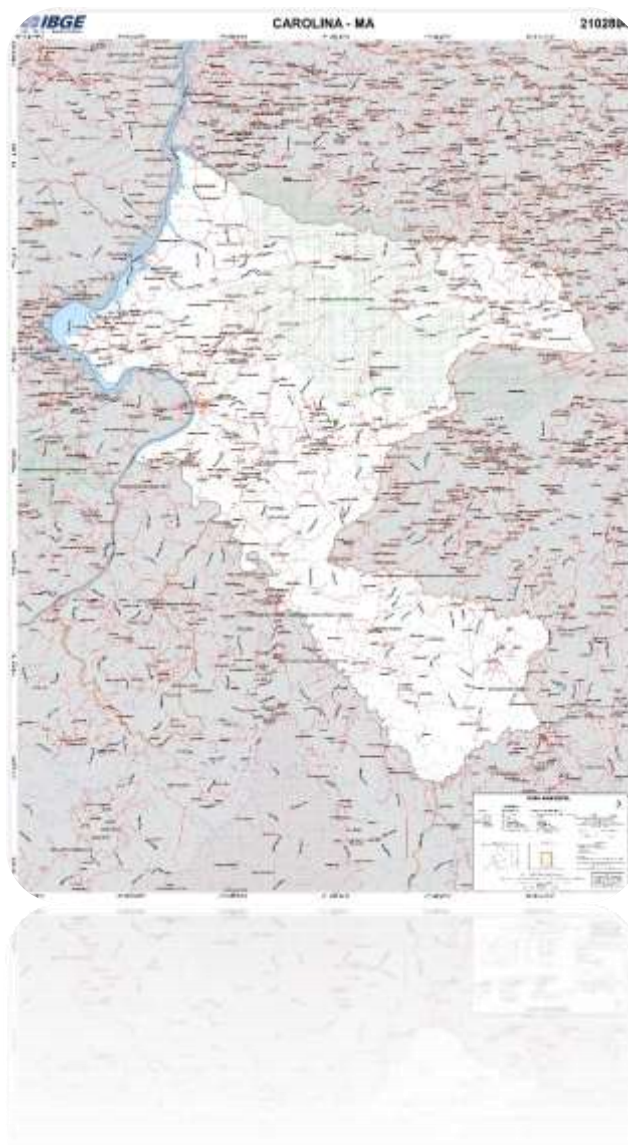
Essas intervenções humanas causam impressões no mínimo dúbias ou ambíguas nos moradores e nos visitantes mais atentos. Entre as pessoas mais observadoras está a professora universitária aposentada Sueli Araújo, paraense de Belém-PA. Segundo ela, “o rio Tocantins está morto”, apesar dos peixes e outros animais que nele habitam, pois “não é como antes”, certamente se referindo ao fluxo e correnteza interrompidos pela barragem. Ao mesmo tempo, ela desenvolve com o esposo João um empreendimento voltado ao turismo de paisagem, com uma estrutura de bar e recepção de eventos em sua chácara na região da Moropóia, acessível pelo bairro Vitorino Freire ou pela Olaria, estrada do Bom Tempo, uma localidade da zona rural carolinense nas imediações do rio Lajes, outro afluente do rio Tocantins afetado pela construção da barragem. Na chácara de Sueli e João, onde encontra-se o “Giro Ecoparque da Chapada”, os turistas e visitantes podem ter uma vista panorâmica de toda a região ao redor da cidade, incluindo o trecho do rio Tocantins que passa em frente Filadélfia-TO e Carolina-MA e os morros circunvizinhos, por conta do terreno elevado onde se encontra a chácara. Segundo Sueli, “o turismo de paisagem é muito além do que teus olhos podem ver”, pois abarca todas as experiências sensoriais possíveis ali, como o toque da brisa, o canto dos pássaros e a sensação de introspecção ao acompanhar um pôr-do-sol a partir daquela perspectiva. Sueli também citou como sua chácara poderá ser um ponto de observação privilegiado com a previsão da construção de uma ponte entre Carolina-MA e Filadélfia-TO, há muito prometida e esperada pela população e demais pessoas que reclamam da demorada travessia por balsa.

Esses relatos demonstram a ligação íntima dos moradores da cidade de Carolina com essa paisagem em constante transformação, em virtude de conjunturas em escala local e global a serem apresentadas no tópico seguinte. O essencial é perceber a oscilação do ritmo da vida em uma cidade interiorana e ribeirinha: quanto maior a conexão da comunidade local com a dinâmica em andamento na escala nacional e mundial mais integrada esta se torna ao paradigma da globalização, onde culturas se fundem, mas sob determinada hierarquia social e interesses econômicos. Ainda assim, tal trajetória comunitária não obedece ao mito do progresso contínuo propagado pela modernidade, mas comporta o retrocesso social no curso de sua duração pelo tempo, conforme citado no presente tópico.

24 Segundo o CESTE, tratam-se na verdade de uma série de aquíferos subterrâneos.

Para entender melhor como se deram essas mudanças é conveniente invocar o canto da musa da História, Clio, e solicitar seu auxílio em uma resumida exposição narrativa diacrônica. No entanto, Melpômene, a musa da Tragédia, lhe fará companhia, para que possamos fugir de um discurso meramente ufanista ao tratar das nossas origens coloniais, pensando de forma crítica sobre elas.

Imagem 5 – Mapa do território do município de Carolina.



Fonte: IBGE

1.2 Da “Terra do Já Teve” ao “Paraíso das Águas”

“A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado”.

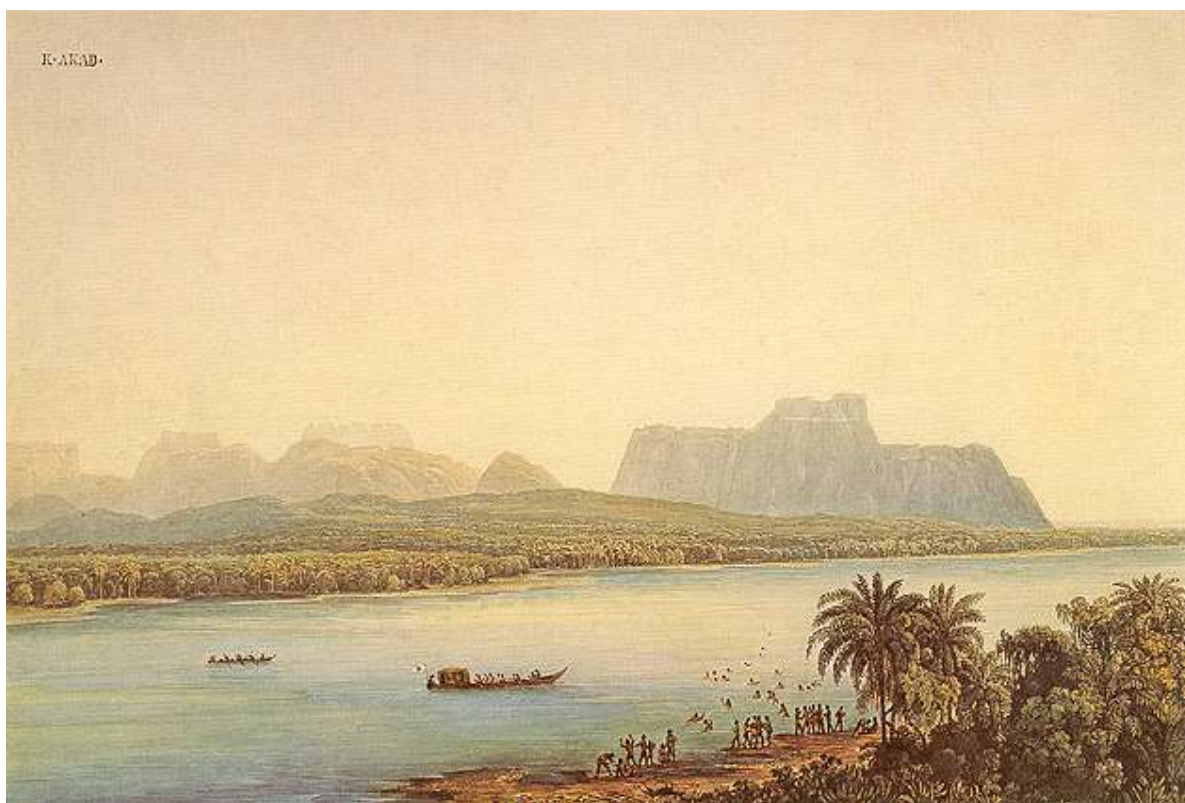
- Marc Bloch

A escrita da História é cada vez mais alvo de disputas políticas e debates teóricos no meio acadêmico. A questão do posicionamento ideológico dos historiadores e demais cientistas sociais são fonte constante de acusações de má fé. No entanto, como já afirmamos na introdução desta dissertação e é de pleno conhecimento na teoria social atual, nenhum pesquisador está isento das influências do seu tempo histórico. Por isso, ao produzir este breve apanhado da História de Carolina, devo deixar claro que minha intenção é produzir uma narrativa crítica à colonialidade, projetando a possibilidade de um pensamento autônomo, ou, pelo menos, mais consciente de seu tempo social (MIGNOLO, 2020). Como cientista social, a mim importa apresentar diferentes perspectivas a fim de oferecer alguma contribuição à historiografia (BURKE, 2012). Sendo assim, iniciamos falando sobre os povos originários desta região.

Muito antes de ser nomeado em homenagem à primeira Imperatriz do Brasil, o território do atual município de Carolina-MA era a terra ancestral de vários povos indígenas que nela habitaram por milênios, conforme o registro em inscrições rupestres encontrado nos sítios arqueológicos do Morro das Figuras e do Morro das Araras (ROCHA, 2016), ambos tombados como patrimônio do Estado do Maranhão pelo DPHAP-MA. De acordo com o líder indígena Hapyhi, toda a nação Timbira (uma coletividade que representaria os Apinajé, Canela, Gavião, Krahô e outros) teria como origem uma aldeia aos pés do Morro do Chapéu, conhecida por eles como Wokrã.

Os primeiros contatos desses povos com os colonizadores luso-brasileiros se deram há um pouco mais de 200 anos atrás, quando as frentes de colonização agrícola e pastoril avançaram pelo interior do Brasil a partir do litoral. Os relatos que chegam dessa época nos dão conta de conflitos pela disputa da terra, que terminaram com a expulsão dos indígenas, após sofrerem com escravidão e chacinas, sendo realocados na atual Terra Indígena Krahô, entre os municípios de Goiatins-TO e Itapiratins-TO (ABREU; ALBUQUERQUE, 2018). No entanto, muitos indivíduos desses grupos acabaram incorporados à sociedade brasileira, como se pode ver na preponderância de pessoas pardas na população local atual, resultado de uma intensa miscigenação.

Imagem 6 – Pintura em aquarela de Thomas Ender, nomeada “Rio Maranhão e Serra das Figuras”²⁵.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico de Carolina.

Dentre esses relatos da época da colonização, destaca-se o de Francisco de Paula Ribeiro, militar português designado pelo então governador da capitania do Maranhão para demarcar as fronteiras do sul desse território com as demais capitanias, por conta de disputas entre seus habitantes. Conforme descreve Francisco de Paula Ribeiro, o cenário era realmente atraente, o que justificava o interesse dos colonizadores, mas não as suas desumanidades cometidas contra os povos originários.

A natureza de uns e outros terrenos, excessivamente pródiga na sua vegetação, é que talvez adquiriu para todo este distrito o nome de Pastos Bons. Os seus campos nutritivos, o seu ar cômodo, preciosas águas, grande fertilidade seguida ao mais pequeno cultivo e a sua nunca interrompida verdura, são circunstâncias que fazem com este país seja o mais abundante e delicioso [...]. (FRANKLIN; CARVALHO, 2005, p. 147)

²⁵ Não se sabe ao certo a localização exata a que se refere esta representação, embora muitos defendam que ilustre as imediações de Carolina-MA quando esta se chamava Arraial de São Pedro de Alcântara e foi visitada pela Missão Austríaca, comissão científica liderada por Johann Emanuel Pohl, enviada ao Brasil por ocasião do casamento da princesa Leopoldina com D. Pedro, em 1817.

Imagem 7 – Mapa da capitania do Maranhão, elaborado pelo militar português Francisco de Paula Ribeiro em conjunto com seus relatórios sobre as expedições por ele lideradas, realizadas no ano de 1815, por ordem do então governador da capitania.



Fonte: Arquivos do Museu Histórico de Carolina.

Nessa descrição se vislumbra a imagem de paraíso terrestre originada da mitologia cristã, a qual contribuiu na construção do mito da natureza intocada (DIEGUES, 1998) que constitui o fundamento da criação dos parques nacionais e do ecoturismo, elementos de grande importância para a sociedade brasileira contemporânea, conforme explicitaremos em maiores detalhes no terceiro capítulo deste estudo.

A própria nomenclatura “Pastos Bons” já evoca essa imagem de paisagem idílica, sendo este o nome do município mais antigo da porção que hoje corresponde à região Sul do estado do Maranhão, a qual foi gradativamente ocupada por vaqueiros vindos da Casa da Torre, na então

capitania da Bahia, morgadio²⁶ vinculado ao governo colonial e à coroa portuguesa. Esses colonizadores luso-brasileiros foram conquistando o território por meio de enfrentamento violento com os povos originários e fundação de fazendas de criação de gado, avançando até alcançar as margens do Rio Tocantins (FRANKLIN; CARVALHO, 2005). Uma das cidades sul-maranhenses resultantes desse processo histórico é o município de Carolina-MA.

Em meados do século XVIII, a pecuária ocupa o sertão de Pastos Bons, sul do Maranhão e avança sobre o Tocantins. De Pastos Bons, vão se espalhando as fazendas de gado que chegam ao Manuel Alves Grande, afluente do Rio Tocantins da margem direita, ocupando as áreas descendo o rio até alcançar o Tocantins [...]. Vindo do Maranhão, da Bahia e de Pernambuco, o gado vai ocupando as terras do Tocantins e modificando a paisagem do rio. (FLORES, 2009, p. 51)

Desde a fundação da primeira fazenda, em 1809, o Rio Tocantins cumpriu a função de ser o meio de ligação entre o chamado “Alto Sertão” e a cidade de Belém, na província do Grão-Pará, importante centro comercial. Esse movimento intensificou-se com o passar do tempo, tornando Carolina um importante entreposto comercial, transformando fazendeiros em comerciantes e vice-versa, os quais investiam cada vez mais na educação dos filhos que após de completa sua formação voltavam para casa com novas ideias para desenvolverem em sua terra natal. Foi assim que voluntariosos carolinenses construíram a primeira hidrelétrica da Amazônia, trouxeram concessionárias de carros, instalaram fábricas e abriram cinemas. Um aeroporto foi instalado na cidade e os voos eram frequentes, sendo fundado também um aeroclube pelos moradores locais (REIS; PEREIRA, 2018).

No início do século XX, diante de um Brasil ainda muito rural, na fronteira imaginária entre um Nordeste representado como castigado pelas secas do semiárido e uma Amazônia ainda a ser ocupada e civilizada, Carolina despontava como um centro urbano de um efervescente “sertão de águas e letras”, como bem descreveu Allan Kardec Gomes Pachêco Filho (2014) a região em que ela está incluída, o Sul do Maranhão, uma verdadeira Mesopotâmia entre os rios Parnaíba e Tocantins, entrecortada de nascentes, riachos e córregos, habitada por gente com fortes vínculos com o cuidado com a terra, a travessia das águas e o apreço pela cultura letrada. É assim que a professora Carlota Carvalho descreve a sociedade carolinense que florescia no início do século XX:

²⁶ “Sem entrarmos em excessivos detalhes, referiremos que o morgadio tinha ‘por fim principal a conservação do lustre e nobreza de uma família’, ou seja, num primeiro relance, a manutenção do estatuto social privilegiado dos elementos da aristocracia, através da transmissão perpétua do patrimônio familiar”. (COELHO, 1980, p. 112-113)

Atualmente Carolina é uma das mais importantes cidades do Estado do Maranhão. É no Maranhão o centro da maior cultura intelectual, é o lugar em que os homens "estudam e aprendem só pelo gosto de saber", como na antiga Hélade, e não por especialização industrial.

Aí, o amor às letras e ao útil desenvolvimento do raciocínio é comum a ambos os sexos.

A par de homens ilustrados, mulheres brilham pela inteligência e não raro sabem usar da palavra em reuniões públicas.

Citar os espíritos cultos e as inteligências educadas de Carolina seria nomear grande parte de sua população.

Somente para exemplificar, nomearei alguns dos mais conhecidos nas letras: Odolfo de Medeiros, filólogo; Raimundo Maia, poliglota; Josina Ayres, professora, poetiza e oradora; Raimundo Ferreira dos Santos, poeta de raro merecimento, favorecido pelas musas e não pela fortuna; João Nogueira do Rego, o canto melodioso do "Luar triste"; Elpídio Pereira, Augusto Araújo, Maria Luíza, Anízio Monturil, Crizantina Monturil, Euclides Maranhão, Alfredo Nobre, Néelson Maranhão, Manoel Rodrigues Bandeira, Joaquim Sardinha, Thadeu Maranhão e outros que se ocultam nos pseudônimos Gérson e Jiennerre, o cantos dos "Sonhos". Antônio Noleto, pela sua descrição do Jalapão, merece lugar nesta lista de destaques.

Na música, prima a Carolina. O carolinense é um músico nato. Em primeiro lugar está Neco Ayres (Manoel), pai de Josina Ayres, a oradora já nomeada; e Néelson Maranhão, o maior violonista do Brasil.

É tal o gosto da música na Carolina que lá são conhecidos e usados os mais raros instrumentos como a cítara dos helenos.

Sua vantajosa posição na parte mais rica do Maranhão e de Goiás facilita grandeza do seu comércio.

Tal é a notícia que posso dar da sua vida atual, resumindo informações e conceitos próprios, deduzi-los da leitura de seus jornais, dos quais o mais conhecido é "O Tocantins". (CARVALHO, 2000, p. 86)

Por ocasião da construção da rodovia federal Belém-Brasília, a BR-153, a navegação fluvial pelo Rio Tocantins perdeu sua exclusividade, competindo com uma rota terrestre mais segura e rápida. A elite política e econômica de Carolina não conseguiu se adaptar a essa mudança, que provocou o fechamento de fábricas e outros estabelecimentos, encerrou as atividades no aeroporto, a saída das concessionárias e a consequente perda da influência que Carolina exercia na região. Por conta dessa crise e seus efeitos, a cidade recebeu dos próprios moradores o apelido a que nos referimos no título deste tópico: "terra do já teve" (REIS; PEREIRA, 2018).

No entanto, desde a década de 1990, muitos empreendedores locais, tanto do setor público quanto do privado, têm investido no turismo como uma alternativa para que a cidade volte a crescer e se desenvolver. Um dos destaques nessa área é o complexo turístico da Pedra Caída, que se tornou referência nacional, de propriedade do empresário Pedro Iran Pereira do Espírito Santo, o qual também dirige a empresa PIPES, conhecida pela atuação na área da navegação fluvial, com balsas atravessando veículos em vários pontos do Rio Tocantins e em outros rios de outros estados.

Fotografia 5 – Vista aérea da beira-rio de Carolina-MA, em junho de 2022



Fonte: Miquéias Ivens de Carvalho.

Após o enchimento do reservatório da Usina Hidrelétrica Estreito (UHE-Estreito), em 2011, alguns pontos turísticos foram perdidos, como as praias da beira-rio na cidade vizinha de Filadélfia e a Ilha dos Botes, anteriormente acessível via barco pela zona rural. No entanto, as áreas inundadas criaram novas paisagens que atraíram visitantes amantes da pesca esportiva e esportes aquáticos. A grande movimentação trazida pela construção da barragem e as obras no entorno do reservatório trouxeram nova visibilidade para a região e um número crescente de turistas tem procurado a cidade de Carolina como local de passeio.

Tendo uma população estimada em 24.151 e possuindo o 9º maior território do estado do Maranhão (BRASIL, 2021), Carolina atualmente é uma cidade pequena em busca de um reposicionamento regional através do ascendente interesse da população brasileira e estrangeira no ecoturismo, tema do terceiro capítulo deste estudo.

Esta exposição diacrônica nos coloca a par dos processos históricos que se desenvolveram em Carolina, com ênfase nos aspectos socioeconômicos, os quais demonstram como o Estado e os grandes investidores privados há muito tempo tratam esta região como uma área de expansão de seus interesses, sendo estes representados pela construção da barragem em Estreito-MA e presença

das monoculturas de soja²⁷ e eucalipto que circundam o território do município, todos esses empreendimentos vinculados ao MATOPIBA²⁸.

A UHE-Estreito representa o terceiro (re)arranjo espacial que a classe hegemônica impõe a Carolina, depois do gado e das grandes rodovias. São as mesmas relações de poder manifestadas no espaço e que promovem mudanças de acordo com seus interesses em detrimento das populações já existentes que são afetadas pela imposição de novos usos do espaço. Por dentro desses conflitos de uso, esses sujeitos hegemonzados perdem acesso aos meios tradicionais de vida: a Água e a Terra. (PEREIRA, 2016, p. 98)

Nessa visão, tanto as populações autóctones de indígenas quanto os atuais moradores cidadãos brasileiros da região continuam vivenciando a exploração predatória do meio ambiente e dos seres humanos que se encontram no território de Carolina. Aprofundando-se nessa perspectiva, podemos perceber também que as características desse espaço geográfico diferem dos estereótipos aplicados genericamente à região Nordeste do Brasil, conhecida, em parte, pelas misérias provocadas pelo clima semiárido. Como os dados acima apontam, as dificuldades dos habitantes da região estão mais relacionadas a arranjos socioeconômicos do que a problemas ambientais. Tais considerações encontram suporte nas análises propostas pelo historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em “*A Invenção do Nordeste*” (2011).

O Nordeste não é um fato inerte na natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões são fato humanos, são pedaços de história, magma de fragmentos que se cristalizam, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social que um dia veio à tona e escorreu sobre este território. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença. [...]

Existe uma realidade múltipla de vidas, histórias, práticas e costumes no que hoje chamamos Nordeste. É o apagamento desta multiplicidade, no entanto, que permitiu se pensar esta unidade imagético-discursiva. [...] Na produção discursiva sobre o Nordeste, este é menos um lugar que um *topos*, um conjunto de referências, uma coleção de características, um arquivo de imagens e textos. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 79)

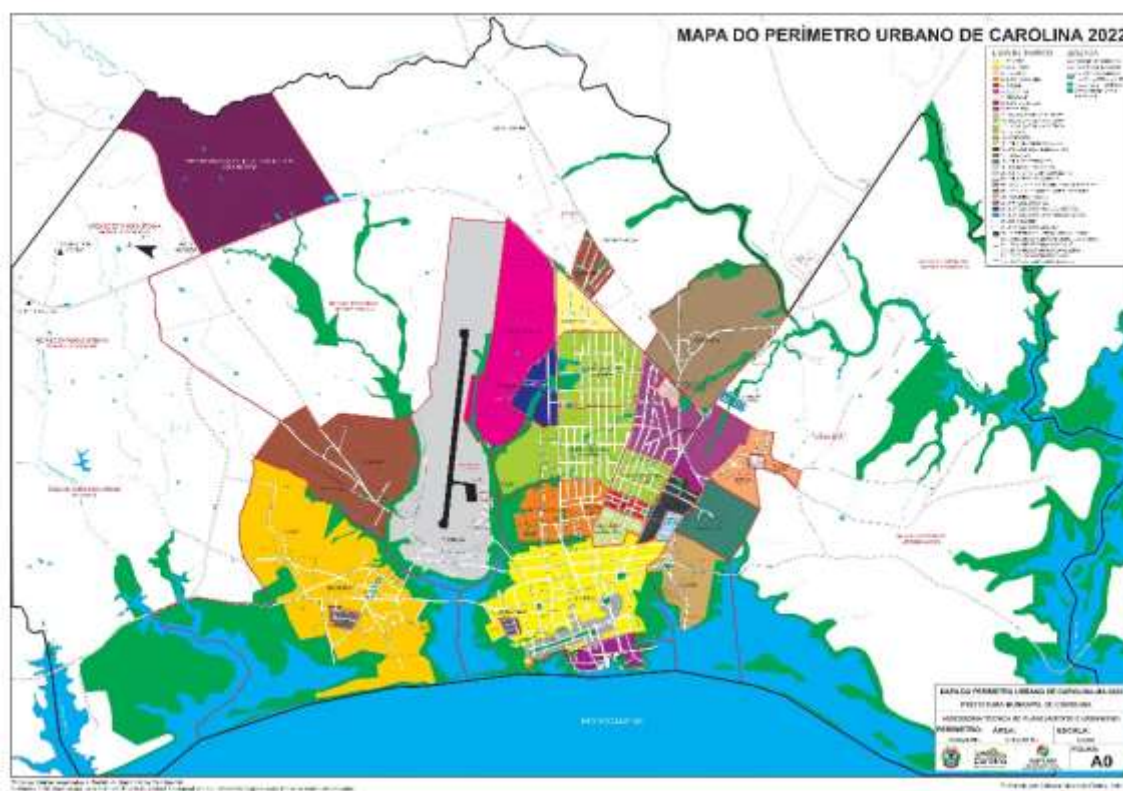
Em acordo com essas proposições, podemos apontar para o caráter diversificado dos vários aspectos sociais e culturais que compõe as comunidades que habitam a divisa entre o Norte do Tocantins e o Sul do Maranhão, destacando-se a transitoriedade de seus elementos constitutivos,

²⁷ Embora o município maranhense que represente melhor a questão da monocultura da soja seja Balsas-MA, a cidade de Campos Lindos-TO também se destaca na produção dessa *commodity*, sendo que na região da zona rural de Carolina que faz limite com esse município, a Cana Brava, existem grandes fazendas que produzem este grão.

²⁸ Um anagrama para Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia e designa uma área de expansão agrícola que recebe apoio do Governo Federal, o que atraiu pessoas de diversas partes do Brasil, principalmente gaúchos, cuja presença em Balsas foi assimilada pela cultural local.

seja na aparência geográfica, seja nos seus elementos humanos, que a tornam um lugar singular tanto em relação ao Nordeste quanto à região Norte do país, características que, inclusive, fomentaram um discurso separatista sul-maranhense em prol da criação de um novo estado da federação, projeto que perdeu fôlego na última década, em parte por conta dos investimentos em infraestrutura pública na região, entre outros fatores conjunturais.

Imagem 8 – Mapa de 2022 do perímetro urbano de Carolina-MA.



Fonte: Aldemar Moura da Cunha Júnior

Tais discursos sobre identidade têm manifestações diversas, incluindo os próprios símbolos cívicos da municipalidade como veremos no tópico seguinte, no qual trataremos de como a comunidade local imagina a ocupação do território que vem a se tornar essa paisagem urbana encravada numa natureza que há muito tempo convive com a presença humana.

1.3 As (re)invenções de Carolina

“Nem homem nem nação podem existir sem uma ideia sublime”.

- Fiódor Dostoiévski

Atualmente conhecida como cidade turística, de belas paisagens naturais, Carolina-MA foi um importante centro urbano da região Tocantina, conforme exposto no tópico anterior. A construção de sua imagem como pólo turístico passa por um processo, como veremos adiante, o qual não apaga sua trajetória anterior, preservada em reminiscências diversas como sua identidade política, expressa em seus símbolos cívicos: a bandeira, o brasão e o hino da cidade.

O hino municipal de Carolina foi composto para as celebrações do primeiro centenário da cidade, originalmente nomeado como “Hino do Centenário”, o qual foi gravado em disco pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Essas festividades agitaram o pequeno município, conforme atestam os relatos de jornais de época preservados e expostos no Museu Histórico de Carolina, através dos quais ficamos sabendo que o evento contou com a presença de autoridades políticas da esfera estadual e municipal, e representantes da hierarquia da Igreja Católica. Além disso, houve desfile, torneio de futebol, apresentação da esquadilha da fumaça e a eleição de uma rainha da festa. Estes acontecimentos ocorreram em 1959 e marcaram de tal modo a mentalidade dos cidadãos que até hoje a contagem da data de emancipação se sobrepõe na memória coletiva à contagem do ano de fundação do município, registrado em 1809.

No entanto, somente em 1978 é que a composição de Nelson Maranhão ganhou o status de Hino Municipal. Músico de renome outrora reconhecido na região (QUEIROZ, 2000), Nelson Maranhão (1886-1969) fez parte da elite intelectual carolinense da primeira metade do século XX, a qual aspirava o *ethos* de uma aristocracia esclarecida (CRUZ, 2019), geralmente vinculando-se às belas artes, ao espiritualismo e aos círculos de influência política e cultural, como a Maçonaria e o Rotary Club, os quais marcam presença com monumentos no Centro Histórico da cidade. Nelson inclusive foi integrante do extinto Grêmio Literário Carolinense, uma das várias associações culturais que existiram na época de hegemonia regional carolinense. Em 1965, publicou um livro de poesias, “Musa Antiga”.

Fotografia 06 – Painel no Museu Histórico de Carolina contendo os símbolos cívicos da cidade: sua bandeira, brasão e hino municipal.



Fonte: arquivo do autor

Imagem 9 – Publicação do MHC sobre o centenário de Carolina.



Memória em Movimento

1959: Carolina faz 100 anos

A população carolinense não conseguia tirar os olhos do céu azul de 8 de julho de 1959, quando a Esquadrilha da Fumaça com o ronco de seus motores e acrobacias aéreas deixou a todos maravilhados.

Conquista dos carolinenses Alípio Carvalho Ayres e Paulo Maranhão Ayres, que conseguiram audiência com o Presidente da República em prol das comemorações.



Conheça um pouco mais nossa história no V Sarau do Museu (24/07).
Compre seu ingresso no Museu. R\$ 10,00
Ingressos limitados!

Fonte: Página do MHC no Facebook

Algumas destas informações relativas a Nelson Maranhão foram obtidas de um encadernado produzido pela família em 1997, nomeado como “Páginas que ficaram”, contendo a biografia desse intelectual e alguns de seus discursos que foram encontrados em sua biblioteca particular. Este item, assim como a cítara, o violão e outros instrumentos estão em exposição no Museu Histórico de Carolina. Ali também se encontra a partitura original do Hino Municipal no mesmo espaço dedicado à memória de Nelson Maranhão.

Entre outros musicistas carolinenses dessa época que ainda se destacam podemos citar um dos professores de Nelson, Odolfo Medeiros, e o filho de Nelson, Alfredo Maranhão, que compôs a letra do Hino a Boa Vista, que veio a se tornar o Hino Municipal de Tocantinópolis-TO.

Composto numa estrutura de oito estrofes intercaladas a cada duas pelo refrão, o Hino Municipal de Carolina é um louvor à trajetória histórica do município, apresentada como uma marcha inexorável rumo ao “Progresso”. A cidade teria começado de um início difícil, “isolada” e lutando contra “entraves bem fortes”. No entanto, ela possui aspirações grandiosas, seus cidadãos almejam vê-la paramentada como princesa, “em trajes de gala” e sentada em um trono. Tais pretensões e imaginações não vem do vazio, mas possivelmente da origem do nome da cidade: uma homenagem à primeira imperatriz do Brasil, a arquiduquesa austríaca Carolina Josefa Leopoldina. Talvez, por essa razão, não é incomum encontrarmos a cidade de Carolina ser referenciada como a “Princesa do Tocantins” por alguns autores da região (OLIVEIRA, 1995).

Fotografia 07 – Espaço no Museu Histórico de Carolina dedicado aos objetos que celebram a memória de Nelson Maranhão: sua escrivaninha, partituras, fotos e instrumentos musicais.



Fonte: arquivo do autor

Essa representação da cidade como um ente monárquico nos remete imediatamente a uma idealização do padrão europeu não apenas no aspecto fenotípico, mas também no político, que se sobrepõe a tudo aquilo que porventura existisse antes e até mesmo ao que existe atualmente, pois em nada os carolinenses guardam qualquer semelhança fenotípica com europeus, sendo a maioria declaradamente parda (BRASIL, 2021). Além desse elemento étnico, essa referência à monarquia também contrasta com o regime republicano sob o qual vivemos, revelando uma idealização desse passado colonial projetado no futuro: o que se espera do amanhã é uma suposta grandeza que existia ontem, na imagem idealizada da nobreza do Brasil imperial.

Observando por essa perspectiva, os “entraves” que a cidade de Carolina enfrentava em seus primórdios estariam ligados aos aspectos originários do seu território: sua paisagem natural e os povos indígenas que ali habitavam há milênios. A paisagem foi moldada de acordo com os interesses econômicos (PEREIRA, 2015), em particular, os externos: primeiro, a criação de gado, depois a navegação fluvial e, recentemente, o alagamento do reservatório da Usina Hidrelétrica de Estreito, que é seguido pelos empreendimentos turísticos que expandem a construção de hotéis e pousadas. Já os povos originários do Sul do Maranhão, uma diversidade de etnias vinculadas ao grupo Timbira, compartilham a sina dos demais indígenas brasileiros: o genocídio, a escravidão e a perda de suas terras ancestrais, conforme relatos que vem desde o século XIX, como o do militar português Francisco de Paula Ribeiro (FRANKLIN; CARVALHO, 2005). Em Carolina, principalmente, a relação dos indígenas com a frente pastoril de colonização liderada pelos brancos significou a quase aniquilação da cultura dos povos autóctones, com os poucos sobreviventes sendo compulsoriamente deslocados para o Território Indígena Krahô, no atual estado do Tocantins (ABREU; ALBUQUERQUE, 2018).

Outra parte silenciada pela historiografia e pela memória coletiva é a escravidão imposta ao povo negro no Sul do Maranhão, que apenas muito recentemente tem ganhado pesquisas conforme o Ensino Superior se estabelece nas cidades interioranas. Um caso notável é o da pesquisa da antropóloga Rita de Cássia Domingues Lopes que, ao pesquisar sobre uma comunidade remanescente de quilombolas em Araguatins-TO, encontrou evidências de que essa comunidade descendia de 8 pessoas negras escravizadas que teriam sido entregues como pagamento de dívida de um morador de Carolina a outro cidadão que vivia onde hoje se localiza Araguatins (LOPES, 2020).

Uma das maneiras encontradas para contrapor esses conflitos sociais que marcaram a gênese da comunidade carolinense é a exaltação do papel do seu fundador, o fazendeiro Elias Ferreira Barros, o qual teria vindo de Pastos Bons-MA, dando seguimento ao movimento da frente de colonização pastoril que foi iniciada a partir da Casa da Torre, no litoral baiano (REIS;PEREIRA, 2007). Assim é aclamado este sertanista no refrão, que é repetido por quatro vezes intercaladas entre duas estrofes das oito que compõe o hino

Saudemos seu fundador
A figura insinuante
De Elias Ferreira Barros
Um perfeito bandeirante

Essa aclamação ao nome do fundador é mais que a exaltação de sua individualidade, antes é uma afirmação da identidade maranhense por meio da mitificação de uma “insinuante” figura histórica que se contrapõe a outro personagem que disputou com Elias Barros o mérito de ter fundado o aldeamento, ou “arraial”, como assim denominam as fontes do século XIX. Se por um lado Elias Barros representa o Maranhão, Francisco José Pinto de Magalhães representaria as pretensões da então província de Goiás em relação ao território que hoje constitui o município de Carolina, o qual esteve em disputa por cerca de 30 anos, litígio que teve fim após eficiente defesa da causa maranhense pelo Deputado Candido Mendes de Almeida perante a Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro, em 1854 (ALMEIDA, 2007). Com a derrota da causa goiana, Francisco José Pinto de Magalhães é relegado ao esquecimento cívico, sendo lembrado apenas pela historiografia maranhense como um antagonista desqualificado e de comportamento reprovável (FRANKLIN; CARVALHO, 2005).

Porém, é o último verso do refrão que pode ser considerado mais intrigante, não apenas pelas polêmicas atuais em torno do termo, mas de sua associação às realizações executadas por Elias Barros: o fundador de Carolina seria “um perfeito bandeirante”. Considerando que o centenário de Carolina foi durante o governo JK, com obras de integração nacional, ainda na reminiscência da Marcha para o Oeste de Getúlio Vargas, com a construção de Brasília no coração do sertão brasileiro, exaltar o fundador da comunidade carolinense como um “bandeirante” está em sintonia com o clima desbravador que aquela época respirava. Elias Barros seria um dos vários pioneiros que abriram estradas e trouxeram civilização ao interior do Brasil, obra naquele momento ampliada pelo governo de Juscelino. Contudo, o contraditório desse projeto de civilização que se iniciou no Período Colonial é que ele se deu e continua se processando às custas da exploração humana e da imposição de uma estrutura social que marginaliza todos aqueles que não se enquadram num padrão de

sociedade que tem molde na metrópole europeia que deu início ao processo de conquista e ocupação do território que atualmente conhecemos como Brasil. Por fim, a ênfase que se expressa na frase “um perfeito bandeirante” indica a intenção de associar a trajetória carolinense com os demais centros de desenvolvimento socioeconômico do Brasil, incorporando a “mitologia bandeirante” construída pela historiografia paulista, que apresenta esses personagens históricos como promotores do progresso e da civilização, desbravadores do interior e agentes de “construção da nacionalidade” (SOUZA, 2007). Ainda que a figura do bandeirante, mesmo nos meados do século XX, estivesse associada à morte e escravidão de indígenas, a percepção geral é de que se tratava de uma tragédia praticamente inevitável, um preço considerado pequeno diante da grandeza da Nação.

O esquecimento proposital desses conflitos operado pelo ufanismo patriota seria uma conveniência necessária ao projeto de sociedade almejado pelas lideranças políticas carolinenses e de qualquer lugar, afinal, crimes contra a humanidade dessa magnitude certamente trazem questionamentos sobre a validade de tais projetos. Celebrar essa memória devidamente recortada é promover a anistia do pecado original dos fundadores da comunidade que hoje floresce ignorante ou displicente de seu passado obscuro. Nesse caso, o esquecimento é um elemento tão importante para a construção coerente da identidade comunitária quanto a memória (CANDAU, 2018). Além disso, o esquecimento e o silêncio zelam pelos privilégios simbólicos da “branquitude”, pois as imagens que representam a comunidade, louvadas pelo hino municipal, são forjadas em consonância com os valores do colonizador europeu e sua descendência.

[...] a branquitude é um construto ideológico, no qual o branco se vê e classifica os não brancos a partir do seu ponto de vista. Ela implica vantagens materiais e simbólicas aos brancos em detrimento dos não brancos. Tais vantagens são frutos de uma desigual distribuição de poder (político, econômico e social) e de bens materiais e simbólicos. Ela apresenta-se como norma, ao mesmo tempo em que como identidade neutra, tendo a prerrogativa de fazer-se presente na consciência de seu portador, quando é conveniente, isto é, quando o que está em jogo é a perda de vantagens e privilégios. (SILVA, 2017, p. 27-28)

Ou seja, a cor de pele exaltada no canto vibrante é a branca, muito diferente das cores daqueles que sofreram a perda de suas vidas e modos de existir no processo de construção da nação brasileira. Podemos também considerar o Hino de Carolina como uma “tradição inventada” (HOBSBAWM, 2021), pois diante das transformações do Brasil da década de 1950, em especial no governo Juscelino Kubitschek, o momento do centenário foi utilizado para inserir a cidade nesse clima de modernização. Posteriormente, em 1978, a composição de Nelson para as comemorações do centenário de Carolina foi alçada ao status de Hino Municipal justamente porque louvava os

valores que estavam se perdendo com a decadência socioeconômica da cidade, inspirando a esperança de dias melhores no futuro.

(...) toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento de coesão grupal. Muitas vezes, ela se torna o próprio símbolo do conflito (...). [HOBSBAWM, 2021, p. 20-21]

Ao analisar o Hino Municipal de Carolina como um discurso encontramos em certas palavras uma carga de conteúdo muito denso, relacionada tanto ao contexto regional quanto aos aspectos gerais do processo de colonização do território brasileiro, em especial, daquela porção chamada de “Sertão”²⁹. Embora os detalhes da trajetória histórica carolinense tenham peculiaridades singulares, como o processo de configuração das fronteiras entre os estados do Brasil, há um aspecto compartilhado por toda a sociedade brasileira: a estruturação hierárquica da sociedade a partir de um padrão europeu, que qualifica os cidadãos por sua aproximação a valores culturais da antiga metrópole colonial. Por isso, a cidade é representada em seu hino cívico como uma princesa europeia, devidamente ornada e posicionada, enquanto seu fundador é glorificado como um bandeirante, ou seja, de acordo com o mito da historiografia paulista, um desbravador de territórios inóspitos e “pacificador” de povos indígenas.

Outro ponto interessante a ser notado é a ausência completa de referências ao elemento que hoje é considerado o mais importante para a identidade carolinense: suas paisagens naturais. Embora estejam representadas na bandeira (Morro do Chapéu e Rio Tocantins), não são mencionadas no hino, que se preocupa essencialmente em perpetuar a posição política da cidade. Para destacar a nova imagem do município na região, uma outra música foi composta, sob patrocínio do estado do Maranhão após influência do prefeito na época, João Odolfo. Lançado em 1993, o álbum “Rosa Amarela”, do artista maranhense Papete³⁰, tem como uma das suas faixas a música “Carolina” (a letra na íntegra está disponível nos anexos), em homenagem à cidade ribeirinha.

²⁹ “Como se pode observar, a palavra ‘sertão’ é ainda na atualidade, usada em várias regiões brasileiras para designar áreas interioranas, sejam elas os hervais no Planalto da Serra Geral, no oeste catarinense, como a cimeira das vertentes íngremes das áreas serranas do Sudeste brasileiro, as chapadas e cerrados do Centro-Oeste ou a região de semiaridez do Nordeste”. (ANTONIO FILHO, 2011, p. 11)

³⁰ Papete foi o nome artístico de José de Ribamar Viana, cantor e instrumentista de fama internacional, sendo reconhecido como um dos maiores percussionistas do mundo, principalmente por sua técnica com o berimbau. Teve atuação importante no cenário musical maranhense, sendo referência na valorização da cultura do estado. Nascido em Bacabal (MA), no ano de 1947, vindo a falecer na cidade de São Paulo (SP), em 2016. Fonte: Museu da TV. Disponível em: <<https://www.museudatv.com.br/biografia/papete/>> Acesso em 02 de julho de 2022.

Carolina, minha mina,
Meu tesouro do lugar,
Se eu cair na cachoeira
Nunca mais vou te deixar.

De princesa a garota faceira, a cidade passa a ser louvada por suas belezas naturais, fonte de inspiração e prazeres sensoriais, lugar que deixa saudades no coração dos visitantes. Mas é este mesmo sentimento nostálgico que preserva sua antiga aura aristocrática que vai continuar presente na literatura dos grupos de intelectuais e nas narrativas orais compartilhadas pelas pessoas menos favorecidas, ambas competindo agora com o discurso da propaganda turística, divulgado em escala global pela internet.

Neste tópico encerramos nossas considerações sobre a paisagem citadina de Carolina-MA e no capítulo seguinte entramos na esfera dos sentimentos dos moradores a respeito de sua terra natal. Para isso continuaremos no mesmo espaço que oportunizou estas reflexões sobre o hino municipal: o Museu Histórico de Carolina. Vejamos o que a Casa das Musas nos diz a respeito das emoções dos carolinenses sobre a comunidade que imaginam integrar e que fomenta a sua sociabilidade.

Fotografia 08 – Alunos da escola Américo Ayres em visita ao MHC, em novembro de 2022.



Fonte: Página do MHC no Facebook

2 PAISAGEM DE PERTENCIMENTO: Nostalgia & Expectativa

2.1 “Unindo Memórias”, forjando uma identidade

“[...] o primeiro documento histórico em um museu histórico deve ser o próprio museu”.

- Ulpiano T. Bezerra de Menezes

Originalmente pensado para ser instalado num dos casarios tombados como patrimônio histórico na Avenida Getúlio Vargas, o Museu Histórico de Carolina fica localizado na Rua Diógenes Gonçalves, nº 373, numa casa cenário reconstruída para substituir o edifício que existia antes, condenado pelos engenheiros do CESTE que avaliaram o imóvel. O resultado final foi um prédio que simula a arquitetura tanto da casa que foi demolida quanto das residências em estilo colonial reconhecidas como patrimônio pelo estado do Maranhão: portas e janelas de madeira, assim como o forro, além de cômodos e dependências espaçosos o suficiente para permitir a circulação de grupos de até 40 pessoas, mais ou menos.

Logo na entrada, há fotos em preto e branco com locais marcantes da paisagem citadina carolinense: a Avenida Getúlio Vargas, a Praça Alípio de Carvalho, o Clube Ideal e outros. Nesse ponto também são visíveis os artigos à venda: livros de literatura memorialista e história regional; camisetas e canecas personalizadas com a marca do museu, etc. Ao fundo desse salão de entrada, um grande baú faz as vezes de balcão e separa a entrada do escritório do diretor do MHC do restante desse cômodo. Professor aposentado, Hélio Ney Noletto, não apenas resolve questões administrativas locais como guia pessoalmente os visitantes que ali chegam, explicando cada uma das exposições instaladas nos cômodos seguintes.

As exposições são divididas entre permanentes e temporárias, organizadas de acordo com as seguintes linhas de pesquisa:

- Formação do Município (pré-história, primeiros habitantes, fluxos migratórios, emancipação política);
- Mudanças e permanências (paisagem natural, paisagem urbana, vida no campo, vida social);

- Literatura e imprensa (jornais e revistas, academia de letras, publicações sobre a vida política, social e econômica da região);
- Arte e Educação (educandários, bandas musicais, artistas e artesãos, produções artísticas);
- Festejo de São Pedro de Alcântara (religiosidade, culinária, costumes)
- Navegação (fluvial, aérea, terrestre, caminhos)
- Coluna Prestes (movimento nacional, presença em Carolina, impactos, documentos);
- Hidrelétrica do Itapecuru (empreendedorismo, impacto sociais, econômicos e ambientais).

Imagem 10 – “Print” de um mapa de Carolina-MA no Google Maps, com destaque para área da em que se localiza o MHC.



Fonte: arquivo do autor

O acervo é constituído basicamente de doações, principalmente das famílias Maranhão e Queiroz, além de outras cujos antepassados e entes queridos são ou foram pessoas consideradas importantes para a sociedade carolinense, como o compositor Nelson Maranhão, o professor José

Queiroz, o fotógrafo Manoel Rocha ou o jornalista Waldir Braga. Imbuídos desses valores sentimentais e de um desejo de perpetuação da memória, tais objetos são representativos da classe social dominante em Carolina-MA, especialmente no período em que a cidade vivia o seu apogeu como referência regional hegemônica. Distribuídos em cômodos que as dividem por temas, as exposições são compostas por painéis bilíngues (inglês e português) e quadros explicativos, ao redor dos quais são distribuídos os objetos referentes a cada temática: manuscritos, fotografias, impressos, pinturas, esculturas, peças de mobiliário, instrumentos musicais, objetos de uso, indumentárias, material audiovisual³¹, dentre outros. Esperando tratamento adequado e melhorias na infraestrutura que permitam novas exposições, está um acervo técnico de mais de 3.000 itens, entre eles os encadernados com todas as edições do Jornal Folha do Maranhão do Sul, que de 1996 a 2015 defendeu a bandeira política da separação do território maranhense, um sonho acalentado por muitos intelectuais da região, principalmente os da cidade de Imperatriz-MA, cuja influência a tornaria a provável capital do novo estado.

Fotografia 09 – Alunos da Unidade Escolar Dirceu Arrais, do bairro carolinense do Brejinho, visitando o MHC e observando o painel sobre a formação do município.



Fonte: Página do MHC no Facebook

Em minha monografia para graduação em Ciências Sociais (CRUZ, 2019), destaco o lugar social da produção museológica do MHC, vinculado à elite socioeconômica da cidade, muito preocupada em preservar a memória social da época de sua proeminência, fato verificável no recorte temporal que mais recebe destaque nas exposições: o ciclo econômico do comércio pela navegação

³¹ O destaque é para uma hemeroteca com jornais do início do século XX.

fluvial através do rio Tocantins. Tal escolha acaba produzindo uma história calcada na colonialidade e na busca constante por inserir a comunidade carolinense na modernidade, sendo a nostalgia por esses tempos de apogeu um lamento pela perda de status social vivenciado pela elite local.

Outro ponto relevante que salientei em minha pesquisa inicial é a de que há temas importantes que ficaram esquecidos ou silenciados, como o tema da escravidão, pérfida relação social que se abateu sobre povos originários e africanos retirados de sua terra natal, conforme já demonstramos no tópico anterior.

Tendo como lema “Unindo Memórias”, o MHC assume um compromisso de constante reformulação, limitado, no entanto, pelas precariedades de condições de trabalho intrínsecas ao campo da cultura no Brasil. Essa urdidura da narrativa memorial é uma espécie de gestão do passado, conforme destaca Mateus K. D. M. de Carvalho (2019), em sua monografia para o curso de Museologia da UNB.

Assim, um museu é criado dentro de um contexto que necessita de ancoragem. O grupo de carolinenses estudado precisa rever seu passado. Para entenderem quem são diante das mudanças que vinham ocorrendo na paisagem urbana. E é na busca desse passado em que elementos foram escolhidos para fazerem parte de um “passado oficial”. Há a apropriação de todo o passado que antecede aquelas pessoas, somado ao passado daquele grupo. O resultado é uma versão da história da cidade (...). A essa operação, fruto de pesquisa, de negociações e escolhas, que resulta em uma versão única, chama-se gestão do passado. (CARVALHO, 2019, p. 64)

Considerando o reconhecimento dos administradores do museu de que é preciso democratizar o acesso à cultura, o que é manifesto nas ações educacionais desenvolvidas por essa entidade³², o MHC é um exemplo interessante de parceria público-privada, pois este surge da atuação de uma ONG, a Associação Carolina Via Verde, em captar recursos disponibilizados pela iniciativa privada, conforme as determinações do Governo Federal. Ou seja, ao mostrar que é possível conseguir financiamento de projetos culturais por meio do atendimento das exigências de editais, o MHC serve de modelo para iniciativas semelhantes em toda a região, que não conta com museus mesmo em suas maiores cidades³³. Segundo Rodolfo Fortes, um dos próprios fundadores e

³² Estudantes das escolas locais não pagam entrada. Basta fazer um agendamento prévio para realizar uma visita guiada.

³³ Em Imperatriz-MA, existe o Centro de Pesquisa em Arqueologia e História Timbira (CPAHT), administrado pela UEMASUL. Em Porto Franco-MA, existe um museu municipal que foi inaugurado mas nunca iniciou suas atividades. Nem Imperatriz-MA, nem Balsas-MA e nem Araguaína-TO possuem museus históricos, justamente pela falta de articulação entre as diversas entidades que poderiam encampar tal projeto.

parte da equipe administradora dessa entidade, é necessário um processo de aproximação e diálogo constante com a sociedade carolinense para que esta reconheça o museu como seu e queira dele participar.

No entanto, o mérito principal do MHC é justamente em não existir apenas como parte da paisagem urbana, mas também interagir com seu público através de eventos e de publicações nas redes sociais. Os principais eventos realizados pela entidade são os saraus líteromusicais, que no ano de 2022 tiveram sua 6ª edição, intitulada “João e Nelson – Lira Carolinense”, homenageando dois destacados artistas nascidos da cidade que tiveram grande prestígio no início do século XX.

Fotografia 10 – Apresentação artística durante a 6ª edição do sarau líteromusical promovida pelo MHC.



Fonte: arquivo do autor

O evento foi realizado em dois dias consecutivos: o primeiro na calçada em frente ao MHC, com cadeiras ocupando a Rua Diógenes Gonçalves, podendo ser apreciado por qualquer transeunte; no segundo dia, foi executada na igreja matriz uma missa composta por Nelson Maranhão quando tinha 15 anos de idade, obra recuperada por professores da UFMA de São Luís que pretendem publicar um livro com esta e outras composições de Nelson.

Ao participar desses eventos pude perceber o clima nostálgico que envolve a cerimônia, a qual não exaltava apenas os ancestrais e contemporâneos por suas obras artísticas, mas celebrava um contexto histórico em que Carolina possuía um destaque regional como centro cultural da região tocantina. Aos olhares saudosistas dos carolinenses somavam-se olhares curiosos de turistas que aos poucos se aproximavam dos eventos que aconteciam nas proximidades das pousadas em que estavam hospedados. Aos cochichos, compartilhavam suas impressões dessa cidade conhecida por suas belezas naturais, mas de patrimônios culturais ignorados. Um desses visitantes me confidenciou: “Não sabia que em Carolina aconteciam eventos culturais desse tipo”.

Fotografia 11 – Execução por membros da orquestra Vivace, de Imperatriz-MA, da missa composta por Nelson Maranhão na Igreja Matriz de Carolina.



Fonte: arquivo do autor

Imagem 11 – Publicação do MHC sobre o aniversário de Carolina compartilhada em suas páginas no Instagram e no Facebook.



Fonte: Arquivos do MHC

Não são apenas os turistas que se surpreendem com a densidade da história carolinense, mas os próprios moradores da cidade desconhecem boa parte dela. O melhor exemplo disso é a própria dificuldade da maioria dos carolinenses em precisar a idade de sua cidade. A outra grande contribuição do MHC está justamente em fazer publicações na sua página no Facebook que podem ser compartilhadas nas redes sociais, elucidando os equívocos em torno da data de fundação do município. O que acontece é que, como mencionado anteriormente, a celebração da emancipação da cidade se sobrepôs à data de fundação, por conta da acintosa disputa entre as províncias do Goiás e do Maranhão pelo território de Carolina, desde a época colonial. A data de 8 de abril de 1859 se tornou um símbolo da afirmação da identidade local, reconhecendo-se como maranhenses, promovendo um apagamento involuntário do passado progressivo. Apesar de haver um monumento explicando as origens da cidade na Praça Alípio de Carvalho, onde localiza a Prefeitura Municipal, a necessidade de esclarecimentos sobre esse conturbado período de 1809, quando teria sido fundado o Arraial de São Pedro de Alcântara. O nome atual teria vindo de outra povoação que teria se deslocado da margem esquerda do rio Tocantins, distante cerca de 100 km, para onde hoje se

localiza Carolina, mesclando-se à população de São Pedro de Alcântara. O resultado das tensões entre as províncias do Maranhão e do Goiás acabaram por definir o rio Tocantins como divisa entre as províncias a partir da foz do rio Manoel Alves Grande, como permanece até hoje³⁴.

Funcionando como uma caixa de ressonância da memória dos grupos que formavam a elite carolinense na época da hegemonia sociocultural do município, o MHC celebra a colonialidade da trajetória histórica e antropológica da cidade de Carolina, de certa forma, reforçando seus mitos fundadores, suas hierarquias baseadas na branquitude e a esperança de um ressurgimento do seu destaque. Porém, enquanto entidade que dialoga com a comunidade, permite a superação de paradigmas hegemônicos a partir da construção de novos conhecimentos, da realização de pesquisas e da participação popular em eventos e produção de novas exposições.

O saudosismo de uma sociabilidade perdida também está presente em outras manifestações populares, as quais ganharam nova dimensão com a ascensão das redes sociais. Usaremos uma delas como exemplo no tópico a seguir.

Fotografia 12 – Carnaval de rua em Carolina, década de 1970.



Fonte: Arquivos do MHC

³⁴ Não se deve esquecer que o estado de Goiás mudou muito de configuração desde a época colonial, perdendo muitos territórios, incluindo o atual estado do Tocantins, conhecido até a década de 1980 como Norte Goiano.

2.2 Cantos de perda e saudade

Tem lugares que me lembram
Minha vida, por onde andei
As histórias, os caminhos
O destino que eu mudei
Cenas do meu filme em branco e preto
Que o vento levou e o tempo traz
Entre todos os amores e amigos
De você me lembro mais

- “Minha Vida (In my life)”, Rita Lee

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados de modo indelével pela pandemia de coronavírus que se alastrou pelo planeta, provocando a necessidade de afastamento físico entre as pessoas, embora no Brasil a gestão federal naquele momento tenha feito de tudo para minimizar e negar a perigosa calamidade que essa doença representava³⁵. Foram tempos difíceis, em que o mundo inteiro teve que adaptar novas formas de trabalho, sociabilidade e entretenimento, por conta da necessidade de *lockdowns* e outras medidas de segurança sanitária que impediam o contato físico direto entre as pessoas por conta do risco de contaminação. Em Carolina-MA, além da paralização das atividades turísticas, os moradores também tiveram sua rotina alterada e se mantiveram reclusos na medida do possível.

Nessa ocasião, a internet serviu de consolo e instrumento de aproximação entre as pessoas que utilizaram as redes sociais para compartilhar todo tipo de conteúdo que permitisse um envolvimento entre entes queridos e amigos: fotos, vídeos e transmissões ao vivo que mostravam como cada estava lhe dando com o afastamento social³⁶.

No dia 23 de maio de 2021 foi compartilhado um áudio em um grupo de WhatsApp de professores de Carolina com a leitura de um texto por uma professora aposentada, o qual me foi repassado pela minha tia paterna Ocineide, que trabalha na rede municipal de ensino. A narração é de Raimunda Costa, educadora, poetisa e autora de livros, residente na vizinha cidade de Goiatins

³⁵ De acordo com dados do próprio governo federal, o número de vítimas chegou a 692.969, até o momento da minha escrita. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em 26 dez. 2022.

³⁶ Nessa época, inclusive, como as demais instituições de educação, a UFMA também ministrou aulas remotas e foi assim que vivenciei a experiência do mestrado. Embora essa limitação tenha precarizado a dinâmica do ensino, fomentou o uso de um recurso pouco aproveitado pelas universidades e outras instituições de ensino/pesquisa: os eventos online. Isso me deu a oportunidade de conhecer o trabalho de entidades e pesquisadores que eu não conhecia e nem tinha contato.

(TO). Fiz uma transcrição que foi revisada por Raimunda Costa e reproduzo aqui com a autorização da autora. Trata-se de uma carta direcionada ao jornal impresso “Folha do Maranhão do Sul” no ano de 2012, que infelizmente não pode ser publicada por conta da quantidade de matérias sobre política que ocupavam todo o espaço do informativo em razão de se tratar de um ano eleitoral.

Ilustríssimo senhor redator do jornal “Folha do Maranhão do Sul”, eu aproveito a oportunidade para parabenizá-lo pelo maravilhoso jornal onde fico sabendo as notícias de minha cidade. Moro num povoado a 82 km de Goiatins-TO, mas não perco uma edição desse jornal.

O que mais me chamava atenção era a coluna do dr. Alcindo, que além de falar coisas importantíssimas, trazia coisas do passado de minha querida Carolina, cidade essa onde passei parte de minha adolescência na década de 1970. Relendo agora alguns jornais, vejo uma parte em que o dr. Alcindo volta à sua terra na lembrança e eu também volto à Carolina num tempo de saudade. E numa viagem fantástica ao passado, vejo minha doce Carolina bela, calma, simples e com cheiro de terra molhada das primeiras chuvas de setembro.

Lembro-me até de um poema de Laurentina Murici, a quem admiro muito, onde ela relembra as salsas nas cerca de buriti. Era uma época em que eu era feliz e não sabia.

Não é que ao passar dos cinquenta eu já tenha um espírito tão arcaico, mas é que o moderno tira o belo das coisas. É daquela Carolina que eu tenho saudade: onde eu podia andar sem medo a qualquer hora, porque altas horas da noite podia ver as pessoas conversando nas rodadas à porta dos casarões da Getúlio Vargas e hoje tudo isso é substituído por casas fechadas, por telas, onde olhares paralisados perdem o tempo vendo a Fazenda, o Big Brother Brasil e outros programas totalmente vazios. As ruas estão desertas, dando espaço aos encapuzados fazerem barbaridades e saírem em alta velocidade.

Moro num lugar singelo, onde posso fechar os olhos e ver minha linda Carolina com as ruas da COHAB ainda cobertas pelas quintas do Zé Moreira, às margens do córrego Bacaba floridas de roupas ao sol e lavadeiras a cantarolar dobrando cada peça com cheirinho de mato. A rua Gomes de Souza iluminada pelas fogueiras de São João; o Arraial nos colégios; a quadrilha do dr. Pinto que, quando já estávamos cansados e suados de tanto rodopiar, ainda ouvíamos seu grito na serpentina: “Não solta a mão nem que morra!”. O Festejo de São Pedro; o sorriso bonito da rainha da festa; o Cine Coimbra soltando seu som anunciando os filmes de Bruce Lee e Shaolim; o “Bando da Lua” animando os bailes da ARCA e AAB; a música dos “THE FEVERS” na voz maravilhosa do saudoso Djael; eu entrava no salão em passos lentos como se fosse uma rainha. Lembro a Pedra Caída quando a gente ia na companhia do Adelino em sua “MIMOSA”, e levava as marmitas e pendurava nos galhos; na volta era uma festa! Revivo tudo como num vídeo: o chiado do sapato da irmã Stela subindo as escadas do Dom Emiliano, onde esperávamos com o coração aflito a repreensão depois das traquinagens.

A maneira de me comportar na frente da Maria Emília e da Antonieta, duas donzelas recatadas. O “bom dia” antecipado do João Rego, quando da calçada avistava a gente na rua. A Liginha em sua cadeira de balanço na porta do avô Manduca; a vagareza do dr. Cristóvão em seu gabinete; a aspereza do dr. Zanina com seus clientes.

O professor Edson Cardoso olhando a rua com a porta entreaberta; os passeios do professor Othon e da professora Luzia, um exemplo de amor e dedicação; a meninada brincando de roda na porta da Donília; o Zé Branco riscando a calçada com uma vareta e dizendo: “Olá, seu minino!”. O Santo Ovo puxando sua sanfona; a brincadeira do boi do Valdemar; as batidas da caixa da Maria Surda; os circos da rua do Sol; os elogios dos açougueiros do mercado que me faziam tanto bem; os barcos da empresa PIPES flutuando

no rio Tocantins, suas bandeirinhas tremulando ao vento e as águas cristalinas formando suas ondas, colírio para os nossos olhos.

A delicadeza da Bené na farmácia; o Edson Azevedo mandando o balconista cumprimentar os clientes; o Doca Souza que dava o preço do metro de tecido de dez cruzeiros, baixava para sete e o freguês ainda saía agradecido pensando ter levado o zíper de brinde, enquanto o preço do metro do tecido era apenas cinco; a Dona Ady da Leão de Ouro, muito simpática; o Festejo do Ticoncá; o Parque de Exposições; a simplicidade do Celecino; o Genésio Gonçalves tratando as pessoas com bondade na Prefeitura; a voz maravilhosa do dr. Adalberto na recepção do representante do Papa, Dom Carmine Rocco, na catedral; o alto-falante do Alfredo Maranhão; o carro de propaganda do Babi; o Bar do Manguari; os fins de semana na Itapuã; os bolinhos da Sebastiana Boleira; os doces da Dona Celeste Pedra; o “teco-teco” das máquina da Dona Antonina; os hinos da chácara da Dona Inês, que nos acordavam com “O fonte de água viva”.

O Manoel de Puba mandando as pessoas irem rezar; o “psiu” do Mundico “Macaco do Chiba”, quando via uma menina bonita; ao lado da Igreja Batista, a Dona Luiza Chiba dedilhando seu violão; a Ieda com a cintura fina saindo da Casa das Armas; a elegância do Zé Filho e da Graça Moreira entrando no Banco do Brasil; o papo com seu Aureliano na área da Prefeitura; a polidez da professora Alciony em suas aulas; o jipe da Maria Batista rondando a cidade; a conversa animada das mulheres se embelezando nos salões da Francisca Rocha e Florinha; as moças bonitas do Supermercado Oriente; o dr. Barreto, o Honório e o Zé João no Bar do Dorival; o tango do Mister Jaime nos intervalos dos bailes e tantas outras coisas que não dá para citar, mas é essa minha encantada Carolina onde vivi anos me sentindo a princesinha do sertão.

Hoje, Carolina está moderna e muitos desses já se foram, mas guardo na memória, numa recordação muito terna.

A narrativa da professora Raimunda Costa evoca com seu lirismo não apenas a sua própria vivência na Carolina da década de 1970, mas toda uma geração que existiu no mesmo período de tempo. Por isso, o impacto foi imediato e estrondoso: durante uma semana o áudio com a leitura dessa carta circulou por vários grupos de WhatsApp de pessoas da cidade, provocando reações emocionadas representadas em textos e novos áudios com depoimentos das pessoas que reafirmavam sua saudade dos tempos de juventude, dos eventos, festividades e relacionamentos que experimentaram em suas respectivas épocas de mocidade. Houve até quem tentasse se passar pela professora Raimunda Costa em um áudio de uma suposta continuação da carta, tentativa que foi rapidamente desmascarada pela comunidade e repudiada, embora a autora da farsa não tenha sido exposta. O que a teria denunciado e identificado como uma impostara seria tanto o seu tom de voz quanto o conteúdo do áudio, muito mais malicioso e basicamente aproveitando a oportunidade para espalhar maledicências sobre a vida de outros moradores da cidade. Inclusive, o Museu Histórico de Carolina fez uma publicação homenageando a professora Raimunda e explicando a situação do áudio da impostora.

Fotografia 13 – Página de um dos livros da professora Raimunda Costa contendo sua biografia.



Fonte: Raimunda Costa

No entanto, a reação mais interessante viria de alguém que visitava com certa frequência o jornal “Folha do Maranhão do Sul”, por conta dos seus parentes que moravam próximos dali e eram leitores e apoiadores desse importante veículo de imprensa local. Poucos dias depois, em 25 de maio

de 2021, o jovem psicólogo Ruy Tadeu Costa Ribeiro³⁷ respondeu com um áudio de leitura de texto, no mesmo tom memorialista, à carta da professora Raimunda Costa, cuja transcrição reproduzo abaixo com a anuência do autor.

Cara leitora do Jornal Folha do Maranhão do Sul,

Eu, embora não tão assíduo como você, também foi leitor do mesmo jornal. Há, entre nós, certamente, uma grande diferença das perspectivas das histórias narradas: nossas idades.

Na década de 70, que brilhantemente recordastes com carinho e muita saudade, nem mesmo sequer aqueles que vinte anos depois se amariam e me dariam a oportunidade de existir haviam se conhecido. Respondo-lhe, portanto, do futuro, se levarmos em consideração a época em que sua mensagem ao redator do jornal foi escrita.

Durante minha infância, pelos primeiros anos do século XXI, no início da década de 10 dos anos 2000, sempre que visitava a casa de meus avós paternos, à tardinha, encontrava Celecino Carlos Pereira, meu avô, com toda sua simplicidade, sentado na calçada da Av. Adalberto Ribeiro, frente à sua casa, com suas pernas cruzadas e uma cadeira vazia ao seu lado, à espera de uma companhia para bons minutos de conversa. Após entrar, pedir a bênção de Maria Ribeiro, sua esposa e minha avó, pegava um pequeno tamborete, colocava ao seu lado, abria o jornal de Waldir Braga e perguntava-lhe que notícia queria ouvir. Assim, indiretamente, o Jornal Folha do Maranhão do Sul conseguiu formar mais um amante da leitura e admirador dos jornais impressos.

Carolina, de fato, muito tem mudado. E eu, embora jovem, já consigo observar tantas mudanças. Os tempos estão modernos, os encapuzados têm aumentado e os olhares paralisados ganharam mais um reforço para além da Fazenda e Big Brother, agora, se iludem com as vidas irreais do Instagram, Facebook e o ritmo acelerado do WhatsApp.

Mas a nossa Carolina, embora moderninha, ainda esbanja muita beleza e encantamento, sem contar que suas boas histórias ainda são escritas. Talvez, o problema seja realmente os olhos vidrados em telas que dificultava enxergar a beleza dos sorrisos das crianças ao receber um presente das mãos de Filim Andrade; ou rirem das graças da palhaça Regina Alencar; de admirar a felicidade da Gaúcha com seu filho pelo caminho da escola; de perceber a tranquilidade do Pedro Doido ao beber sua dose de 51; da insistência do “Manel” de Puba de mandar a gente rezar; da dança desengonçada do Sabonete; do gingado do Aurélio nas festas da AABB velha; ou mesmo do ciúme da Pastora pelos pés de manga da porta de sua casa na rua Benedito Leite.

Eu também me recordo com saudade de muitas coisas que em Carolina vivi, vi, senti e me diverti – embora muitas delas ainda acontecem, existem e sinto: das festas da Itapuã, onde o ingresso era 10 reais, mas passado da meia-noite, lá se vinha Dona Socorro oferecendo a entrada por 5 reais e de brinde ainda ganhávamos uma “birinight”; ou mesmo a euforia política da Dona Lourdes do Derval, com uma mala amarrada no seu fusca, soltando foguetes e cantando “arruma a mala aí” na porta da Prefeita Toinha Jucá; sem falar da beleza do chapéu de palha de meio metro de largura do grande poeta carolinense Joaquim Falcão; das lentes vidradas da Sebastiana fotógrafa; ou das famosas fotografias vestido de bichinhos da Parmalat, ou com o capacete do Ayrton Sena do estúdio do Carlão; entrar na A Garantida, ou no Renato Limeira com dois reais e fazer tão pouco dinheiro render uma boa sacola de chiclete; temer conversar com Seu Ney, nacasa das linhas, e levar uma baita de uma resposta; ou mesmo levar um sermão da Professora Jesus; aprender matemática e ao mesmo tempo acompanhar o ritmo acelerado da professora Iraides; ter paciência com as anotações do caderninho da Dona Inácia para passar o troco de uma bola de sorvete; no festejo de São Pedro de Alcântara, comer do vatapá da Joaninha, ver o mensageiro conseguir leiloar um frango por trezentos reais, as barracas vermelha e azul apresentando suas princesas e ficar

³⁷ Apesar do sobrenome parecido, a professora Raimunda não é parente de Ruy Tadeu.

guardando dinheiro o ano todo para no dia 12 de outubro aproveitar a promoção do dia das crianças e brincar em todos os brinquedos do parque; comprar álbuns de figurinhas com a Pulcina; comer um espetinho do Izim; olhar a velharada o Clube das 11 pelo Lanche Central; o desfile da VASP com seu aviãozinho; os tambores do Bloco Bafo da Onça acompanhados do sorriso encantador do saudoso Pedro Bringel; caminhar com os Seresteiros da Madrugada e as caixeiras do Divino pelas ruas da cidade; ou passar a virada de ano ao som de Cicinho.com na ECV, cantando jovem guarda, bossa nova e ainda desenrolando seu inglês próprio; alugar filmes na vídeo-mania e, enquanto um enrolava o funcionário, o outro rapidamente curiar os portfólios proibido para menores de dezoito anos; pegar cacau escondido nachácara da Dona Tamar, no aeroporto, a caminho da hípica; ver seu Cajuí pedalar por toda cidade; participar da competição de risada do programa do Antônio Maia na rádio só para ganhar dez reais da Max Caribe; ter a confiança no eterno Chico da Farmácia ao nos medicar, dada sua dedicação exemplar ao cuidado da saúde de mamando a caducando, da cidade ao sertão; a intensa alegria do Seu Lauro atendendo no Hot Line; admirar o cochilo do Nézinho em cima da caixa de engraxar sapato; a dança do boi desejo do Queiroz, na ASCAM; e a saudade do “taco, taco, taco” do motor do barco na travessia para a Ilha dos Botes; a seriedade da Terezinha do Ubirajara no comércio; os produtos de limpeza do COCOPI no mercado municipal - parada obrigatória pós-festa, seja para comer um bolo frito da Raimunda, ou mesmo o famoso “chambalada”, invenção da Dona Dirce e Mariano Tavares, as seis horas da manhã, misturando chambari com panelada para evitar a ressaca da juventude que viravam a noite na balada e cedo madrugava em seu restaurante; sair de casa para fazer uma rápida compra na Casa dos Plásticos, mas passar a tarde preso laquerando com Seu Gervásio; o preciosismo à língua portuguesa da professora Arlene Aires; e a quina do livro na cabeça do aluno que conversasse nas aulas do professor Hélio Ney; a diversão da criançaada ao perseguir Antônio Sapateiro pelas ruas para que lhe ouvisse brigar: “olha a moral, porra!”; à tardinha, pelo rádio, ouvir o jumento relinchando na abertura do programa do Bozó e toda sua inticancia com Almir e Agnaldo, cabelereiros que todo carolinense por seu salão já ei de ter passado; isso sem falar no medo do homem de saia, do africano, o jamaica, do Caveira, ou mesmo de precisar ir ao hospital e topar com Dr. Juquinha sóbrio; na praia, comer um sanduíche natural da Márcia, ou correr atrás do caminhão do Armazém Paraíba para ganhar uma bola de plástico amarela que naquela mesma tarde estaria furada.

Tantas outras histórias, momentos e pessoas fizeram e fazem parte da nossa Carolina. O tempo passa, os personagens mudam e os sentimentos oscilam. Carolina tem mudado, não se tem como negar, mas queria eu, apenas, que muitos olhos paralisados pudessem ver nossa cidade com a observo, pois veriam que mais belo que boas poses em redes sociais está as poses que nossa arquitetura, história, música, povo e natureza possui. Se pudessem meus pares olharem para Carolina como eu e poucos a veem, envergonhariam-se de aqui viver e achar que a maior beleza de nossa cidade é apenas uma queda d’água que turistas pagam para um banho. Nossa natureza é bela, mas nossa maior beleza, na simplicidade do meu entender, está em leitores, poetisas, artistas e escritores de sentimentos e de vida como tu, cara leitura do Jornal Folha do Maranhão do Sul.

As duas epístolas trazem várias citações a personalidades, lugares e eventos razoavelmente conhecidos pela população carolinense, pelo menos aqueles já em idade adulta, o que representa a existência de um universo simbólico que sustenta a identidade local, composto principalmente pela rede de relacionamentos estabelecidos no município, constantemente reforçada pela própria trajetória de seus cidadãos, cada uma delas compartilhada pela sempre faminta necessidade dos indivíduos de se atualizar sobre o que acontece na vida das outras pessoas do seu círculo social. Apesar do seu foco político, o jornal Folha do Maranhão do Sul também era um artifício de manutenção de relacionamentos e conhecimento para os carolinenses que moram em outros estados de estarem a par do que acontecia em sua cidade natal. Esse veículo de comunicação impressa vivenciou a ascensão da internet, a qual ocupou o destaque e função social anteriormente exclusivo desse tipo de mídia.

Fotografia 14 – Capa de uma das edições do jornal impresso Folha do Maranhão do Sul, disponível em formato encadernado na reserva técnica do Museu Histórico de Carolina.



Fonte: Arquivo do autor

Apesar da especificidade das referências que a professora Raimunda Costa e o psicólogo Ruy Tadeu citam e compartilham, existe alguns padrões em seu diálogo intergeracional que já foram apontados pela teoria sociológica e que podem nos ajudar a entender a profundidade do fenômeno social que essas manifestações individuais representam. O principal é notar como ambos sustentam suas memórias nos relacionamentos com outras pessoas: parentes, amigos, pessoas importantes e celebridades da sua comunidade local. Esses relacionamentos situam as memórias de Raimunda e Ruy Tadeu como âncoras num fluxo caótico de incontáveis acontecimentos que ocorreram nos últimos 50 anos, seja em Carolina, no Brasil ou no mundo, no entanto, nessa interlocução, nessa narrativa tecida por nossos memorialistas aqui citados o que importa são as lembranças que tocam

seu coração, que constituem a sua identidade de pertença a esse grupo que se identifica como “carolinense”. O memorialismo, enquanto estilo literário, se vale muito desse enquadramento social de seus autores.

Percebe-se, assim, que as narrativas memorialísticas não possuem o objetivo de constituir um retrato fiel da realidade, sendo seu interesse maior narrar sobre os acontecimentos que, de alguma forma, foram importantes na vida do narrador e daqueles que compõe seu círculo social, como família e amigos. (...) A narração de memórias é, portanto, uma experiência de recordação do autor na medida em que precisa voltar ao passado e reviver, relembrar tudo aquilo que havia ficado para trás. Ao fazer essa viagem, o autor/narrador escolhe tanto os acontecimentos que marcaram sua trajetória de vida e que deseja trazer à tona no que diz respeito à melhor maneira de apresentar esses fatos. Afinal, a escrita de memórias pode funcionar como uma nova forma de viver o passado, uma oportunidade para se reescrever uma história acrescentando ou retirando dela aquilo que interessa ou não ao narrador ser conhecido por terceiros. O autor, nessa perspectiva, é o senhor de seu passado, determinado ele próprio a construção e consolidação de memórias. (SILVA, 2016, p. 13-14).

Nesse ponto, o iniciador dos estudos sobre a memória coletiva, Maurice Halbwachs, é quem nos explica que o grupo ao qual pertencemos é a nossa referência na organização mental de nossas lembranças. Muito importante também é o papel do lugar, o espaço físico, em que determinada sociedade está enraizada e construiu seus hábitos, transformando território em paisagem. O cenário em que as pessoas vivenciam sua sociabilidade acaba também se tornando uma referência, ou mesmo um personagem, relevante na imagem onírica que termina por constituir a memória de uma comunidade.

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. Como a imagem do quadro-negro poderia recordar o que nele traçamos, se o quadro-negro é indiferente aos números e se podemos reproduzir no mesmo quadro as figuras que bem entendemos? Não. Mas o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida em sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável. É claro, novos fatos excepcionais também têm lugar nesse contexto espacial, mas porque em sua devida ocasião o grupo tomou consciência com maior intensidade do que era há muito tempo e até esse momento, e os laços que o prendiam ao lugar lhe apareceram com mais nitidez no momento em que se romperiam. (HALBWACHS, 2017, p. 159-160).

Ainda de acordo com Halbwachs, a mera ameaça de rompimento das relações de um grupo com seu lugar de pertencimento gera resistências, iniciativas de preservação dos referenciais de sociabilidade da comunidade que se imagina não apenas se perpetuando no tempo, mas compartilhando um passado e um destino comuns. Foi justamente esse tipo de mobilização que

permitiu a criação do Museu Histórico de Carolina e também a criação do Parque Nacional da Chapada das Mesas, este último fruto das reivindicações do movimento “S.O.S Rio Farinha”, o qual impediu a construção de duas hidrelétricas no rio Farinha, importante afluente do rio Tocantins, no qual se localizam dois pontos turísticos (cachoeiras da Prata e de São Romão) e dois sítios arqueológicos (morros das Figuras e das Araras). Como veremos no próximo tópico, um tipo parecido de movimentação também propiciou a revitalização do Centro Histórico de Carolina, a partir de uma requisição da Associação de Moradores da Rua Grande.

A nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida.

O limite para o qual tende a memória narrativa é a transição da nostalgia para um “horizonte de espera”, na feliz expressão de Paul Ricoeur. (BOSI, 2003, p. 67)

Nos textos de Raimunda e Ruy Tadeu, essas críticas à sociedade moderna se direcionam à dependência da tecnologia que desvia o olhar da realidade concreta. O contraditório da questão é que ambos tiveram puderam compartilhar seus sentimentos e alcançar rapidamente seus conterrâneos por intermédio da virtualidade, o que nos mostra que existe uma dinâmica de expansão da realidade por meio dos recursos tecnológicos, possibilitando novos e mais eficientes meios de comunicação. Mas em essência, o que essas narrativas aqui apresentadas ressaltam é a importância do contato direto entre seres humanos, do qual fomos privados durante a pandemia. Sentir o calor de um abraço e outras experiências sensoriais típicas da corporeidade ainda são fundamentais para a manutenção da nossa humanidade.

Ruy Tadeu compreende muito bem isso e assumiu um compromisso pessoal de contribuir para a preservação da cultura local. Junto com uma sócia, Zandra Aquino, fundou a “Sertão Carolinense” um espaço na Avenida Getúlio Vargas, Centro Histórico de Carolina, dedicado a divulgar o artesanato de artistas locais (pinturas, esculturas, bijuterias), entre outros itens que são ali vendidos, como bebidas alcoólicas caseiras, doces e muitos outros artigos. A “Sertão Carolinense” também é uma editora e publicou este ano seu primeiro livro “Poesias do sertão carolinense”, depois de uma seleção através de concurso em que pessoas se inscreviam e enviavam poesias sobre a cidade de Carolina.

O lançamento do livro se deu em novembro, durante o evento “Memórias, Culturas, Território e Literatura Carolinense”, promovido pela editora de Ruy Tadeu junto com o Colégio

Santa Cruz³⁸, Museu Histórico de Carolina e o Instituto Federal do Maranhão (IFMA). O evento aconteceu no auditório da Câmara Municipal de Carolina, local onde antes existia um cinema, o que pode ser percebido pela preservação da disposição dos assentos no formato de um areópago. Naquela ocasião houve falas do bispo da cidade, Dom Francisco, do diretor do MHC, Hélio Ney, e do Brigadeiro do Ar, Renilson Ribeiro, único carolinense a atingir esse nível na hierarquia militar.

Fotografia 15 – Dona Maria Ribeiro e Ruy Tadeu no evento “Memórias, Culturas, Território e Literatura Carolinense”, em novembro de 2022.



Fonte: Arquivo do autor

No entanto, a fala que mais recebeu atenção nesse evento foi de Maria Ribeiro, 95 anos, viúva de Celecino Ribeiro, avó de Ruy Tadeu. Nessa oportunidade ela compartilhou um relato de suas memórias, uma pessoa pertencente à classe trabalhadora, negra e mulher. Sua fala mostrou como as pessoas que ficam fora dos holofotes, que não estão no centro das atenções, também tem contribuições importantes para que se possa entender a cultura de uma sociedade. Um dos trechos que gostaria de destacar se refere à profissão que ela exercia como lavadeira de roupas, atividade

³⁸ O Colégio Santa Cruz é uma escola confessional católica localizada nas imediações da Praça Alípio de Carvalho, e substitui a escola Divina Providência que por sua vez havia substituído o antigo Colégio Dom Emiliano Lonati, sendo todas essas instituições administradas por religiosos católicos romanos.

que é referida pela narrativa memorialista de Raimunda Costa, citada no início deste tópico. Dona Maria lembra de como eram limpas as águas dos córregos que cortam a cidade, hoje poluídas pelo esgoto sem tratamento que é neles jogado e pelo reservatório da barragem que aumentou o nível desses corpos de água, cujas margens estão sendo retomadas pela natureza, conforme já descrevemos no primeiro tópico do primeiro capítulo desta pesquisa. Em sua fala, Dona Maria rememora as dificuldades e o trabalho duro que a impediram de estudar; as pesadas trouxas de roupa equilibradas na cabeça; as cantigas e brincadeiras com outras lavadeiras nos córregos; o contato através do trabalho com pessoas importantes da cidade e que são lembradas nos nomes das ruas e homenageadas com bustos nas praças, como o professor José Queiroz. Mesmo depois de sua ascensão social, com seu marido conquistando o cargo de vereador, Dona Maria permaneceu subalterna na sua condição de mulher e dona de casa, apesar de conseguir exercer influência ao acolher os eleitores do seu esposo que moravam na zona rural, quando estes os visitavam em sua casa na cidade. Sua descrição da Carolina do início do século XX nos mostra um pequeno e precário núcleo urbano com uma maioria de habitantes pardos e negros sem acesso à educação servindo uma pequena aristocracia de fazendeiros e comerciantes ávidos por serem reconhecidos como intelectuais preservando a cultura hegemônica nos rincões esquecidos do sertão brasileiro, o “sertão de águas e letras” do professor Alan Kardec Gomes Pachêco Filho (2014). O antropólogo Jöel Candau traz reflexões importantes sobre o que está nas entrelinhas dessas narrativas sobre o passado.

(...), essa reconstrução tem uma função social: muitas vezes manifestando nostalgia por um passado pintado com cores de “velhos bons tempos”, o narrador faz uma crítica à sociedade atual que pode trair a exigência subjacente de mudanças para o futuro. O conteúdo da narrativa é, nesse caso, uma negociação entre uma certa representação do passado e um horizonte de espera. Por essa razão a memória, portadora de uma estrutura possível de futuro, é sempre uma memória viva. (CANDAU, 2018, p. 89)

Em Carolina-MA, esses vínculos entre o passado e o presente não estão somente nas narrativas escritas e orais ou mesmo no corpo de cada pessoa que habita esse lugar. A própria paisagem citadina tem seus marcos memoriais na forma de monumentos que celebram a passagem do tempo e a duração dos sonhos da comunidade. A relação dos moradores com essas referências arquitetônicas serão o tema do próximo tópico.

2.3 Vivendo um futuro sonhado

“Mas é o fato de *determinarmos* o futuro e autodeterminar-nos a partir dele que caracteriza a nossa ação. Porque é na predominância do futuro sobre o presente que afirmamos e realizamos nossa liberdade”.

- Hilton Japiassu

A efeméride do Bicentenário da Independência do Brasil teve um sabor especial em Carolina-MA por causa da expectativa pela abertura de uma cápsula do tempo que esperou um século para ser aberta. Em um obelisco de 8 metros de altura erguido há cem anos na Avenida Getúlio Vargas, um grupo de carolinenses ali depositou uma garrafa de vidro com cartas, partituras de música e dados estatísticos sobre a cidade. Durante as comemorações do Centenário da Independência, em 1922, alguns intelectuais carolinenses materializaram suas aspirações sobre o futuro da cidade em documentos que depositaram num monumento na praça mais importante do seu município. Até que ponto esse futuro do pretérito se concretizou?

Fotografia 16 – Face da base do obelisco onde estava guardada a cápsula do tempo, em novembro de 2022.



Fonte: Arquivo do autor.

Na verdade, esta é uma pergunta que ainda aguarda uma resposta precisa. Isso se deve, principalmente, porque os documentos que estavam dentro da garrafa de vidro que os guardava

foram encontrados em alto estágio de deterioração devido a infiltrações. Apenas a cópia do jornal daquela época, que noticia a inauguração do monumento e o fechamento da cápsula, está em posse do Museu Histórico de Carolina. Uma busca por possíveis cópias dos outros documentos que estavam guardados na cápsula ainda será efetuada. No entanto, o gesto dos carolinenses do início do século XX foi celebrado com muito entusiasmo para geração atual, apesar do atraso na abertura da cápsula, que aconteceu em 18 de novembro de 2022 por problemas técnico-administrativos. Houve apresentações musicais, presença de autoridades políticas e religiosas do município e do estado do Maranhão, e também realizou-se a leitura do texto do jornal “O Tocantins”, de setembro de 1922, descrevendo as festividades que ocorreram cem anos antes e o conteúdo da cápsula do tempo. Centenas de pessoas se aglomeraram ao redor do monumento para acompanhar a abertura desse artefato, mas somente depois de alguns dias é que a empresa contratada para realizar a coleta da cápsula divulgou os resultados do seu trabalho, embora este tenha tido acompanhamento com transmissão ao vivo da mídia local pela internet.

Fotografia 17 – Banda carolinense “Shekiná” executou várias músicas antes da abertura da cápsula.



Fonte: Arquivo do autor.

Fotografia 18 – Conteúdo da cápsula do tempo recebendo tratamento da empresa ARQUIVAR, sendo que todos os itens encontrados e recuperados foram colocados em um painel e atualmente estão expostos no Museu Histórico de Carolina.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico de Carolina.

Justamente toda a movimentação pela abertura dessa cápsula do tempo acabou se tornando muito mais importante, naquele momento, do que seu conteúdo, de inestimável valor histórico para o município. Embora tenha acontecido dois meses depois do 7 de setembro, devido a problemas técnico-administrativos, o evento despertou o interesse da população local, sendo noticiado e divulgado, chamando a atenção pelo fato de pouco lugares tenham realizado algo semelhante.

Mesmo que algumas pessoas tenham demonstrado alguma frustração quando souberam que conteúdo da cápsula estava avariado, a maioria da população demonstrou muita satisfação em participar daquele momento e saber que uma nova cápsula será colocada no obelisco, para que o evento se repita em 2122. Na verdade, os carolinenses já têm criado uma certa familiaridade com essa dinâmica: na virada do milênio, um monumento em forma de arco, nomeado “Portal do Ano 2000”, foi inaugurado para homenagear o patrimônio histórico da cidade e também ali foi colocada uma cápsula do tempo para ser aberta no século seguinte.

Estes gestos de estabelecimento de contato entre gerações de pessoas que nunca irão se conhecer demonstra uma crença profunda na continuidade da comunidade. Ainda que não se saiba por palavras escritas o que a geração de 1922 esperava do futuro de Carolina, o monumento do

obelisco do centenário da independência discursa sobre a confiança de outras gerações honrariam a memória de seus antepassados e compartilhariam de suas demonstrações de civismo.

O historiador Jacques Le Goff refletiu sobre a natureza do monumento e sua importância atribuindo a esse tipo de obra arquitetônica o “poder de perpetuação, voluntária e involuntária, das sociedades históricas” (LE GOFF, 2013, p. 486). O mesmo autor ainda nos explica que podemos considerar tanto o monumento como documento, quanto o documento como monumento. Ambos são um marco temporal que seleciona determinados acontecimentos como distintivos e importantes para determinada comunidade. Nesse sentido, monumentos e documentos são, simultaneamente, verdades e mentiras. Verdades porque testemunham sobre o caráter e cultura de um povo, revelam aspectos de sua identidade. Também são mentira quando se pretendem a dizer tudo o que se poderia ser dito sobre determinado povo, época e lugar. História e memória são feitas de discursos e silêncios devidamente selecionados. Uma análise igualmente relevante desse tema foi realizada pela especialista em História da Arquitetura Françoise Choay.

O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. Nesse sentido primeiro, chamar-se-á monumento tudo o que foi edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. O monumento assegura, acalma, tranquiliza, conjurando o ser no tempo. Ele constitui uma garantia das origens e dissipa a inquietação gerada pela incerteza dos começos. Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento. (CHOAY, 2017, p. 17-18).

Essas consistentes explicações não esgotam possíveis questionamentos sobre como as motivações de uma geração podem alcançar uma outra, mesmo séculos depois. Por que foi importante esperar tanto tempo para receber uma mensagem que talvez tenha se perdido para sempre? Considerando como as pessoas de hoje tem acesso a uma comunicação espontânea, o que significa participar desse diálogo com gente que já se foi ou ainda não nasceu? Somente o vínculo a sentimentos gregários mais antigos, a um senso de pertencimento que transcende o indivíduo, pode permitir que seres humanos permaneçam interessados em participar da transmissão de tradições.

Gaston Bachelard refletiu de maneira muito produtiva sobre isso ao comentar sobre o significado da espera.

[...] a espera fabrica localizações temporais para receber as recordações. Quando o acontecimento claramente esperado sobrevém – novo paradoxo –, ele nos aparece como uma clara novidade. Nada se passa como havia sido previsto; o acontecimento vem assim ao mesmo tempo satisfazer e frustrar a espera, justificar a continuidade da localização racional vazia e impor a descontinuidade das recordações empíricas. Todos que sabem desfrutar de uma espera, mesmo ansiosa, reconhecerão com que arte ela urde o pitoresco, o poético, o dramático. Ela faz o imprevisível com o previsto. [...] A espera, ao escavar o tempo, torna o amor mais profundo. Ela coloca o amor mais constante na dialética dos instantes e dos intervalos. Dá ao amor fiel o charme da novidade. Então os acontecimentos ansiosamente esperados se fixam na memória; adquirem um sentido em nossa vida. (BACHELARD, 1988, p. 49-50).

Ironicamente, a abertura da cápsula do tempo no obelisco da Avenida Getúlio Vargas se deu dessa maneira improvisada, embora prevista, e ainda assim o sentimento que permanece é o de apego pela coletividade a que se pertence e a vontade de reafirmar esses vínculos comunitários que dão sentido à identidade local.

Embora o ritmo da vida de uma cidade oscile e mude, mesmo em uma tão pequena quanto Carolina, a duração está nessas referências de sociabilidade que podem ser encontradas na própria paisagem citadina. As fotografias que fazem parte do acervo do MHC nos informam sobre como as praças e os monumentos são parte importante da memória da sociedade carolinense, utilizadas como cenário e referência da localidade, até mesmo possuindo uma certa aura de personalidade ao evocar a memória daqueles que imbuíram aquele monumento e seus arredores com a intencionalidade de provocar a lembrança do civismo de seus concidadãos, tanto do seu próprio tempo quanto das épocas posteriores.

Fotografia 19 – Obelisco da Avenida Getúlio Vargas, início do século XX.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico de Carolina.

Não se sabe ao certo a data da fotografia acima, no entanto, ela nos comunica as mudanças da paisagem da cidade e como os monumentos fixam a lembrança de um espaço de convivência. Destaca-se também nessa imagem, assim como em outras produções visuais, a integração entre as construções humanas e a natureza representada pelas árvores, reverenciadas também na literatura, como vimos na citação que fizemos ao memorialista Rossini Maranhão no primeiro tópico do primeiro capítulo. A relevância de tais pontos de referência se manifesta principalmente nos eventos, em especial os cívicos, em que as pessoas encontram nesses espaços um motivo de se aproximarem fisicamente e compartilharem de companhia e cumplicidade em suas demonstrações de cíclica reafirmação da nossa adesão ao modelo político que permite a existência de nossas comunidades.

Fotografia 20 – Comemorações do Dia da Independência em 2022, nas imediações do Portal do Ano 2000.



Fonte: Arquivo do autor.

Não é à toa, portanto, que a Avenida Getúlio Vargas é o lugar preferencial para a realização de vários eventos como as comemorações do aniversário da emancipação política de Carolina (8 de julho), o Dia da Independência do Brasil ou o centenário Festejo de São Pedro de Alcântara, padroeiro da cidade. Durante uma semana, duas fileiras de barracas, azuis e vermelhas, são postas uma diante da outra em frente à Igreja Matriz para arrecadação de fundos para a Paróquia através da venda de comidas típicas, bebidas e outros artigos. Até meados da segunda década deste século, outras barracas, de camelôs vindos de várias outras regiões e estados também ocupavam este espaço junto com um parque de diversões. As pessoas gostavam de subir e descer a praça, circulando pelo espaço, comprando ou apenas observando os produtos à venda: roupas, calçados, brinquedos e outras bugigangas. Muitas dessas barracas ofereciam apenas diversão, como as de tiro-ao-alvo. Conforme as informações que recebi de meus interlocutores, as atividades do festejo ficarão restritas às tradicionais barracas vermelha e azul, motivo de alívio para algumas pessoas que não gostavam da sujeira que enchia a Avenida Getúlio Vargas nessa época.

Fotografia 21 – Festejo de São Pedro de Alcântara na Avenida Getúlio Vargas, imediações da Igreja Matriz de Carolina, década de 1940.



Fonte: Arquivo do Museu Histórico de Carolina.

Ao olharmos para fotos como esta que compõe o acervo virtual do MHC nos deparamos com o contraste óbvio das diferenças entre a paisagem da época e do vestuário das pessoas, com uma predominância do famoso linho branco, tão difícil e complicado de lavar e passar, conforme lembra em seu relato Dona Maria Ribeiro. No entanto, o casario permanece até hoje, embora com muitas alterações em suas fachadas, que apenas respeitam a arquitetura original, não suas cores, nem suas janelas e portas de madeira de antigamente, em sua maioria. Solenes, silenciosas e perenes também sobrevivem as mangueiras seculares que ladeiam os canteiros da praça, sendo celebradas na literatura memorialista local e em monumento do Rotary Club de Carolina.

Fotografia 22 – Monumento em homenagem a uma das mangueiras centenárias da Avenida Getúlio Vargas, em julho de 2021.



Fonte: Arquivo do autor.

Conforme se vê na fotografia que ilustra esta página, o monumento em questão celebra não apenas a existência secular da árvore, mas a conecta com a memória de seus antepassados e a constante aspiração da elite carolinense de estar participando de debates cosmopolitas, como o famoso evento ambientalista ECO-92, acontecido na capital fluminense, Rio de Janeiro, na última década do século XX, sendo um marco na ascensão dos movimentos ambientalistas que se tornavam cada vez mais globalizados e midiáticos, além do espaço nas agendas programáticas governamentais. Essa preocupação ambiental também serve de base para o ecoturismo que hoje se desenvolve em Carolina, o que veremos no capítulo seguinte e seus tópicos.

Antes de encerrar este capítulo, porém, é preciso salientar a importância desse espaço como patrimônio histórico tombado pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Maranhão (DPHAP-MA), instituição do governo estadual responsável pela salvaguarda de seus bens culturais. O processo de tombamento da Avenida Getúlio Vargas e dos 500 imóveis aconteceu durante a gestão do prefeito João Odolfo, entre 1989 e 1992, sendo efetivada em 1993 através de um decreto estadual. Esse mesmo tombamento identificou o Morro das Figuras e o Morro das Araras como sítios arqueológicos, o que foi de suma importância para criação do Parque Nacional da Chapada das Mesas. Infelizmente, o DPHAP-MA não tem outro escritório além da sua sede em São Luís-MA, o que fez com que pouco se conservasse das fachadas do casario, levando alguns ao abandono e ruína. Na verdade, muitas pessoas em Carolina se enganam acreditando que a instituição que realizou o tombamento teria sido o IPHAN, inclusive a própria Prefeitura caiu nesse erro ao colocar placas em alguns locais do Centro Histórico com essa informação equivocada.

Fotografia 23 – Placa explicativa na Igreja Matriz, em maio de 2022.



Fonte: Arquivo do autor.

Esses movimentos que reivindicam a ação do estado para preservação e defesa do patrimônio são periódicos e muitas vezes alcançam sucesso mediante eficiente mobilização popular, sendo a mais recente a revitalização da Avenida Getúlio Vargas. Essa obra obteve resultados muito interessantes, pois há certa unanimidade na satisfação proporcionada pelas modificações realizadas. Porém, o que é motivo de debate são as negociações que ocorreram do período de apresentação do projeto de revitalização à inauguração da obra. Segundo a representante da associação dos moradores da Rua Grande, Fátima Matos, e do proprietário da Pousada dos Candeeiros, Joberto, o projeto original continua muitas modificações consideradas inconvenientes ou desrespeitosas com o patrimônio histórico, que incluíam a construção de quiosques e a retirada de várias das árvores centenárias que ali se encontram.

Segundo esses interlocutores, cerca de 80% do projeto foi alterado para atender as reivindicações dos moradores da Avenida Getúlio Vargas. Os funcionários da prefeitura que conversaram comigo desconhecem ou questionam essas declarações, alegando que há interesses políticos nessas afirmações. Na verdade, entre os próprios membros da Associação de moradores da Rua Grande há discordância sobre o uso do espaço da praça que se estende da Igreja Matriz até a Praça Alípio de Carvalho, em frente à Prefeitura Municipal. Esse lugar se tornou um atrativo para a população local, atualmente visitado diariamente por praticantes de caminhada e outros exercícios físicos, jovens que jogam bola ou andam de bicicleta ou patinete na pista plana de granito que substituiu os bloquetes hexagonais que ainda fazem parte do calçamento da rua. Além disso, os turistas também aprovaram a estética da reforma, que proporciona um amplo espaço de convivência para todos. Em termos gerais, a estética da revitalização realmente higienizou o espaço, dando uma aparência mais limpa e aberta, propícia para o passeio e caminhada.

Essa complexa dinâmica social desenvolvida nessa localidade nos remete às considerações de Ulpiano T. Bezerra de Menezes que apontam os núcleos urbanos “como o *locus* privilegiado da fruição concreta, aprofundada e diversificada da cidade como bem cultural” (MENEZES, 2006, p. 40). Notáveis nesse sentido também são as considerações de Roberto DaMatta sobre como as praças, enquanto equipamento de sociabilidade, podem “representar os aspectos estéticos da cidade: é uma metáfora de sua cosmologia” (DAMATTA, 1997, p. 94). Aplicadas a Carolina-MA, tais ponderações nos levam a refletir como os valores tradicionais e a memória local são cooptadas pelo novo ciclo econômico do ecoturismo, tornam-se um ativo financeiro dessa atividade, um ativo cultural.

Esses processos não seriam possíveis, entretanto, se não houvesse um ardor, uma chama interna (SOARES; SCHEINER, 2010) que ascendesse entre os carolinenses uma paixão por esses patrimônios com os quais eles se identificam e, através deles, podem imaginar, sonhar, a continuidade da comunidade em que os indivíduos nativos desse lugar constroem sua identidade e coletividade. As lutas e o engajamento social para transformar esse espaço num legítimo local de convivência e confraternização demonstram o reiterado desejo de gerações em construir uma paisagem de pertencimento, um autêntico exemplo de exercício de cidadania. A proteção do meio ambiente foi incluída nesses movimentos e se tornaram uma saída para a estagnação econômica, como veremos no capítulo a seguir.

Fotografia 24 – Vista aérea da Avenida Getúlio Vargas, em junho de 2022.



Fonte: Miquéias Ivens de Carvalho.

3 PAISAGEM TURÍSTICA: Deslumbramento & Consumo

3.1 Mitos da “Natureza” e a natureza dos mitos

“O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno”.

- Ailton Krenak.

Conforme acompanhamos até aqui, o território carolinense se constituiu por sucessivas ondas migratórias, majoritariamente vindas de outros estados do Nordeste. A oferta de grandes áreas de terras cultiváveis e com abundantes fontes de água, ambas arrancadas violentamente da posse dos povos originários, motivou levas significativas dessas migrações, mas também intensificou a passagem de inúmeros visitantes encantados pelo cenário natural. Os primeiros eram exploradores da época colonial interessados em como se apropriar dos “recursos naturais”, seguidos de agentes estatais e empreendedores privados imbuídos com o mesmo propósito (CABRAL, 2013).

A própria demarcação dos limites do município se deu com a interferência desses múltiplos interesses localizados nos grandes centros de poder político e financeiro do país, de acordo com o que vimos no segundo tópico do primeiro capítulo, separando as margens do rio Tocantins em administrações públicas distintas a partir do marco espacial do rio Manoel Alves Grande e do marco temporal da emancipação política de Carolina, em 8 de julho de 1859.

Tais apontamentos nos levam a entender que as relações sociais que se estabelecem no território carolinense seguem a lógica da exploração predatória de “recursos naturais”. O vínculo sagrado entre sociedade e natureza, que é característico da cosmovisão dos povos originários, é rompido, com consequências de alcance simbólico e concreto, caracterizadas principalmente pelo apagamento da cultura Timbira. No entanto, a presença dos povos originários não sucumbiu ao completo esquecimento, não desapareceu obliterada nas águas do Lettes³⁹, mas permanece justamente em vários locais considerados pontos turísticos, novos locais de atração de visitantes, que perpetuam um antigo ciclo de relações que envolve comunidade local e pessoas que representam interesses estrangeiros na região. O grande diferencial do atual momento é a visita como atividade turística.

³⁹ De acordo com a mitologia grega, o rio Lettes era um dos quatro rios do mundo dos mortos, cujas águas tinham a propriedade de apagar a memória daqueles que bebiam ou se banhavam nelas.

O turismo em Carolina tem se desenvolvido a partir de conceitos que tem sido propagados no Brasil há décadas, centrados numa agenda ambientalista e cristalizados no desenvolvimento do chamado *ecoturismo*. Embora varie de acordo com os diversos grupos de interesse que o debatem, um conceito razoável de ecoturismo é de que se trata de um

[...] segmento turístico em que a paisagem é a principal variável como objeto de confluência dos fatores ambientais e antrópicos, cujo objetivo é a integração do visitante com o meio natural e com a população, que participa dos serviços prestados aos turistas. O ecoturismo prioriza a preservação do espaço natural em que é realizado, e o seu projeto contempla antes de tudo a conservação diante de qualquer outra atividade. O termo “ecoturismo” está estritamente vinculado ao conceito de turismo verde, não sendo incorreta a identificação. (PIRES, 2002, p. 148).

Nesse conceito apresentado fica evidente a proposta de uma nova relação com a natureza, embora ainda dentro de uma lógica de consumo típica do capitalismo. Contudo, permeiam nessa atividade as sementes de uma nova percepção do meio ambiente e a concepção de novas formas de sociabilidade com reconciliam a humanidade com a autonomia dos processos naturais.

[...] o retorno a uma vida bucólica [...] a montanha, a natureza exuberante ou, de modo mais genérico, a paisagem natural, converte-se no cenário onde os cidadãos buscam reencontrar valores que o chamado progresso eliminou da vida cotidiana. (PIRES, 2002, p. 185).

A controvérsia dessa proposta que fundamenta os apelos da indústria da propaganda turística é que ela se baseia numa percepção rasa do que é a humanidade, a natureza e a relação íntima entre elas. Conforme aludimos no segundo tópico do primeiro capítulo, trata-se da evocação do *mito da natureza intocada* (DIEGUES, 1998), uma narrativa antropocêntrica originada na experiência das populações dos grandes centros urbanos. Entendendo o “mito” como uma narrativa portadora de constelações de imagens explicativas do mundo e da vivência humana (DURAND, 2012), percebemos como tal compreensão do que seria a natureza dá embasamento para a organização efetiva do espaço social e formata a percepção dos indivíduos a respeito do seu ambiente.

A noção de mito naturalista, da *natureza intocada, do mundo selvagem* diz respeito a uma representação simbólica pela qual existiriam áreas naturais intocadas e intocáveis pelo homem, apresentando componentes num estado “puro” até anterior ao aparecimento do homem. Esse mito supõe a incompatibilidade entre as ações de quaisquer grupos humanos e a conservação da natureza. O homem seria, desse modo, um destruidor do mundo natural e, portanto, deveria ser mantido separado das áreas naturais que necessitariam de uma “proteção total”. (DIEGUES, 1998, p. 53).

Claramente vinculada à cosmovisão cristã de um “paraíso perdido”, de um “jardim do Éden” que precisa ser purificado do pecado humano, a noção de “natureza intocada” é uma narrativa que ignora as relações harmoniosas que os povos originários mantinham há milênios antes da colonização com o território que se tornou o Brasil, ocultando que são as relações sociais estabelecidas dentro do sistema capitalista⁴⁰ que provocam a destruição do meio ambiente ao percebê-lo apenas como “recurso natural” (MARQUES, 2018). Esse mito moderno, ou *neomito* (DIEGUES, 1998), também explicita a equivocada separação absoluta entre cultura e natureza. A cultura não emancipou a humanidade da natureza; a cultura é apenas um repertório de formas de se relacionar com a natureza. E esse relacionamento entre humanidade e natureza sempre tem implicações sociais, pois a produção e reprodução da realidade social obrigatoriamente demanda a modificação do meio ambiente mediante o engajamento de toda a sociedade nessa operação de transformação da realidade.

O que não se havia atentado até muito recentemente é que a natureza não é passiva diante das pretensões humanas de controle planetário. Somente com a emergência de intempestivas mudanças climáticas, fenômeno cada vez mais difícil de ser negado, é que se pode compreender que a natureza pode reagir de tal forma que a maneira como nossas sociedades se organizam podem se tornar inviáveis, assim como também poderemos nos tornar responsáveis pela sexta extinção em massa pela qual o planeta Terra irá presenciar (SCHROEDER, 2020), sendo os seres humanos possíveis candidatos a estarem inclusos na lista de espécies que irão desaparecer deste mundo. Muitos pesquisadores e ambientalistas alertam que as mudanças são inevitáveis e tudo que podemos fazer é nos adaptarmos a elas. Nosso impacto no planeta se tornou tão profundo que teríamos inaugurado uma nova era geológica, o *Antropoceno*: o momento da história da Terra em que os humanos alteraram as condições da atmosfera; espalharam elementos artificiais (como o plástico) por toda a superfície do planeta; envenenaram as águas com toda sorte de substâncias tóxicas. Segundo o antropólogo Bruno Latour, se quisermos sobreviver, teremos que desenvolver e

⁴⁰ Acidentes ecológicos que aconteceram em países com governos socialistas, como o ocorrido em Chernobyl, em 1986 na Ucrânia, relativizam e expandem essa crítica à própria compreensão do que seria a modernidade, fundamentada numa divisão estanque entre humanidade e natureza (LATOURE, 2019).

compartilhar da sensibilidade de todas as potências de agir⁴¹ do sistema⁴² (ou *ecossistema*⁴³) que compõe este mundo para que possamos reagir de modo mais harmonioso com o meio ambiente que habitamos. Ou seja, é necessária uma mudança de paradigma científico e político, pois atitudes nunca estão divorciadas da produção de conhecimento.

Nem a natureza nem a sociedade podem entrar intactas no Antropoceno, esperando ser “reconciliadas” em silêncio. Acontece para a Terra inteira o que aconteceu, nos séculos anteriores, com a paisagem: sua progressiva artificialização torna o conceito de “natureza” tão obsoleto quanto o de “wilderness”. (LATOUR, 2020, p. 196).

A criação de parques ecológicos representa justamente uma manifestação dessa artificialidade da nossa percepção do que é a paisagem: uma seleção ou recorte arbitrário que separa uma porção do espaço que apresentaria características singulares. Entre essas características está a ilusória aparência de ausência da ação humana sobre o ambiente. Esse item em particular pode ajudar a entender o caso da criação do Parque Nacional da Chapada das Mesas, unidade de conservação com uma área de 160.046 hectares do bioma Cerrado que abrange parcelas das zonas rurais dos municípios de Carolina-MA, Estreito-MA e Riachão-MA. Antes da construção da hidrelétrica em Estreito-MA no rio Tocantins, existia um plano de construção de duas centrais hidrelétricas no rio Farinha, que marca o limite entre os municípios de Estreito-MA e Carolina-MA, o qual sofreu forte oposição da comunidade local através do movimento SOS Rio Farinha, cuja mobilização resultou no decreto⁴⁴ de criação do Parque Nacional da Chapada das Mesas (PNCM), em 12 de dezembro 2005 (MUNIZ, 2018). Muito importante para a argumentação desse movimento ambientalista foi que a construção dessas hidrelétricas no rio Farinha provocar o desaparecimento

⁴¹ No entendimento de Latour, tudo que existe tem potência de agir, seja um ser vivo ou outro tipo de matéria/energia, cada elemento persegue seus interesses em redes de interdependência com os demais.

⁴² Assim Latour explica a *Teoria de Gaia* de Lovelock: “[...] Gaia, que é apenas o nome proposto para todas as consequências entrelaçadas e imprevisíveis das potências de agir, cada uma das quais persegue seu próprio interesse manipulando o próprio ambiente” (LATOUR, 2020, p. 228). Ou seja, a Terra parece ser um sistema evolutivo autorregulado, no sentido que está em permanente adaptação de maneira a promover uma oscilante duração. Nesse sistema, todos os elementos tem potência de agir e cada um destes influencia os demais de modo a garantir sua existência. Esse caótico conjunto de relações que vai do cósmico ao quântico aparenta delicada harmonia. Assim se explicaria como a Terra reage, de diversas maneiras, em proporção equivalente à capacidade humana de alterar seu meio ambiente.

⁴³ “Comunidade de organismos em dado ambiente que interagem entre si e afetam uns aos outros”. (SCHROEDER, 2020)

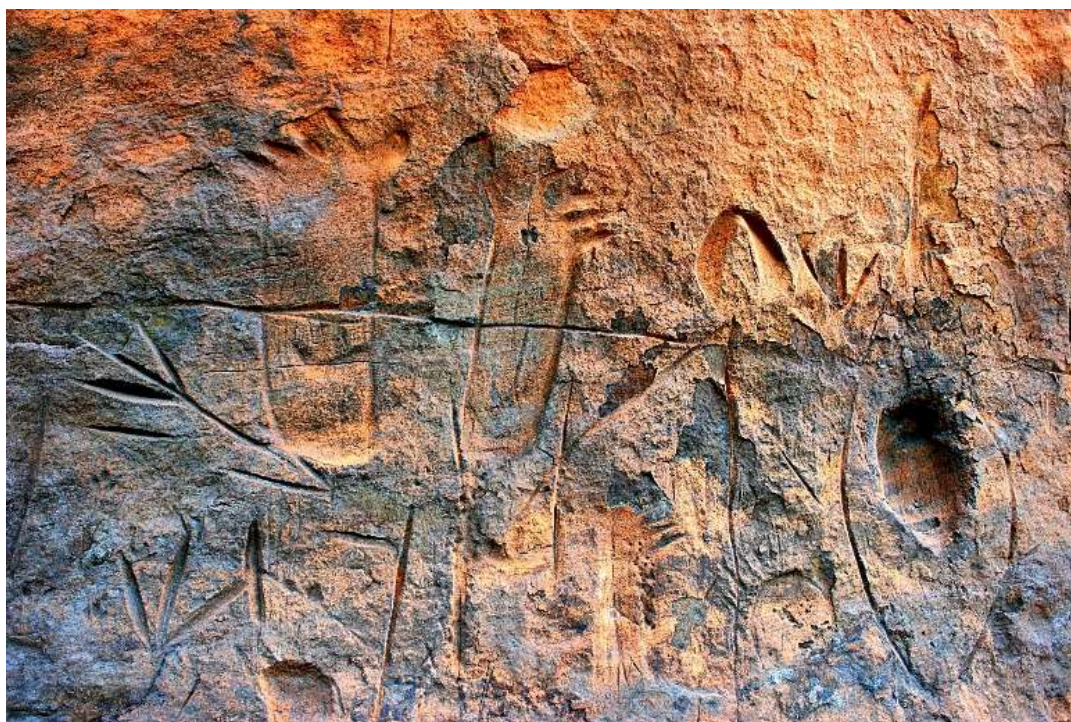
⁴⁴ Art. 1º Fica criado o Parque Nacional da Chapada das Mesas, nos Municípios de Carolina, Riachão e Estreito, no Estado do Maranhão, como objetivo básico de preservar ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e turismo ecológico (BRASIL, Decreto s/n de 12 de dezembro de 2005).

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/dnn/dnn10718.htm
Acesso em 25 jan 2023.

de duas cachoeiras que são referência do ecoturismo local, São Romão e Prata, e inundar dois sítios arqueológicos com inscrições rupestres tombados em 1993 pelo mesmo decreto do Estado do Maranhão que reconheceu como patrimônio cultural os imóveis do Centro Histórico de Carolina.

Os sítios arqueológicos do Morro das Figuras e do Morro das Araras são evidências inegáveis da milenar presença humana no Cerrado sul-maranhense, os quais não são os únicos, pois no interior e nos arredores do PNCM outros sítios semelhantes aguardam o devido reconhecimento, conforme nos informou o gestor do parque, Deijacy Rego, funcionário do ICMBio. A presença constante de seres humanos nesse território demonstra que ele não tem nada de *intocado*, do contrário, sempre foi utilizado pela população local como suporte da sua sobrevivência, sejam eles povos originários, fazendeiros ou guias turísticos. O diferencial que a criação do PNCM oferece é uma aura que paira sobre os demais parques nacionais: a identificação com um ideal de natureza que se opõe aos grandes centros urbanos.

Fotografia 25 – Inscrições rupestres no Morro das Figuras.



Fonte: Arquivo do MHC.

Sendo o *mito da natureza intocada* (DIEGUES, 1998) uma narrativa gerada no seio e no contexto dos grandes centros urbanos, símbolos máximos da modernidade contemporânea, tal representação social da realidade não deixa também de expressar a crença no *mito da neutralidade*

científica (JAPIASSU, 1975), a qual fundamenta toda a cadeia burocrática que delimita a criação de parques ecológicos e seu manejo e dá o lastro teórico que sustenta o exercício da autoridade administrativa governamental. Por outro lado, esse olhar externo é o mesmo que também designa esta região do país como *fronteira de expansão econômica* (MARTINS, 2019a), sendo a atividade turística uma forma de conciliação entre interesses financeiros e de preservação ambiental.

Essa percepção coletiva da paisagem turística dos assim chamados “cenários naturais” tem forte influência da propaganda turística, a qual produz e se alimenta das imagens criadas através de vídeos e fotografias compartilhados pelos turistas que visitam esses lugares imaginados como espaços consagrados à contemplação da autonomia dos processos naturais, conforme veremos no próximo tópico.

Fotografia 26 – Cachoeira de São Romão.



Fonte: Arquivo do MHC.

3.2 Turistas e Turismo, máscaras e performances

“Descobrir a cidade na natureza, descobrir a beleza dessa mulher
Descobrir o que der boniteza, na peleja do homem vier, quando vier”.
- “Banquete de Signos”, Zé Ramalho.

Compartilhar imagens é uma das atividades centrais realizadas nas Internet, principalmente na plataforma do Instagram, uma rede social especializada no compartilhamento de imagens e fotografias. Se anteriormente, da criação da máquina fotográfica até a sua popularização no século XX, o acesso à produção amadora de fotografias estava restrito aos álbuns de família ou caixas de sapato eventualmente expostas a um visitante que oportunamente adentra uma residência, atualmente, a internet rompeu com as barreiras editoriais que antes selecionavam, com critérios próprios, aquilo que seria publicado em revistas, livros e jornais, ou que seria transmitido às redes de televisão. Neste início de século XXI, no alvorecer do novo milênio, qualquer pessoa que possui um *smartphone* com acesso à Internet pode cadastrar-se como usuário de um *site* e publicar seu conteúdo nas plataformas específicas para compartilhamento de textos, vídeos e fotografias, permitindo que um número ilimitado de indivíduos visualize suas produções. Com o aperfeiçoamento dos meios de contabilização de visualizações, da criação de artifícios para que as pessoas que entram em contato com o conteúdo expressem como se sentiram em relação a ele (espaço para comentários, ícones representando botões de “gostei” ou “não gostei”), essas produções passaram a ser monetizadas, ou seja, as plataformas passaram a oferecer um pagamento aos usuários que produzem conteúdo que obtém significativo alcance entre outros usuários do mesmo serviço, criando celebridades (influenciadores ou *digital influencers*) e toda uma classe de trabalhadores especializada nessa atividade. O futuro no horizonte parece apontar na direção da mescla ou sobreposição entre realidade física e digital, na ascensão de uma realidade aumentada (CASTELLS, 1999).

Essa popularização capilarizada dos meios de produção e distribuição de imagens proporciona o estabelecimento de novas e interessantes formas de socialização e sociabilidade que demandam a pesquisa e análise desse fenômeno por parte dos cientistas sociais, que já acompanham esse processo desde as suas primeiras manifestações.

Análises sociológicas sobre a fotografia ou o uso dessa expressão artística como fonte ou ponto de partida para pesquisas é um tema que vem ganhando consistência no meio acadêmico há

um tempo considerável. O sociólogo brasileiro José de Souza Martins apresenta uma síntese interessante sobre o assunto, abordando as limitações e potencialidades do uso da fotografia como documento social. Segundo ele, a fotografia faz parte de uma cultura popular da imagem, a qual educa as pessoas no sentido de orientarem seus olhares e sua maneira de usarem o sentido da visão, tornando, dessa forma, a produção de imagens a expressão de determinadas formas de sociabilidade de grupos específicos em lugares e épocas particulares.

É a fotografia, portanto, nesse caso, tomada pelo sociólogo em seus usos pessoais e sociais, pelo homem cotidiano e comum, como documento de sociabilidade, como expressão da diversidade de muitas mentalidades e de perspectivas que se refletem na composição fotográfica e que expressam a vivência e a experiência diferencial numa estrutura de classes sociais. (MARTINS, 2019, p. 17-18)

Nessa perspectiva, a fotografia seria tanto produto quanto parte constituinte da realidade contemporânea, objeto e também sujeito de ação social (MARTINS, 2019). Imbuída de intencionalidade, ou de sentido⁴⁵ (WEBER, 2016), a fotografia tanto transmite uma linguagem visual, quanto apresenta um código social que pode ser decifrado mediante investigação sistemática (LEITE, 2018). Para além do encantamento com belezas naturais ou produzidas pelo artifício humano, a fotografia rememora a paixão de Narciso por seu reflexo, conforme nos transmitiu a mitologia grega, que podemos utilizar como metáfora para a relação agonística do ser humano com seu ego. Essa arte de congelar imagens de uma forma ilusoriamente realística é uma forma popularmente acessível de construir marcos memoriais.

(...) a sociedade moderna renunciou ao monumento, afirmando que a fotografia é uma de suas formas adaptadas ao individualismo de nossa época: o monumento da sociedade privada, que permite a cada um conseguir, em particular, a volta dos mortos, privados ou públicos, que fundam sua identidade. O encantamento imemorial realiza-se doravante de forma mais livre, à custa do trabalho modesto sobre essas imagens que conservam uma parte de sua ontologia. (CHOAY, 2017, p. 22)

No entanto, enquanto fruto de uma construção composta de enquadramento, cenário e da pose do fotografado sob a perspectiva do fotógrafo, a fotografia é ilusão: apenas aparência que

⁴⁵ Sobre objetos, lugares e entes não-humanos imbuídos de sentido: “Todo artefato, como uma máquina, por exemplo, se compreende e se interpreta, no final das contas, a partir do sentido que a ação humana atribui a sua produção e ao seu uso (ou queira atribuir, com as mais diversas finalidades). Sem recorrer a esse sentido, esta máquina ou artefato fica totalmente incompreensível. O compreensível é, pois, a sua referência à ação humana, seja como ‘meio’, seja como ‘fim’ imaginado pelo agente ou pelos agentes que orientaram a sua ação. Somente mediante estas categorias pode haver uma compreensão destes objetos”. (WEBER, 2016, p. 616)

simula representar uma realidade muito mais complexa do que pode abarcar uma simples imagem. Toda essa encenação que compõe um retrato evoca a perspectiva teatral das análises de Erving Goffman, um dos mais famosos interacionistas simbólicos da renomada Escola de Chicago, um grupo de sociólogos conhecidos por promover um diálogo produtivo entre psicologia e sociologia. Analisando a sociabilidade da vida cotidiana, Goffman propôs que as expressões do indivíduo em sociedade são um jogo de interpretação de papéis improvisado, sempre procurando satisfazer uma plateia que ao mesmo tempo também é composta de atores representando seus próprios papéis sociais conforme o contexto em que cada indivíduo se encontra (GOFFMAN, 2014). Nesse teatro de improviso, as pessoas manipulariam informações sobre elas, compartilhando aquelas que mais lhes favorecessem no objetivo de manter coerentes as impressões que os outros indivíduos têm sobre elas. Mantendo-se coerente às expectativas da coletividade quanto ao seu desempenho, o indivíduo mantém a integridade do personagem que ele reconhece como sendo o seu “eu”.

Neste trabalho, o indivíduo foi implicitamente dividido em dois papéis fundamentais: foi considerado como *ator*, um atormentado fabricante de impressões envolvido na tarefa demasiado humana de encenar uma representação; e foi considerado como *personagem*, como figura, tipicamente uma figura admirável, cujo espírito, força e outras excelentes qualidades a representação tinha por finalidade evocar. (GOFFMAN, 2014, p. 271)

Esse personagem em questão, evocado por determinadas representações, poderia ser interpretado como um tipo de papel social, um arquétipo, uma máscara que qualquer pessoa possa vestir desde que cumpra as expectativas esperadas, que se enquadre no modelo previamente estabelecido. A palavra “enquadramento” é muito importante para outra grande contribuição de Erving Goffman, a proposta de análise sociológica por meio de quadros da experiência social. De forma resumida, segundo esse autor, para entender um acontecimento, as pessoas utilizam esquemas primários de compreensão, sendo estes apreendidos pelo convívio social. Dividem-se em *esquemas naturais*, que se referem aos fenômenos relacionados ou identificados como inanimados, pertencentes à dinâmica dos processos físico-químicos (o clima, por exemplo); e *esquemas sociais*, referentes às situações em que agentes sociais expressam suas intenções e motivações.

Tomados em seu conjunto, os esquemas primários de um determinado grupo social constituem um elemento central de sua cultura, especialmente na medida em que surgem compreensões relativas aos principais tipos de *schemata*, às relações destes tipos entre si e à soma total de forças e agentes que esses modelos interpretativos reconhecem estarem soltos no mundo. É preciso tentar formar uma imagem do esquema de esquemas de um grupo – seu sistema de crenças, sua “cosmologia” -, ainda que este seja um domínio que os estudiosos da vida social contemporânea geralmente têm tido o prazer de entregar a outros. (GOFFMAN, 2012, p. 51)

Não é minha intenção fazer uma explicação complexa ou por demais profunda da fotografia enquanto fenômeno social, tarefa que excede em muito os limites de um capítulo de dissertação e da minha capacidade, no entanto, acredito que os autores citados oferecem uma chave de interpretação interessante. É possível entender que os elementos que constituem a fotografia, os quais citamos anteriormente (enquadramento, cenário, pose, perspectiva), obedecem a um certo enquadramento social previamente estabelecido: o fotógrafo e o fotografado conspiram para atender a expectativa do público que porventura venha a visualizar a foto, de modo que a imagem possa comunicar a intenção daqueles que a produziram. Além disso, é possível destacar a importância da fotografia como parte significativa da experiência etnográfica, trazendo uma outra linguagem que dialoga com o texto através de imagens, sejam aquelas colhidas na pesquisa ou produzidas pelo próprio pesquisador com o objetivo de ampliar a descrição do campo.

Como vimos nos capítulos anteriores, o grande chamariz que atrai turistas de várias regiões do Brasil para Carolina-MA e outros municípios próximos são os balneários e cachoeiras localizados na zona rural, nas proximidades do Parque Nacional da Chapada das Mesas. Entre os locais mais visitados estão o complexo turístico da Pedra Caída, que inclui piscinas, tirolesa e a famosa Cachoeira do Santuário, uma queda d’água de 46 metros de altura envolta em um cânion de arenito que tem que ser percorrido até que se possa chegar até ela. Outro local igualmente concorrido são as Cachoeiras Gêmeas do Rio Itapecuru, que possui, como o nome indica, duas cachoeiras paralelas, uma ao lado da outra, criando na parte de baixo uma extensa piscina natural. Nessa mesma localidade são acessíveis as ruínas da primeira hidrelétrica da Amazônia Legal, empreendimento realizado por um grupo de carolinenses que a inaugurou na década de 1940 e a manteve em funcionamento até a década de 1970 (CARVALHO; CARVALHO, 2015). Na cidade vizinha de Riachão-MA, encontram-se outros pontos turísticos muito famosos, que são o Poço Azul e o Encanto Azul, cujas imagens e fotografias igualmente povoam as buscas virtuais pela Chapada das Mesas.

Excepcionalidade. Esse é o fator que diferencia os aspectos notáveis de um parque de outros aspectos naturais existentes fora de áreas preservadas: o ponto culminante de uma região ou do Brasil, a nascente de um rio importante, a inigualável beleza de uma praia, a rica biodiversidade local, a existência de um acidente natural relevante para a história ou para a cultura nacional. Em boa parte dos casos, infelizmente, a excepcionalidade ocorre pela extinção do que se preserva: um remanescente de Mata Atlântica; o local onde vivem os últimos exemplares de uma espécie em extinção; uma ilha de cerrado cercada de soja por todos os lados. (D'ANTONA, 2021, p. 82-83)

Esses interesses pelas reconhecidas belezas naturais da região estão intimamente ligados aos processos socioeconômicos descritos anteriormente, sendo impulsionados tanto pela comunicação digital que tem alcance global e fornece interação imediata, quanto pelos investimentos em infraestrutura que melhoraram a qualidade das estradas que possibilitaram o fluxo contínuo de visitantes, além do aumento da oferta de hotéis e pousadas cada vez mais diversificadas aos turistas. Uma realidade que antes era apenas vislumbrada como uma possibilidade de recuperação de pelo menos uma parte do destaque regional que Carolina possuía (REIS; PEREIRA, 2007) está se tornando cada vez mais real, embora ainda exista muito trabalho a ser realizado, principalmente no que se refere à proteção ao meio ambiente e a projetos de paisagismo urbano que tenham como objetivo melhorar a qualidade de vida da população local (MUNIZ, 2018).

Volto a lembrar que essas transformações na paisagem aconteceram ao mesmo tempo que outros processos já estavam em andamento, no entanto, há um consenso de que o enchimento do reservatório da hidrelétrica de Estreito-MA e a criação do Parque Nacional da Chapada das Mesas são catalizadores do processo de consolidação do ecoturismo como um novo fator de crescimento da economia regional.

Fotografia 27 – Entrada do Complexo Turístico Pedra Caída



Fonte: Arquivo do autor

A transformação do balneário Pedra Caída em um *resort* entra justamente nesse contexto. Após ser comprado pelo grupo PIPES⁴⁶ há cerca de 15 anos atrás, o balneário da Pedra Caída passou por intensas obras de infraestrutura, com novas e modernas instalações, que mesclam conforto com uma ambiência integrada ao cenário natural circundante, caracterizada pela presença de muitas estruturas de madeira e pedra, em particular as áreas de convivência, cheias de mesas, cadeiras e até redes de madeira disponíveis à beira dos arborizados caminhos de acesso aos atrativos, com calçamento de pequenos blocos de pedra ou trilhas suspensas de madeira.

Planejada para atender visitantes que poderiam passar vários dias hospedados, a infraestrutura atual da Pedra Caída conta com um hotel, cujas 68 acomodações são distribuídas entre apartamentos e chalés igualmente equipados com televisão, ar-condicionado, frigobar e varanda com armadores de rede. Além disso, o complexo turístico conta com piscinas com hidromassagem, cercada por bares e restaurantes; piscina infantil, playground, teleférico⁴⁷, heliporto e amplo

⁴⁶ O nome da empresa é um anagrama do nome do proprietário: Pedro Iran Pereira do Espírito Santo.

⁴⁷ Na minha visita à Pedra Caída, andei de teleférico para subir no morro de 430 metros que fica ao lado do complexo turístico e no topo do qual há uma pirâmide de vidro com um grande cristal em sua ponta. O tema dos cristais, entre outras coisas, faz parte da mística em volta da personalidade do proprietário. Porém, tive a infelicidade de descobrir que tenho pavor de altura no meio do caminho até o topo do morro e tive que controlar

estacionamento. Importante destacar que a maioria absoluta dos funcionários do complexo são das cidades de Carolina-MA e Filadélfia-TO, com raras e pontuais exceções, muitos formados em cursos de guia turístico, de técnico em administração ou de técnico em meio ambiente.

Segundo Marcos Aventureiro, um dos funcionários mais antigos do *resort*, toda essa infraestrutura foi pensada para o desenvolvimento do turismo de aventura e do ecoturismo, o que acompanhou as mudanças de público da região e chamou a atenção de outros mais específicos, como empresários que reservam determinados espaços ali disponíveis para reuniões de negócios.

“A paisagem faz parte da contemplação”, declara Marcos Aventureiro, explicando que a observação dos cenários naturais e dos vestígios históricos presentes na arquitetura urbana são todos elementos que atraem os milhares de turistas que visitam Carolina-MA e a consideram um lugar singular.

Fotografia 28 – Turistas recebendo orientações antes da descida à Cachoeira do Santuário



Fonte: Arquivo do autor.

minha angústia por longos 15 minutos. Fiquei pensando no que aconteceria comigo ou outra pessoa que porventura desmaiasse ou tivesse um ataque de pânico, pois não há nada que segure a pessoa na pequena cadeira de metal além de uma barra transversal de ferro à frente do corpo do ocupante do assento. Pelo menos uma vez por ano há casos em que o teleférico apresenta algum problema técnico e para de funcionar, deixando pessoas penduradas e esperando por resgate por tempo indeterminado.

Distante cerca de 30 km da sede do município, Pedra Caída, junto com as Cachoeiras Gêmeas do rio Itapecuruzinho, é um local sempre associado à cidade de Carolina⁴⁸. O nome seria uma referência aos fragmentos de rocha que despencaram no rio durante a formação do cânion que leva à cachoeira do Santuário, nomeado desta maneira por ser considerado um lugar sagrado pelos indígenas da etnia Krahô, os quais, segundo Marcos Aventureiro, “desciam em cantorias” quando visitavam a cachoeira em grupo.

Fotografia 29 – Escadaria de acesso ao cânion da Cachoeira do Santuário



Fonte: Arquivo do autor.

Tive a oportunidade de realizar novamente essa visita à cachoeira do Santuário, a qual se tornou uma peregrinação imersiva. Não visitava esse lugar desde que havia sido comprado pelo grupo PIPES, então, tudo era uma novidade para mim. Há um grande contraste entre o luxo e o

⁴⁸ Na verdade, quando se fala em cachoeiras no Maranhão a associação imediata é à cidade de Carolina. Inclusive, em LIBRAS, existem duas versões para o sinal que representa “Carolina” e ambos fazem gestos que remetem à cachoeira: o que me foi ensinado na disciplina de LIBRAS na UFNT, pela professora Fabiane (uma surda), no qual com a mão direita se faz o sinal da letra “C” e com a mão esquerda, descendo suavemente, balança-se os dedos apontados para baixo com a palma da mão virada para dentro, em direção da pessoa que está fazendo o sinal; a outra versão, ensinada pela minha amiga intérprete Amanda, professora no Colégio Batista de Carolina, fecha-se a mão esquerda, cerrando o punho, enquanto que com a mão direita se faz o sinal da letra “C” e com essa mesma mão faz-se o movimento de passar por cima da mão esquerda, como a água passando por cima de uma rocha e caindo em forma de cachoeira.

conforto da estrutura de chalés, restaurante e grande piscinas e a trilha suspensa de madeira que leva até o corredor formado pelos cânions do rio Pedra Caída. Antigamente fazia-se o trajeto por uma trilha de chão que se alternava entre rochoso e arenoso, típico das chapadas da região. Atualmente, além do percurso indicado por placas de orientação e caminhos de madeira, há guias em pontos estratégicos do passeio: sala de guias turísticos (para informações gerais sobre os locais de visitação disponíveis e horários); cabana antes da bifurcação cachoeira do Santuário/ Ponte do Pedro; ponto de descanso depois da escadaria; ponto de guarda de objetos antes da entrada do Santuário.

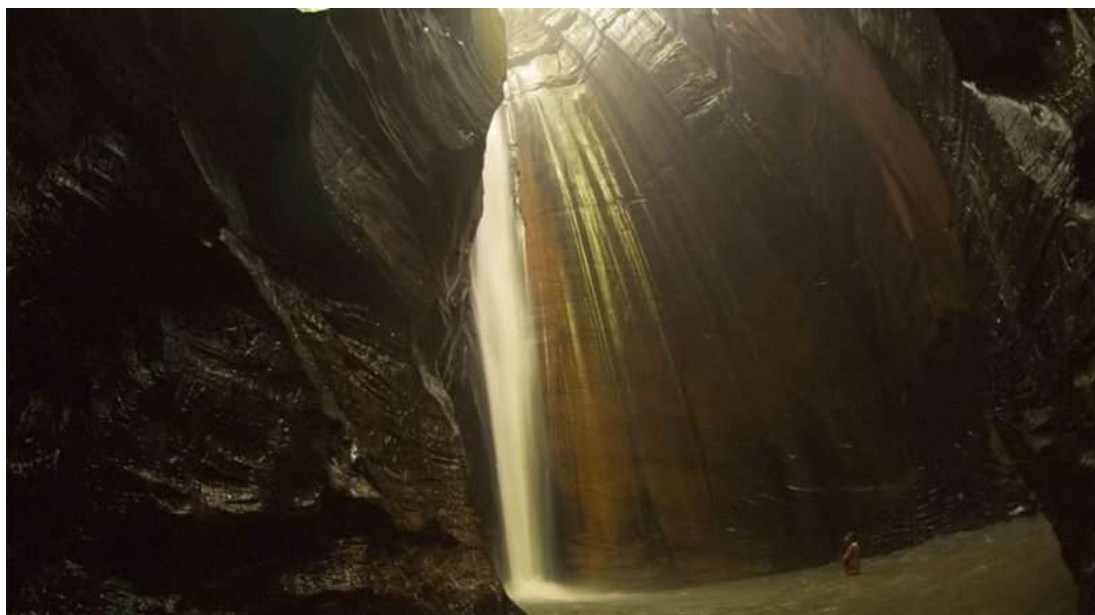
Fotografia 30 – Turistas tirando fotos de recordação da visita ao cânion da Cachoeira do Santuário.



Fonte: Arquivo do autor.

A cada parada dessas os guias dão informações e orientações sobre como os visitantes deve se comportar, de modo a garantir a integridade física destes e a preservação do meio ambiente. Sobre este aspecto, lembro que antes da trilha suspensa de madeira os visitantes desciam até os cânions numa precária escadaria de madeira, com inclinação desafiadora (algumas pessoas desistiam de descer); depois, o trajeto era percorrido caminhando diretamente pelo leito do rio, com as pessoas correndo o risco de às vezes escorregarem nas pedras lisas ou cobertas de musgo durante o trajeto. A estrutura atual diminuiu consideravelmente a possibilidade desses incidentes, além de impossibilitar ações de vandalismo como as que estão registradas nas paredes dos cânions com os nomes das pessoas que por ali passaram.

Fotografia 31 – Cachoeira do Santuário



Fonte: Arquivo do MHC

As paredes do cânion têm altura média de 54 metros e são cobertas de plantas como samambaias e bromélias, e muitas outras típicas daquele ambiente úmido e sombreado. Microcachoeiras de água mineral escorrem pelas paredes que ecoam os sons de gotas e o canto dos pássaros. Como dito anteriormente, a passarela de madeira finda no trecho que antecede a entrada do Santuário, mas o caminho prossegue contando com o auxílio de cordas que ajudam a vencer a leve correnteza e a profundidade que varia de 30 centímetros a 1,70 metros em alguns trechos.

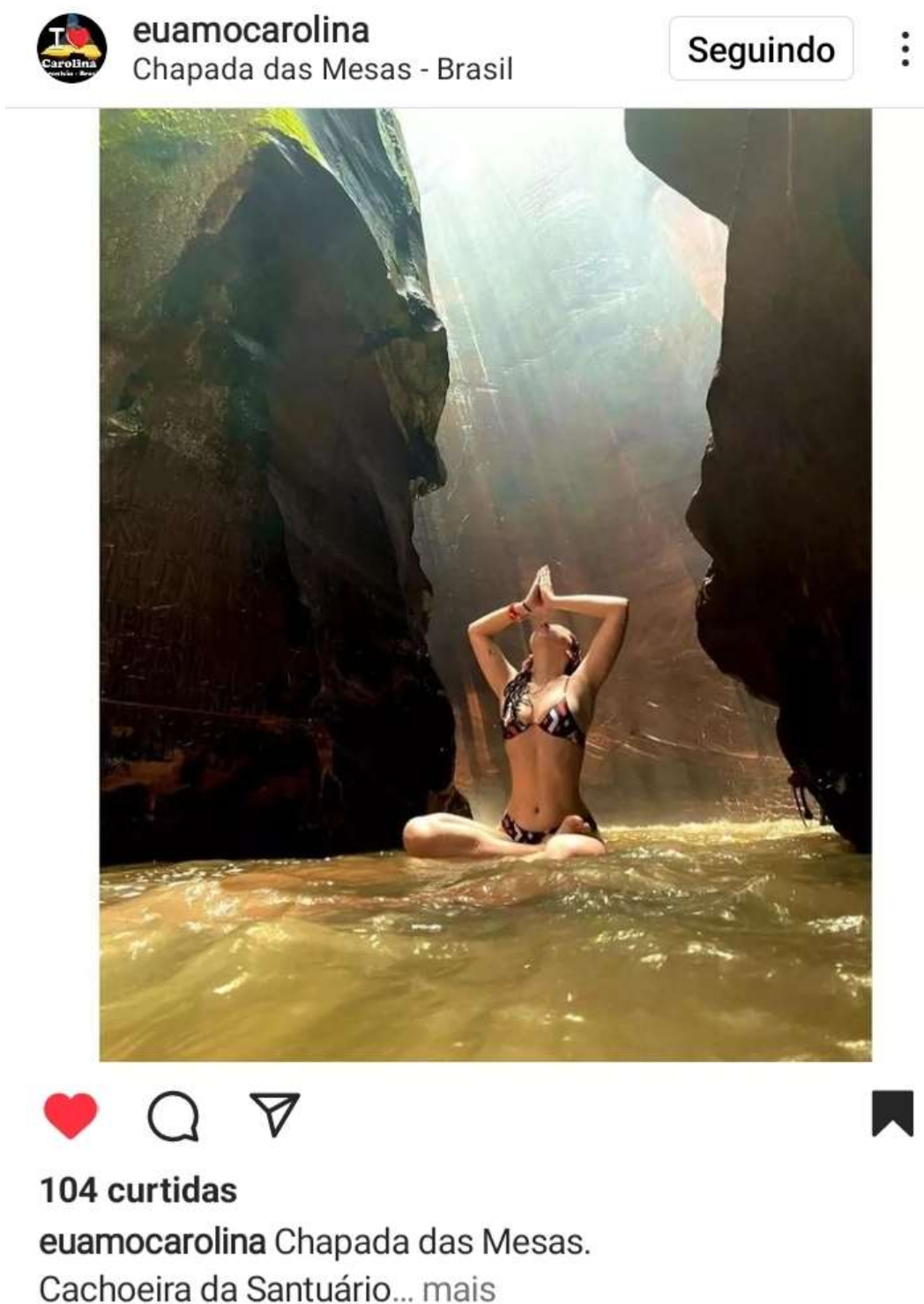
O som da força da cachoeira escapa pela entrada junto com o vapor gelado que sai do Santuário como um vento veloz provocado pelo impacto da queda d'água. Somente pessoas com equipamento à prova d'água conseguem tirar fotos com o mínimo de qualidade dentro daquela câmara moldada pela força das águas e do vento, uma abóbada de mais ou menos 20 metros de diâmetro circundada por paredes laranjas de arenito, com manchas negras de musgo, com água perpetuamente escorrendo desse cânion como uma cortina de cristal tremulante, refletindo uma luz que varia durante o dia, a qual entra da cavidade superior por onde desce a cachoeira de 46 metros. Às 14h, a luz entra em maior quantidade, às vezes formando belos arco-íris. A caminhada por essa paisagem de passagens estreitas e úmidas parece evocar uma peregrinação simbólica de retorno ao útero materno.

Eu meditei sobre esses detalhes depois e sentar ao lado da queda d'água entre as rochas moldadas por séculos de ímpeto líquido, juntando memórias e experiências anteriores, acompanhado por amigos e parentes. Desta vez, eu estava só e pude me dedicar a observar atentamente os desconhecidos que formavam o grupo que integrei: famílias e casais, apenas um rapaz estava desacompanhado como eu; a maioria eram pessoas de outros estados, conforme pude constatar posteriormente. Todos fizeram questão de tirar fotos e gravar vídeos de cada momento do percurso. Tirei várias fotografias dessa atividade de registro pessoal, em que estes indivíduos produziam um testemunho de experiência, uma comprovação de participação em uma aventura, uma imagem que declarasse sua passagem por uma paisagem de rara e exótica beleza.

Nessas fotos, o corpo é envolvido pelo ambiente, rodeado de elementos da natureza que o convidam a se despir da indumentária do cotidiano, principalmente a refrescante água gelada, que alivia e recompensa todo o esforço empregado para se chegar naquele lugar. Os suspiros, os murmúrios, os olhares e os gestos de admiração são a reza oferecida naquele templo onde o capitalismo encontrou uma função econômica para a preservação da natureza.

Preservação ou jardinagem? Apesar dessa manifestação potente da natureza, as intervenções humanas nesse cenário natural são tantas que é possível pensar se Pedra Caída não se trata de uma espécie de paisagismo em larga escala. São tantas adaptações com o objetivo de trazer conforto e comodidade aos visitantes que estes esquecem que a natureza em seu estado bruto oferece riscos à existência humana, como a ameaça de ataques de animais selvagens. No entanto, essa ilusão de um contato inteiramente domesticado com o meio ambiente é reproduzido e compartilhado pelos visitantes, que publicam seus vídeos e fotografias nas redes sociais.

Imagem 12 – “Print” de uma página de Instagram dedicada a divulgar fotos e vídeos compartilhados por turistas e moradores da região da Chapada das Mesas.



Fonte: Arquivo do autor

Fotografia 32 – Em maio de 2022, parte da infraestrutura do Complexo Turístico Cachoeiras do Itapecuru, com destaque para o hotel de cinco (5) andares que ainda seria inaugurado.



Fonte: Arquivo do autor

Algo parecido acontece em outro ponto turístico muito famoso de Carolina, as Cachoeiras Gêmeas do rio Itapecuruzinho, situado a 30 km da sede do município, no povoado São João da Cachoeira, na beira da BR-230. Popularmente conhecido como “Itapecuru”, este balneário também passa por um processo de transformação em *resort*, embora existam algumas situações que complicam o andamento desse projeto. A principal delas é que as margens do rio têm proprietários e administradores diferentes.

Na margem esquerda, o Complexo Turístico Itapecuru, sob a gerência de Cleuber Moreira Cunha, completa ano que vem 30 anos de existência com grandes investimentos em infraestrutura que modificaram completamente o lado do rio em que o empreendimento está instalado. A margem esquerda foi, em boa parte, acimentada para que pudessem ser colocadas mesas e tendas na beira do rio; a estrutura ainda conta com restaurante, banheiros, playgrounds, chalés e um hotel de 5 andares (este último ainda será inaugurado). Estes pesados investimentos em infraestrutura acompanham mudanças num público em crescente demanda. Se antes os turistas vinham apenas passar um dia no balneário, atualmente, eles procuram pousadas para passarem uma temporada visitando outros pontos turísticos disponíveis na região. Segundo Cleuber, é uma mudança na proporção e no

interesse do visitante em conhecer tudo aquilo que a marca Chapada das Mesas tem a oferecer, a qual não atingiu ainda seu pleno potencial por conta da falta de articulação entre empreendedores do turismo e poder público.

Fotografia 33 – Acesso às cachoeiras gêmeas a partir da margem direita, no balneário “Novo Banho”.



Fonte: Arquivo do autor

Na margem direita, o balneário “Novo Banho” apresenta uma situação de contraste em vários sentidos. Enquanto na margem esquerda há grandes intervenções e infraestrutura, na margem direita o que existe é o aproveitamento das estruturas remanescentes de uma localidade ainda a ser reconhecida como um patrimônio industrial brasileiro: as ruínas da usina hidrelétrica do Itapecuruzinho⁴⁹, a primeira da Amazônia. Conquista realizada em 1940 por um consórcio liderado pelo autodidata Newton Carvalho, esse empreendimento foi importante para o desenvolvimento socioeconômico da cidade em meados do século XX. Nesse mesmo local, em outra parte das ruínas das instalações da hidrelétrica, há outro empreendimento, o balneário e pousada “Queda D’água Cesário”, com seus próprios restaurantes e chalés.

⁴⁹ O trajeto atual da BR-230 parece seguir a linha de transmissão dessa usina.

Fotografia 34 – Visitantes tiram fotografias no balneário “Queda D’Água Cesário”, tendo como cenário parte da estrutura da expansão da barragem no rio Itapecuruzinho, realizada na década de 1960.



Fonte: Arquivo do autor

Apesar de algumas questões em aberto, uma coisa fica clara: a paisagem das cachoeiras gêmeas do rio Itapecuruzinho são produto da ação humana, da interação entre natureza e sociedade. Outros cartões postais carolinenses têm situações mais sutis e menos conflituosas, como é o caso do Portal da Chapada das Mesas. Trata-se de uma formação rochosa no alto de um morro localizado a cerca de 20 km do centro de Carolina. A cavidade de aproximadamente 4 metros de altura lembra muito o formato do mapa do estado do Tocantins e é um mirante através do qual se tem uma vista de toda a Chapada das Mesas, principalmente o emblemático “Morro do Chapéu”⁵⁰, elevação com cerca de 378 metros de altura que faz parte da identidade cultural de Carolina, presente inclusive em sua bandeira.

⁵⁰ Segundo as narrativas dos povos originários da região, nas proximidades do Morro do Chapéu existia a maior aldeia da etnia Krahô, chamada de “Wokran” ou “Hookrã” (SIQUEIRA JÚNIOR, 2007).

Imagem 13 – “Print” de um momento da reportagem do Globo Repórter do dia 22 de abril de 2016 sobre o Parque Nacional da Chapada das Mesas, disponível no YouTube.



Fonte: Arquivo do autor.

Depois de uma breve, mas arenosa subida, os visitantes chegam ao local para apreciar a vista e tirar fotos. Vale destacar que os horários mais procurados são o amanhecer e o entardecer, pois proporcionam luminosidades diferenciadas e possibilidades de fotos consideradas mais bonitas. Durante o acompanhamento de um grupo de turistas, percebi justamente a ação dos guias na orientação de quais os momentos, os ângulos e as poses aproveitariam melhor a luz e a vista oferecida pelo local.

Fotografia 35 – Um grupo de turistas de São Paulo fotografando um pedido de casamento surpresa durante a visita ao Portal da Chapada das Mesas.



Fonte: Arquivo do autor.

Nesse momento eu pude ver e perceber a reprodução de posturas corporais que já havia visto em outras fotos e vídeos, além de situações específicas, como pedidos de casamento, comemorações de aniversário, fotos em grupo, que cristalizam e valorizam momentos de sociabilidade, procurando eternizar momentos efêmeros que de outra maneira dependeriam apenas do suporte das mentes de quem presenciou aquela circunstância. Publicadas nas redes sociais, essas fotografias e vídeos passam a fazer parte do discurso da propaganda turística que transformou a Chapada das Mesas em uma marca e a visitação às cidades da região um produto no mercado de experiências exóticas proporcionadas pelos roteiros turísticos.

Imagem 14 – “Print” de uma página de Instagram dedicada a divulgar fotos e vídeos compartilhados por turistas e moradores da região da Chapada das Mesas, com uma turista caminhando pela BR-010 em direção ao Morro da Foice.



Fonte: Arquivo do autor.

Um dos recursos mais eficientes de divulgação dessas propagandas turísticas são as redes sociais, nas quais podem ser publicadas fotos e vídeos que compartilham com milhares de usuários as experiências de pessoas que visitaram a região do Parque Nacional da Chapada das Mesas. Destaco a atuação da página @EuAmoCarolina, localizada no Instagram, em que podem ser visualizadas fotografias das paisagens das cidades e pontos turísticos nas proximidades desse parque, e também de turistas que visitaram essa região e publicaram suas fotos em seus perfis particulares nessa mesma rede social. O administrador⁵¹ da página @EuAmoCarolina seleciona algumas dessas fotografias, marcando as pessoas que a publicaram originalmente, utilizando um recurso disponível na plataforma do Instagram reservado para essa finalidade. Realizei uma entrevista com o administrador dessa página, o qual nos informou que as pessoas podem pedir que sua publicação seja retirada da página, situação que ocorreu uma única vez.

As fotografias de usuários do Instagram selecionadas pela página @EuAmoCarolina demonstram um certo padrão nas poses das pessoas fotografadas: homens e mulheres trajando vestuário típico de turistas visitando balneários (shorts, biquínis, maiôs e outras roupas leves e coloridas) cercados por um cenário de cachoeiras, riachos, morros ou na BR-010 (que faz ligação de Carolina com a BR-153), a qual é caracterizada pela quase ausência de casas ou qualquer outra construção que lembre a presença humana; os rostos das pessoas tem expressão de alegria, geralmente sorrindo, ou de contemplação e maravilhamento, com o resto do corpo acompanhando essa expressão, seja com braços relaxados ou abertos, como que abraçando a paisagem, ou ainda com as mãos juntas, imitando o gesto de meditação das religiões orientais, como o budismo. Os corpos dos turistas parecem se mover em direção a um momento de comunhão com a natureza: paralisados em êxtase; caminhando por trilhas de pedra, areia ou dentro de riachos rasos; nadando em profundas águas límpidas e transparentes entre pequenos peixes; respirando ar puro num espaço cercado de verde e expondo a pele sob a luz de um sol que ilumina um céu azul de rara coloração. Todas essas expressões combinam muito bem com o conceito que o administrador da página tem de sua cidade natal, que é própria Carolina: um lugar de refúgio da agitação das grandes cidades, de possibilidade de encontro com uma natureza ainda livre da poluição onipresente das metrópoles, de contato com pessoas simples e acolhedoras portadoras de uma tradição que remete a um suposto passado idílico da história brasileira.

⁵¹ Antônio Cunha é repórter fotográfico e já recebeu premiações de nível internacional em reconhecimento à qualidade de seu trabalho, tendo atuado no Ministério da Cultura durante a gestão FHC, como assessor do ministro Francisco Welfort. Atualmente reside no município de Carolina, lugar onde nasceu e onde mora grande parte de sua família.

Essa mistura de moderno e antigo, de conforto e simplicidade aliada à possibilidade de participar as atividades campestres típicas, mesmo que por um espaço curto de tempo e de forma orientada, compõe um dos mais importantes, senão o maior, atrativo do turismo rural ou agroturismo. (MOURA, 2021, p. 72)

Ou seja, a seleção de fotografias se baseia na ficção de que certas partes do interior do Brasil não sofrem as mazelas dos grandes centros urbanos. O fato é que todos os problemas sociais das grandes cidades brasileiras já são vivenciados nos municípios menores, como a violência, a pobreza, falta de saneamento básico e outros serviços públicos essenciais. Porém a proporção e a escala desses problemas são muito menores e podem passar despercebidas quando o foco do pensamento e do olhar dos turistas está na pretensa beleza que eles vieram contemplar, além do fato de os serviços de hospedagem cercar estes mesmos turistas de todo conforto possível: instalações limpas, comidas e bebidas saborosas, ar condicionado, internet distribuída por wifi, etc.

Pelas fotografias compartilhadas nos perfis particulares e republicadas na página @EuAmoCarolina, percebe-se uma narrativa que evoca as antigas peregrinações religiosas, embora trate-se de uma jornada espiritual difusa, onde cada pessoa reconecta-se com valores próprios, vagamente vinculadas pela admiração por uma natureza que representa algo similar a um avatar da divindade ou uma representação daquilo que poderíamos considerar divino: um fenômeno que estimula de modo singular nossos sentidos. Compartilhar essas narrativas imagéticas, às vezes acompanhadas de breves legendas que permitem apreender o contexto (local e época a que se referem), demonstra como é importante em nosso momento histórico apresentar ao mundo, ou pelo menos à comunidade em que estamos inseridos, eventos considerados marcantes de nossa vivência particular, como por exemplo, as férias (BARREIRAS, 2012). Praticamente uma comprovação de que realmente utilizamos esse tempo de ausência permitida ao ambiente do trabalho para cuidarmos apropriadamente da nossa saúde física e mental em um local reconhecido por oferecer relaxamento e renovação de forças, experiência restauradora que permitiria o retorno à rotina de trabalho (URRY, 2001). O enquadramento, o cenário, as poses do fotografado e a perspectiva do fotógrafo parecem nos enviar essa mensagem: “viemos aqui, nos divertimos, este lugar é incrível! ”. Publicada nas redes sociais, essas imagens se juntam a milhares de outras que formam um repertório de representações que se retroalimentam, sendo reconhecidas por um público capaz de identificar as referências apresentadas na imagem. Difícil discernir se as fotografias de turistas foram inspiradas em propagandas turísticas ou se elas influenciaram as produções desse tipo, ambas parecem ser a mesma coisa: uma manifestação da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), que pelo mero consumo massificado, torna banal o que antes eram experiências isoladas, quase transcendentais.

A fotografia, portanto, está intimamente ligada ao olhar do turista. As imagens fotográficas organizam nossas expectativas ou nossos devaneios sobre os lugares que poderíamos contemplar. Quando estamos viajando, registramos imagens daquilo que contemplamos. Escolhemos parcialmente para onde ir, a fim de capturar imagens em um filme. A obtenção de imagens fotográficas organiza em parte nossas experiências enquanto turistas. Nossas recordações dos lugares onde estivemos são estruturadas em grande medida através das imagens fotográficas e o texto, sobretudo verbal, que tecemos em torno dessas imagens quando as mostramos para os outros. Assim, o olhar do turista envolve irredutivelmente a rápida circulação das imagens fotográficas. (URRY, 2001, p. 187)

Compartilhar fotos nas redes sociais é, entre outras coisas, uma estratégia para manter-se vivo na memória de outras pessoas, pois, como diz certo ditado “quem não é visto não é lembrado”, sendo, portanto, essencial para manutenção de vínculos sociais e possibilitar a criação de outros, importante para produzir a divulgação particular de si mesmo, comprovando sua utilidade pública mesmo quando na fruição individual de um determinado tipo de lazer.

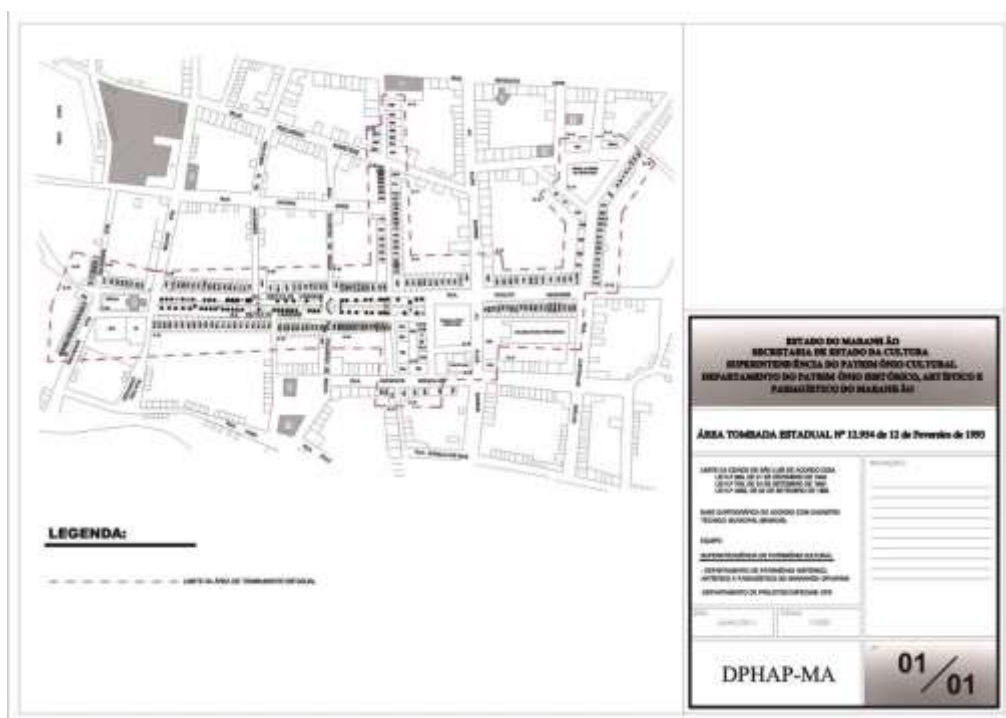
Cabe aqui também uma breve reflexão sobre o uso da fotografia como documento social, fonte de pesquisa, seja ela produzido pelo próprio pesquisador ou por outros. As imagens congeladas nas fotos registram uma forma de olhar a realidade e construir imagens.

É a fotografia, portanto, nesse caso, tomada pelo sociólogo em seus usos pessoais e sociais, pelo homem cotidiano e comum, como documento de sociabilidade, como expressão da diversidade de muitas mentalidades e de perspectivas que se refletem na composição fotográfica e que expressam a vivência e a experiência diferencial numa estrutura de classes sociais. (MARTINS, 2019b, p. 17-18)

Nessa perspectiva, a fotografia seria tanto produto quanto parte constituinte da realidade contemporânea, objeto e também sujeito de ação social (MARTINS, 2019b). Imbuída de intencionalidade, ou de sentido (WEBER, 2016), a fotografia tanto transmite uma linguagem visual, quanto apresenta um código social que pode ser decifrado mediante investigação sistemática (LEITE, 2018). Para além do encantamento com belezas naturais ou produzidas pelo artifício humano, a fotografia rememora a paixão de Narciso por seu reflexo, conforme nos transmitiu a mitologia grega, que podemos utilizar como metáfora para a relação agonística do ser humano com seu ego. Essa arte de congelar imagens de uma forma ilusoriamente realística é uma forma popularmente acessível de construir marcos memoriais. Para Carolina em particular, vídeos e fotografias tiveram e ainda tem um papel central na construção e na projeção de sua nova imagem entre as cidades da região tocantina.

Após essas considerações, é possível afirmar que a paisagem turística de Carolina possui temporalidade, pois é resultado da alternância de ciclos econômicos e de sociabilidades que se estruturaram a partir deles, configurando e organizado o espaço social do território carolinense tal como ele pode ser visualizado e vivenciado atualmente. O último tópico deste capítulo encerra esta dissertação apresentando a paisagem de Carolina como um patrimônio cultural a ser reconhecido e preservado com a participação indispensável da população local.

Imagem 15 – Mapa da área do Centro Histórico de Carolina tombada pelo DPHAP-MA.



Fonte: Arquivo do MHC

3.3. Reconhecendo a paisagem como patrimônio

“A destruição se faz muitas vezes e sua construção nunca termina”.

- Gaston Bachelard.

No decorrer desta pesquisa, apresentei em cada tópico de cada capítulo um aspecto ou uma perspectiva sobre a paisagem carolinense, suas múltiplas manifestações enquanto construção social e “estrutura estruturante”, conforme o jargão de Bourdieu, que participa na organização e configuração das sociabilidades que se desenvolvem nesse município. Em todas essas facetas subjaz, contudo, uma categoria que sintetiza a relação da paisagem com a população de Carolina-MA: a de patrimônio cultural.

Conforme explicitado anteriormente, várias paisagens carolinenses foram reconhecidas pelo Estado do Maranhão como bens culturais e receberam tombamento, como o casario da Avenida Getúlio Vargas, onde está o Centro Histórico, e os sítios arqueológicos do Morro das Figuras e das Araras, os quais contribuíram para a criação do Parque Nacional da Chapada das Mesas, cujo objetivo é preservar o cenário natural dos pontos turísticos no seu interior e arredores. No entanto, várias situações demonstram a necessidade da presença permanente de entidades que garantem o devido cuidado a esses bens e a identificação de outros relacionados a grupos sociais subalternizados. Mas essa ausência não é uma exclusividade de Carolina, pois somente na capital, São Luís, existem escritórios do IPHAN e do DPHAP-MA. Apesar disso, movimentações locais em favor da valorização dos patrimônios da cidade são uma constante na iniciativa de diversas origens, como vimos ao longo desta pesquisa.

Um bom exemplo é o caso da já citada Pousada dos Candeeiros. “O diferencial é o antigo”, assim resume Joberto Soares Guimarães⁵², proprietário e administrador, morando em Carolina desde 1994. Nas conversas que tivemos, ele ressaltou a proposta de valorizar a história e os costumes locais por meio da conservação da arquitetura do edifício onde está a pousada e dos numerosos itens de decoração que compõe o design de interior do prédio. São móveis de vários tipos: sofás, cadeiras, mesas, baús, escrivaninhas, estantes, prateleiras, oratórios, posicionados ao redor de paredes fartamente decoradas com quadros de paisagens carolinenses, livros e fotos antigas, além de objetos raros como jogos de pratos de porcelana e talheres de prata, telefones, castiçais, moringa (pote de

⁵²Joberto é professor aposentado do curso de Administração da UEMA, hoje UEMASUL, campus de Imperatriz-MA.

barro), lamparinas, gramofones e máquinas de projeção de filmes. Tudo remete ao passado faustoso da família da esposa de Joberto, a qual era bastante integrada aos grupos que compunham a elite carolinense durante a sua hegemonia regional em meados do século XX.

Fotografia 36 – Corredor de entrada da Pousada dos Candeeiros.



Fonte: Arquivo do autor

Embora atualmente disponha de 46 apartamentos, por conta de um prédio construído em anexo, a Pousada dos Candeeiros mantém seu aspecto de casa, principalmente em sua entrada, tudo para criar uma ambiência que remete a vivências antigas, o que de fato é proporcionado pela sugestão oferecida pelos objetos e a decoração de época muito bem conservada, distribuída em cômodos coerentes com esse cenário nostálgico: recepção, sala de espera e corredor que dá acesso à copa, cozinha e aos quartos. Cada item dessa composição traz essa narrativa de uma visita a um passado que supostamente existia no interior do Brasil, longe do litoral, nas margens caudalosas do rio Tocantins.

Esse mesmo cenário natural é fonte de inspiração para diversos artistas e artesãos locais, cujas obras estão ganhando destaque, principalmente devido ao trabalho de artistas como Denival Cirqueira, que escolheu como tema principal de suas pinturas as paisagens naturais da região da Chapada das Mesas. Trabalhando de forma profissional desde o ano 2000, Denival retrata os cartões

postais de Carolina e demais pontos turísticos regionais, tanto de forma espontânea quanto por demanda, disponíveis à venda em sua própria residência, onde conversei com ele, ou nas lojas de artesanato, como a “Sertão Carolinense”, que já citei anteriormente.

Fotografia 37 – O artista Denival Cirqueira em seu ateliê, junho de 2022



Fonte: Arquivo do autor

O ateliê de Denival fica em sua própria casa, na Rua Coelho Paredes, muito fácil de identificar pois o muro da entrada é pintado com as temáticas que ele trabalha em suas pinturas. Apaixonado por desenhos desde a infância, Denival percebeu o valor cultural e financeiro das paisagens da região, tendo elaborado e executado, junto com a ONG Carolina Via Verde⁵³, um projeto de preservação de imagens retratando a paisagem da beira do rio Tocantins antes do enchimento do reservatório da usina hidrelétrica de Estreito-MA. Partindo de lancha da sede do município acompanhado de um fotógrafo e um barqueiro, registrou imagens das margens que estão

⁵³ A mesma que administra o MHC. Essa ONG também realizou um trabalho semelhante na Ilha de São José, que desapareceu com o enchimento do reservatório. Ali vivia uma comunidade rural, compulsoriamente deslocada. A ONG Carolina Via Verde registrou imagens, na forma de fotos e vídeos retratando os modos de vida dessa comunidade ribeirinha, que era composta por cerca de 82 famílias. Os resultados da pesquisa foram armazenados em HD e cópias entregues à Secretaria de Cultura de Babaçulândia-TO, ao IPHAN e à Associação Carolina Via Verde (BRASIL, 2014).

preservadas em acervo digitalizado. Segundo Denival, o enchimento do reservatório provocou mudanças drásticas na paisagem, mas também criou oportunidades.

As cachoeiras não eram tão divulgadas antes do lago. Porque as praias eram muito lindas (...) tinha muita praia bonita. Então o pessoal gostava das praias, ia mais pras praias. Existia barcos dia e noite transportando pessoas pras praias, principalmente essa de Filadélfia e Babaçulândia e outras cidades aqui vizinhas. Mas com as praias ficando submersas, acontece que o pessoal descobriu que tinha as cachoeiras e as cachoeiras poderiam ser apreciadas. É tanto que hoje os pontos turísticos mais fortes da região são cachoeiras, balneários, *resorts* como a Pedra Caída, que não era tão frequentada. (...). Então, as cachoeiras hoje são resultado do lago. (Denival Cirqueira, 2022)

Essa análise exposta por Denival é compartilhada por vários profissionais atuantes no segmento do ecoturismo, embora existam diversas críticas de moradores relacionadas tanto ao fato do turismo não beneficiar a maioria da população local quanto à persistência de consequências funestas na formação do lago da barragem.

Essa construção de novos cenários citadinos provocada pela barragem realmente fomentou outras atividades turísticas, como a visitação da Pedra Encantada, uma formação rochosa de cerca de 8 metros de altura que se eleva do meio do rio Tocantins, localizada há cerca de 22km da sede do município de Carolina-MA. Os guias das agências de turismo levam os visitantes de barco, tendo a oportunidade de apreciar toda a paisagem do trajeto até o ponto turístico, que incluem margens repletas de palmeiras e babaçuais, passando ainda pelo que sobrou de um antigo local de visitação, a Ilha dos Botes, inundada com o enchimento do reservatório. Junto com a perda das praias fluviais⁵⁴, formadas de areia de aluvião, o desaparecimento da Ilha dos Botes também foi uma grande perda para o turismo local, pois além de um local de banho, a ilha era palco de um evento que trazia turistas de todo país e estrangeiros, o “Festival Fora do Tempo”, o qual durava três dias e chegou a ter três edições em três anos consecutivos. Esse festival de música eletrônica oferecia oportunidade de trabalho para algumas pessoas de Carolina, incluindo as pessoas que já construíam há anos barracas de palha para vender comidas e bebidas aos visitantes.

⁵⁴ Praias permanentes foram construídas pelo CESTE em substituição às praias naturais que desapareceram nos municípios de Estreito, no Maranhão, e em Babaçulândia, Barra do Ouro, Darcinópolis, Filadélfia, Palmeirante e Palmeiras, no Tocantins. Dessas, a praia permanente e a orla da beira rio de Babaçulândia-TO tiveram o resultado mais bem sucedido de substituição, com o incremento de várias outras atividades turísticas. O município de Carolina não recebeu nenhuma compensação relacionada a praias fluviais ou à Ilha dos Botes. O conceito de uma “praia fluvial” talvez soe estranho para algumas pessoas, porém é uma atividade turística e de lazer bastante popular na bacia hidrográfica do Tocantins-Araguaia.

Assim como a visita à Pedra Encantada, visitar a Ilha dos Botes ou participar do Festival Fora do Tempo eram propostas de experiência, que incluíam apreciar todos os fenômenos em ocorrência em tão distinto cenário natural. Ou será que devo dizer paisagem? A palavra “cenário” é sinônima de palco, remete ao teatro e a movimentos artísticos; já “paisagem”, remete à pintura, ao enquadramento e à perspectiva. Há um pouco dos dois na experiência do ecoturismo desenvolvido em Carolina: é preciso se movimentar para apreciar o espetáculo oferecido pela natureza. Mas o que é difícil para os turistas e para aqueles que trabalham no turismo entenderem é a profundidade da ação humana nesses cenários e paisagens, pois em todos há a intervenção humana: seja ela a reconfiguração provocada pela barragem ou a infraestrutura construída nos pontos turísticos para oferecer mais comodidade e segurança aos visitantes. Mesmo o discurso e as orientações dos guias são uma construção social cuja intenção é direcionar as sensações dos turistas na direção do deslumbramento. Porém, tais narrativas ecoturísticas não brotam do vazio ou do mero interesse comercial. Elas têm como origem a própria experiência daqueles carolinenses que encontraram esses lugares e neles viram um potencial a ser desenvolvido. Os passos decisivos nessa direção foram dados há cerca de 30 anos atrás, na gestão do então prefeito João Odolfo, conforme colhemos de vários depoimentos e materiais de divulgação do turismo da década de 1990. Dessa época, guarda-se ainda a imagem da quilométrica extensão da praia de Filadélfia⁵⁵, indo de uma curva à outra do rio Tocantins, uma visão que de longe enchia os olhos de quem descia à beira-rio para atravessar o rio nos barcos da PIPES ou nos tradicionais “paco-pacos”⁵⁶ dos barqueiros que ainda mantinham essa atividade que remetia à época do comércio fluvial que tinha destino final em Belém-PA.

⁵⁵ Na verdade, antes do alagamento pelo enchimento do reservatório da hidrelétrica de Estreito-MA, a praia de Filadélfia-TO já havia perdido grande parte da sua areia por conta da ação de dragas que retiravam esse material e vendiam para a construção civil. No ano de 2011, a última temporada com praias naturais, a praia de Filadélfia já havia perdido mais da metade de sua extensão original.

⁵⁶ “Paco-paco” é uma referência ao barulho forte do motor do barco de madeira com calha em “V” e telhado reto. Eles sucederam os antigos “batelões” e até hoje disputam a travessia de passageiros com as voadeiras (canoas com motor) e as balsas da PIPES em outras cidades, como Porto Franco-MA e Tocantinópolis-TO.

Fotografia 38 – Vista aérea da praia de Filadélfia durante a década de 1990



Fonte: Arquivo do MHC

O que a experiência carolinense demonstra, no tocante à valorização dos patrimônios, é o papel essencial da mobilização social associada à educação ambiental e patrimonial, ainda que estas ainda estejam em processo de amadurecimento. As ações dos entes públicos e privados encontram consonância em iniciativas que compartilham inspiração mútua no legado cultural local. Uma entidade que se mostrou exemplar nesse sentido foi o Centro de Atendimento ao Turista, administrado pela Secretaria Municipal de Turismo de Carolina, que promoveu duas ações com resultados interessantes.

A primeira dessas ações foi a criação de um aplicativo⁵⁷ criado pela Secretaria de Turismo do município para apresentar a história de Carolina através de links em QR code's afixados em monumentos e edificações⁵⁸ do Centro Histórico. Os turistas recebem orientações a esse respeito no Centro de Apoio ao Turista (CAT), localizado na praça Alípio de Carvalho, que também recebeu reformas⁵⁹ junto com a revitalização da Avenida Getúlio Vargas. No CAT, os turistas recebem

57 O aplicativo “Guia Turístico de Carolina” foi vencedor de uma premiação promovida pelo Estado do Maranhão para valorizar iniciativas de administradores públicos consideradas criativas e exemplares.

58 Infelizmente, algumas informações precisam de correção, como aquelas a respeito da entidade que realizou o tombamento do Centro Histórico, como já mencionamos no capítulo anterior.

59 Duas adições agradaram muito ao público em geral: a instalação de equipamentos para exercícios físicos e um playground para crianças.

material impresso, como mapas e guias turísticos. Se assim desejarem, também posam para foto junto a um mapa que mostra os atrativos da Chapada das Mesas. Tanto o CAT quanto a Secretaria de Turismo tem perfis no Instagram⁶⁰, onde é possível visualizar essas fotos e outras informações sobre as atividades desenvolvidas por essa agência do governo municipal.

Fotografia 39 – Centro de Atendimento ao Turista, em maio de 2022



Fonte: Arquivo do autor

A outra ação promovida pelo CAT é um *city tour* direcionado aos estudantes das escolas públicas da cidade, oportunidade em que estes visitam o Centro Histórico de Carolina e, durante o passeio guiados pelos monumentos, utilizam seus celulares para ter acesso às informações do aplicativo “Guia Turístico de Carolina” e recebem uma aula ao livre sobre o patrimônio cultural da cidade e sua rica história bicentenária, podendo vivenciar uma experiência turística em sua própria terra natal, explorando aspectos desconhecidos de sua herança e legados comunitários. Até onde pude acompanhar, a ação teve uma repercussão bastante positiva tanto entre os alunos quanto seus pais.

60 Respectivamente, @cat.carolina.ma e @setur.carolina

Imagem 16 – “Print” de uma publicação das redes sociais do CAT mostrando sua equipe realizando o *city tour* com uma turma de uma das escolas públicas do município de Carolina



Fonte: Arquivo do autor

É justamente enquanto espaço de convivência que a paisagem se revela uma arena de disputa por cidadania. Todas esses relatos e percepções colhidas em campo demonstram uma demanda por serviços públicos voltados à sustentabilidade, ao saneamento básico e à educação ambiental e patrimonial como formas de exercício de cidadania (REIGOTA, 2016), pois, assim como aconteceu na revitalização do Centro Histórico e na criação do Parque Nacional da Chapada das Mesas, tais demandas são reivindicações populares, demonstrando que políticas ambientais tem maior eficiência quando aplicadas segundo a apreciação dos grupos diretamente envolvidos nesse processo.

Uma reorientação global das políticas públicas para a Amazônia não virá imposta de fora para dentro, mas de um movimento interno de opinião e inventividade, transformando-se em força política eficaz. (LEONEL, 2020)

Esses pensamentos convergem para o entendimento de que a cidadania pressupõe ação organizada e consciente de indivíduos mobilizados em prol da unidade política que lhes representa de modo mais imediato: a cidade onde moram e porventura nasceram. Quem mais sabe ou tem intimidade com os problemas da cidade do que seus moradores? Viver em lugar nada mais é do que experimentar as dificuldades vivenciadas naquela realidade. Não é à toa, portanto, que cidadão e cidadania são derivados de cidade. Seja produzindo arte, promovendo a economia ou participando da administração pública de um lugar as pessoas criam vínculos com a comunidade que os cerca e lhes dá sua identidade.

Cidadania é noção construída coletivamente e ganha sentido nas experiências tanto sociais quanto individuais, e por isso é uma identidade social. Claro que aqui pensamos em identidade como uma construção social relativa, contrastiva e situacional. Ou seja, ela é uma resposta política a determinadas demandas e circunstâncias igualmente políticas, e é volátil como são as diversas situações de conflito ou agregamento social. Porque é política, também sua força ou fragilidade dependem das inúmeras mobilizações, confrontos e negociações cotidianas, práticas e simbólicas. (SCHWARCZ; BOTELHO, 2022, p. 12)

Embora com certa experiência no atendimento de suas reivindicações, criação e implantação de projetos sociais, a população de Carolina-MA ainda carece de uma educação patrimonial mais consistente, principalmente no sentido de que seja ministrado um conteúdo em que

meio ambiente e patrimônio cultural apresentem-se relacionados. Sendo um direito constitucional⁶¹, o reconhecimento de bens culturais é uma política pública essencial, especialmente para comunidades que sofreram a interferência de significativos impactos ambientais provocados por empreendimentos de grande envergadura. Considerando o contexto carolinense, a chancela de paisagem cultural seria uma alternativa interessante.

A categoria de paisagem cultural hoje mostra uma grande riqueza e variedade de possibilidades de abordagem. É possível, no entanto, apontar alguns aspectos que devem balizar qualquer abordagem sobre a paisagem como um bem patrimonial. Se quisermos utilizar essa categoria, devemos ter em mente que a paisagem deve ser o bem em si, evitando cair no erro de percebê-la como o entorno ou a ambiência para um sítio, ou para determinados elementos que tenham seu valor mais exaltado. Isso significa que sua abordagem deve ser realizada em conjunto, ressaltando as interações que nela existam. A grande vantagem da categoria de paisagem cultural reside mesmo no seu caráter relacional e integrador de diferentes aspectos que as instituições de preservação do patrimônio no Brasil e no mundo trabalharam historicamente de maneiras apartadas. É na possibilidade de valorização da integração entre material e imaterial, cultural e natural, entre outras, que reside a riqueza da abordagem do patrimônio através da paisagem cultural e é esse o aspecto que merece ser valorizado. (RIBEIRO, 2007, p. 111)

Embora esteja fora da minha alçada e capacidade afirmar como se procederia no caso de Carolina-MA a concessão da chancela de paisagem cultural, o que posso afirmar a partir da experiência da pesquisa etnográfica é que a população carolinense tem potencial, em termos de presença de um legado cultural e de mobilização social, de pleitear esse reconhecimento para sua cidade. Se, de acordo com o suporte teórico consultado, a paisagem tem camadas de significado assim como tem de solo (SCHAMA, 1996), acumuladas numa trajetória histórica e de sociabilidades duráveis ao ponto de serem referenciais da memória coletiva (HALBWACCS, 2017), o que pode ser

⁶¹Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta e quantos dela necessitem.

§3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos”.

encontrado em Carolina-MA é uma configuração particular do “sertão das águas” (PACHECO FILHO, 2014). Essas mesmas camadas mostram que, se não houver mobilização popular, a história se repetirá de modo fatídico, privando mais uma vez os grupos mais vulneráveis de seus espaços de sobrevivência e lazer, como já ocorreu em outros momentos de transformação da paisagem (PEREIRA, 2016).

Nesse sentido, principal efeito negativo da ascensão do turismo é a especulação imobiliária, que isola os desfavorecidos nos bairros periféricos e dificulta seu acesso aos espaços que antes estavam pelo menos parcialmente disponíveis, seja para moradia ou deleite momentâneo. A construção política do espaço (BOURDIEU, 1997) é resultado das dinâmicas conflituosas entre os diversos campos que compõe a sociedade, sendo a paisagem uma manifestação mais explícita dessa disputa enquanto estrutura estruturada, produto e produtora de “efeitos de lugar” (BOURDIER, 1997), uma vez que passa a reproduzir as relações de exclusão típicas da apropriação privada dos meios de produção, típicas do capitalismo. A luta por uma paisagem acessível e disponível a todos passa a ser um embate pela sobrevivência, pelo direito de habitar.

O direito que não temos, enquanto sociedade, é o de repetir os erros e equívocos do passado, com reiterados exemplos de exploração e expropriação dos fragilizados. Somos responsáveis pela paisagem que temos diante de nós. Nosso país é nossa paisagem, somos o que fazemos de nossa terra natal e ela também nos devolve o fruto que cultivamos em seu solo, seja este provindo de sementes literais ou de ações que semearam os futuros que experimentamos ou aguardamos florescer. Por isso, a paisagem é patrimônio: ela é o campo cultivado de nossos sonhos de convivência. A inspiração que ela desperta é mais que admiração, mas um desejo de conexão que abarca humanidade e natureza.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseada em um trabalho de campo e escrita etnográfica, esta pesquisa mostra sua ênfase sociológica na tendência de identificar padrões estruturais de organização social mais amplos mesmo na escala do micro, considerado a integração dos territórios que compõe o Brasil sob a égide do poder político nacional. Nesse contexto, a paisagem pode ser considerada como organização ideológica do espaço social. Resultado das relações sociais que reproduzem as condições de sobrevivência de determinada sociedade, a ideologia também pode ser entendida como visão de mundo socialmente construída (LÖWY, 2009). Nesse sentido a distorção da realidade que a ideologia provoca se dá pelo fato de que ela é a representação social do mundo construída por uma comunidade imaginada. Portanto, ideologia é imaginação comunitária da vida social.

No entanto, imaginar a realidade não é um fenômeno meramente abstrato, pois o dinamismo do ato de imaginar organiza o mundo social, sendo a paisagem uma das manifestações mais visíveis e palpáveis de como a ideologia altera a realidade pela imaginação comunitária. No caso brasileiro, nossa paisagem, seja nas cidades ou nas áreas ditas naturais precariamente preservadas, é um reflexo da permanência da mentalidade do Período Colonial, quando o espaço e as pessoas eram vistos tão somente como recursos a serem explorados. Dessa forma, fica compreendido que a colonialidade é um aspecto fundamental da sociedade brasileira, caracterizada pela subserviência aos interesses estrangeiros, pela escravidão e pela destruição do equilíbrio ambiental. Esse é um elemento importante e relevante da composição cultural que dá identidade a este país, a argamassa que mantém este imenso território nacional unido apesar das tensões e crises sociais.

Construir essa contextualização foi essencial na compreensão das sociabilidades que se dão em Carolina-MA e do entendimento de que a paisagem se manifesta como organização social do espaço, mesmo quando se referindo à uma área designada como “natural”, pois um território é mais do que o substrato geológico que o compõe, nele estão imbuídas as representações sociais que determinadas sociedades ou grupos sociais lhe atribuíram. A partir desses apontamentos podemos elencar a seguir algumas características que podem ser encontradas em uma paisagem, sendo que outros autores já perceberam e listaram elementos essenciais de tal conceito, conforme nos informa Maria Angela Faggin Pereira Leite (2021). Por isso, o que apresento em seguida é uma síntese de contribuições que procuram dissecar a paisagem identificado seus elementos constituintes ou aspectos gerais.

- I) Paisagens são lugares amplos, ambientes abertos, espaços de longo alcance visual. Embora exista uma indiscutível variedade de sensações que podem ser experimentadas em cada tipo de paisagem, o aspecto mais marcante da experiência do passeio pela paisagem são os estímulos provocados ao sentido da visão. As representações sociais (narrativas, pinturas, fotografias, etc.) criadas e compartilhadas posteriormente à visita de uma paisagem destacam a sua **visualidade**.
- II) Paisagens apresentam elementos distintivos que as diferenciam umas das outras, o que implica a existência de uma certa característica dominante que lhes dá o valor de conjunto. Georg Simmel (1996) afirmou que as paisagens possuíam uma certa “atmosfera”⁶², *stimmung*, no original alemão. “Stimmung” seria uma coerência latente nos elementos que formam o conjunto de determinada porção da “natureza” ou de um território específico. Possível de ser captada pela percepção humana, a “stimmung” de uma paisagem representaria suas características particulares. Associando essa ideia às contribuições de Anne Cauquelin (2007) sobre a construção social da paisagem, principalmente um produto da técnica da perspectiva na pintura renascentista, é possível entender que existe um **enquadramento** no recorte que seleciona e destaca determinada paisagem da totalidade de um território ou da “natureza” de um modo geral. “Eis a natureza como paisagem: com moldura, ponto de fuga, distância, elementos e retórica implicitamente reconhecidos” (CAUQUELIN, 2007, p. 187).
- III) Paisagens têm **representatividade**, ou seja, representam, concreta e simbolicamente, a maneira como determinada sociedade se relaciona com o meio ambiente ao qual está integrada, configurando uma adaptação parcial ou completa, com transformações em diferentes níveis, seja essa relação simbiótica, de extração de “recursos” ou de simples contemplação da autonomia dos processos naturais. A paisagem se manifesta como organização social do espaço mesmo se referindo à uma área designada como “natural”, pois se refere à representação que determinado espaço simboliza para determinada sociedade. Um aspecto que fica nebuloso ou ignorado dessa relação é a sua reciprocidade: a natureza está constantemente

⁶² A opção particular por “atmosfera” é mais uma licença poética e menos uma tentativa de tradução.

querendo retomar a paisagem para seu domínio, sempre manifestando a tendência de recuperar as porções de si mesma usurpadas pela interferência humana.

- IV) Paisagens possuem e exibem **temporalidade**. As alterações que uma sociedade impõe sobre um território podem persistir por um tempo considerável, seus vestígios perduram mesmo após o abandono de um território posteriormente reocupado pela natureza. Construções, obras de arte, trilhas, caminhos e até o lixo e a degradação que deixamos em um ambiente tem permanência na paisagem e esta os expõe por indefinida duração até a dissolução definitiva dos elementos pela criação de novas formas e configurações geológicas ou arquitetônicas, caso a humanidade permaneça realizando as alterações que necessita para recriar as condições necessárias de sua sobrevivência social em determinado lugar.

Considerando tais ponderações, é possível afirmar a existência da especificidade da paisagem carolinense: uma pequena cidade sertaneja, mas um “sertão de águas” (PACHECO FILHO, 2014), ribeirinha e fronteira das margens tocantinenses, com as quais compartilha a transição entre os biomas do Cerrado e da Amazônia, mas também a tragédia da colonialidade luso-brasileira, a qual infringiu o genocídio aos povos originários da nação Timbira, além de trazer a estes rincões a chaga da escravidão vivenciada pelos povos africanos vindos cativos para este continente. A temporalidade desse processo histórico se manifesta nos casarões coloniais, tombados como patrimônio cultural, e também nas relações sociais permeadas pelo clientelismo e pelo personalismo. As grandes mudanças operadas na paisagem regional também acompanham mudanças na mentalidade: a percepção de que a mobilização social coordenada, independente do partidatismo político, pode ter considerável eficiência e efetividade. Foi por meio da atuação de uma associação, a S.O.S. Rio Farinha, que o Parque Nacional da Chapada das Mesas foi criado, permitindo o atual desenvolvimento do turismo na região. A revitalização da Avenida Getúlio Vargas também foi realizada pela requisição da associação de moradores desse logradouro. Igualmente importante, a criação do Museu Histórico de Carolina e sua manutenção são resultado de parceria público-privada, mediada pela ONG Carolina Via Verde. Todas essas mobilizações são um exemplo e referência de atuação para outras iniciativas a ser empreendidas nos demais municípios da região tocantina.

Contudo, se por um lado, as paisagens podem ser vistas como categorias de pensamento muito caras à filosofia, por outro, podem também ser tomadas como representações ativas do universo cultural de uma sociedade, e mais do que simples registros da realidade ou das ideias que engendram sua própria construção, são expressões cumulativas das ações sociais e dos processos materiais de um lugar. As paisagens são as expressões mais contundentes das relações materiais e simbólicas de uma sociedade com a natureza de um lugar. São bens de uso comum e, como tal, passíveis do estabelecimento de um pacto social para sua conservação e preservação.

A visão contemporânea da paisagem, entretanto, está cada vez mais apoiada em juízos de valor de caráter moral ou em procedimentos compensatórios que buscam redimir a aparentemente irreversível aniquilação da natureza, perdida para sempre em decorrência de atos irracionais de exploração econômica em busca de ganhos financeiros. (LEITE, 2021, p. 20-21)

Nesse contexto, o turismo se apresenta como uma forma suavizada da exploração a natureza, mas que pode também provocar impactos negativos ao meio ambiente se não tiver a sustentabilidade como princípio norteador das inúmeras atividades em execução nas paisagens turísticas.

O conceito de turismo sustentável, portanto, fundamenta-se no próprio princípio universal de sustentabilidade, que implica a necessidade de conservar os recursos para que as futuras gerações possam utilizá-los e desfrutá-los com os mesmos direitos que as gerações atuais. Toda e qualquer atividade turística pode e deve ser sustentável, e essa premissa contempla tanto o turismo convencional como todos os demais tipos alternativos. (PIRES, 2002, p. 117)

Nesse sentido, o turismo pode ser uma atividade didática ao possibilitar uma educação ambiental e patrimonial tanto aos visitantes quanto aos moradores, focando nos aspectos que estes mesmos demonstram valorizar ao admirar a paisagem carolinense: os visitantes, se deslumbram com os cenários naturais, que se enquadram na moldura maior do patrimônio ambiental nacional, símbolo da beleza e da riqueza da nação brasileira; os moradores, também valorizam esses mesmos cenários naturais, mas estes estão relacionados com sua trajetória enquanto município que lutou por se afirmar maranhense e que está vencendo um período de retrocesso socioeconômico através desses cenários naturais ditos paradisíacos. Mas é no pequeno núcleo urbano de Carolina que as imagens da memória ambiental dos moradores convergem, enquanto que as imagens criadas e compartilhadas pelos visitantes são os pontos turísticos da zona rural.

“Carolinense”, ou o portador de qualquer gentílico, é alguém cuja identidade é marcada pelas relações sociais que se estabelecem em um determinado lugar, principalmente aquelas que se referem ao destino político de uma comunidade, por isso o exercício da cidadania de uma pessoa

está estritamente vinculado aos grupos sociais com os quais esta alimenta seus sentimentos de pertença. Embora o nomadismo seja a marca identitária de diversos grupos humanos, na maioria dos casos o apego a um território é inegociável, pois ali estão visíveis e palpáveis as referências a acontecimentos históricos, a existência de ancestrais da comunidade e locais de reunião pública. A paisagem constrói o cidadão na mesma medida que este a constrói. Uma paisagem urbana orienta a atuação de um indivíduo e da coletividade assim como estes são responsáveis pela construção de ruas, nomeação de logradouros e estabelecimento das leis de trânsito. O território é marcado pela arquitetura da cidade e cada cidadão tem em seu corpo as adaptações ao lugar que chama de seu.

A paisagem citadina é uma manifestação concreta do imaginário urbano. Uma paisagem de pertencimento se forma pelo acúmulo de sentidos associados a ações sociais que remetem aos relacionamentos e sentimentos compartilhados pelos indivíduos e associados a determinado lugar. As paisagens turísticas são demonstrações da transformação da existência em um espetáculo pela sociedade contemporânea. Em Carolina-MA, a paisagem local apresenta todos estes aspectos. Em todos estes subjazem a influência da integração ao território nacional.

Ainda assim, nenhuma descrição é capaz de esvaziar a poesia da visão de um nascer do sol observado do alto de uma serra. Nem o êxtase da contemplação refrescante de uma cachoeira. A maravilha da vida excede as análises da experiência de viver, por mais úteis que estas sejam. Apenas me resta entregar às musas o canto que me deram: o sussurro das vozes em minha mente é o pulsar de todos os corações que já bateram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Marta Virgínia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. Aspectos Históricos do povo indígena Krahô: Um breve relato sobre o contato com a sociedade brasileira. In: **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre. v. 12, n. 1, p. 132-143. Jan-Jun, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/download/78352/48682>> Acesso em: 08.08.2021

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, Cândido Mendes de. **A Carolina ou a definitiva fixação de limites entre as províncias do Maranhão e de Goiás**. Imperatriz: Ética, 2007.

ANTONIO FILHO, Fadel David. Sobre a palavra 'sertão': origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica). In: **Ciência Geográfica**, Bauru, Vol XV, p. 84 a 87. Jan/Dez, 2011. Disponível em: <http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versao_internet/AGB_dez2011_11.pdf> Acesso em: 16 mar. 2019.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A Dialética da Duração**. São Paulo: Ática, 1988.

BARREIRA, Irllys. **Cidades Narradas – Memória, representações e práticas de turismo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

BENJAMIN, Walter. **O contador de histórias e outros textos**. São Paulo: Hedra, 2020.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de Lugar. In: BOURDIEU, Pierre (org.). **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BRASIL, IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: Carolina-MA**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/carolina.html>> Acesso em: 14 dez 2022.

BRASIL, IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Ilha de São José**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/968/>> Acesso em: 04 nov. 2019.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CABRAL, Lúgia Maria Martins [coordenação]. **O rio Tocantins no olhar dos viajantes: paisagem, território, energia elétrica**. Rio de Janeiro: Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2013.

CABRAL, Maria do Socorro Coelho. **Caminhos do Gado**. São Luís: SIOGE, 1992.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O Poder do Mito**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2009.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2018.

CARVALHO, Carlota. **O Sertão**. Imperatriz: Ética, 2000.

CARVALHO, Mateus Kên Donehogawa de Menezes Carvalho. **Gestão do Passado em Museus Locais: estudo de caso do Museu Histórico de Carolina-MA**. Monografia de Graduação em Museologia. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CARVALHO, Rosa; CARVALHO, Zilma. **Newton Carvalho: Um realizador de sonhos**. Goiânia: Kelps, 2015.

CASSIRER, Ernest. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede – A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol. 1**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

COELHO, Maria de Fátima. O instituto vincular, sua decadência e morte: questões várias. In: **Análise Social**, vol. XVI, p. 111-131. Lisboa, 1980. Disponível em: <<https://www.fd.unl.pt/Anexos/Investigacao/7696.pdf>> Acesso em: 30 out. 2019.

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. “Etnógrafo nativo ou nativo etnógrafo?” – Uma (auto)análise sobre a relação entre pesquisador e objeto em contexto de múltiplas pertencas ao campo. In: **RAU – Revista de Antropologia da UFSCar**, volume 8, número 1, jan/jun 2016, pp. 41-52. Disponível em: <http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2016/12/Me%CC%81todos_8-1_Texto2_Wellington-Conceic%CC%A7a%CC%83o.pdf> Acesso em: 15/01/2022.

CORBIN, Alain. **O Território do Vazio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CRUZ, Rafael de Oliveira. **“Memorial da Fronteira”**: o Museu Histórico de Carolina e o cenário social carolinense. Monografia de Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis, 2019.

DAMATTA, Roberto. **Carnaval, Malandros e Heróis**: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DIEGUES, Antônio Carlos Sant’Ana. **O Mito da Natureza Intocada**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

FRANKLIM, Adalberto; CARVALHO, João Renôr F. de. **Francisco de Paula Ribeiro: desbravador dos sertões de Pastos Bons – A Base Geográfica e Humana do Sul do Maranhão**. Imperatriz: Ética, 2005.

GEERTZ, Clifford. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip. **Conceitos essenciais da Sociologia**. São Paulo: UNESP, 2017.

GOB, André; DROUGUET, Noémie. **A museologia: história, evolução, questões atuais**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2017.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. São Paulo: Iluminuras, 2017.

HOBSBAWM, Eric J. Introdução: A invenção das tradições. (p. 07 – 24). In: HOBSBAWM, Erick J.; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

JAPIASSU, Hilton. **Ciência e Destino Humano**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

JAPIASSU, Hilton. **O Mito da Neutralidade Científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

KORMIKIARI, Maria Cristina Nicolau. Arqueologia da Paisagem. **LABECA**. São Paulo: MAE/USP, 2014. Disponível em: <http://labeca.mae.usp.br/media/filer_public/2014/07/16/kormikiari_arqueologia_paisagem.pdf> Acesso em 10 mai. 2022.

KRAUSZ, Luis S.. **As Musas: Poesia e Divindade na Grécia Arcaica**. São Paulo: EDUSP, 2007.

LATOURE, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 2019.

LATOURE, Bruno. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Ubu Editora/ Ateliê de Humanidades Editorial, 2020.

LE GOFF, Jacques. **História & Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEITE, Amanda M. P.. Vou postar no Instagram! O narcisismo e a fotografia contemporânea. In: **Arteriais - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes**, [S.I.], p. 106-115, jul. 2018. ISSN 2446-5356. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/5965>>. Acesso em: 10 mar. 2022. doi: <http://dx.doi.org/10.18542/arteriais.v4i6.5965>.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. Criar paisagens: expressão artística ou instrumento civilizatório? In: [org.] BESSA, Altamiro Sérgio Mol. **A unidade múltipla: ensaios sobre a paisagem**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

LOPES, Rita de Cássia Domingues. **Identidade e territorialidade na comunidade remanescente de quilombo Ilha de São Vicente - Tocantins**. Palmas: Eduft, 2020.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2009.

LUCA, Tania Regina de. **Práticas de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2020.

MACHADO, Monielle Alencar; PINHEIRO, Claudio Urbano B. De água doce à água salgada: mudanças na vegetação de igapó em margens de lagos, rios e canais no baixo curso do rio Pindaré, Baixada Maranhense. In: **Revista Brasileira de Geografia Física**. V.09, n. 05 (2016), p. 1410-1427. Disponível em: < <https://periodicos.ufpe.br/revistas/rbgfe/article/view/233770/27316>.> Acesso em: 05 de julho de 2022.

MARANHÃO, Rossini Gonçalves. **Carolina, meu mundo perdido**. Rio de Janeiro: [Editora não identificada], 1971.

MARQUES, Luiz. **Capitalismo e Colapso Ambiental**. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: A degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2019a.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. São Paulo: Contexto, 2019b.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A cidade como bem cultural – Áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance na preservação do patrimônio ambiental urbano. In: **Patrimônio: Atualizando o Debate**. São Paulo: IPHAN, 2006. p. 34-76.

MENEZES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: **Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna**. Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2013, p. 15-88.

MOURA, Antônio Márcio Ferreira de. Turismo, meio ambiente e espaço rural. In: FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (orgs.). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2021.

MIGNOLO, Walter D.. **Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MUNIZ, Gissely Poliana Santos. **Ecoturismo em Carolina, Maranhão: Que prática é essa?**. Dissertação de Mestrado. 2018. 203f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço. Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, São Luiz. 2018. Disponível em: http://www.ppgeo.uema.br/wp-content/uploads/2018/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Gisselly_Muniz_p.pdf Acesso em: 22 set. 2019.

OLIVEIRA, Ney Alves de. **Navegando pelo Tocantins**. [Não consta o nome da editora, nem da cidade], 1995.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

PACHÊCO FILHO, Alan Kardec Gomes. Um sertão de águas e letras. In: **Outros Tempos: Pesquisa em Foco – História**. [S.l.], v. 11, n. 17, 2014. Disponível em: https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/327 Acesso em: 26 dez. 2022.

PEREIRA, Jaciene. **O atual modelo energético e a gestão ambiental no Brasil: Uma análise do caso a partir do caso da UHE-Estreito e os impactos socioambientais em Carolina-MA**. 2015. 174f. Dissertação (Mestrado). – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sócioespacial e Regional- PPDSR. Universidade Estadual do Maranhão, UEMA, São Luís. 2016. Disponível em: <<http://www.ppdsr.uema.br/wp-content/uploads/2016/02/DISSERTA%C3%87%C3%83O-Jaciane.pdf>> Acesso em: 12 out. 2018.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: **Antropolítica: Revista de Antropologia Contemporânea**, nº 25, 2º semestre de 2008, Niterói: EdUFF, 2009, p. 99-111. Disponível em: <<https://static1.squarespace.com/static/5d38e623b83acd0001723688/t/61133461b9a8e778cd581370/1628648546048/Observa%C3%A7%C3%A3o+flutuante.pdf>> Acesso em 08 mai. 2022.

PETROPOULOS, Ioannis. Sobre Polímnia e suas irmãs. In: **Nunt Antiquus**. Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 61-79, 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/336538597_Sobre_Polimnia_e_suas_irmas_On_Polymnia_and_her_sisters> Acesso em 08 mai. 2022.

PRADO, Rosane. Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. In: **Cadernos de antropologia e imagem**. Nº 4, Rio de Janeiro, p. 31-56, 1998.

REIS, Alda Almeida Miranda; PEREIRA, Maria Rita Brandão. **Carolina: Apogeu, Declínio e Ressurgência**. Imperatriz: Ética, 2018.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2016.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Apresentação. In: ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia (org.). **Tempo e Memória Ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas**. Brasília, DF: ABA Publicações, 2021.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. **Etnografia da Duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013a.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia *da e na* cidade, saberes e práticas. In: **Antropologia da e na cidade, interpretação sobre as formas de vida urbana**. Porto Alegre: Marcavizual, 2013b. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/memoriasdotrabalho/wp-content/uploads/2018/08/ECKERT-e-ROCHA-Antropologia-da-e-na-Cidade.pdf>> Acesso em 30 set. 2019.

ROCHA, Danielly Moraes. **Entre os morros e as figuras: gravuras rupestres no Parque Nacional Chapadas das Mesas, Carolina, Maranhão**. 2016. 155f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Universidade Federal de Sergipe, UFS, Laranjeiras, 2016. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/handle/riufs/3229>> Acesso em: 14 out. 2019.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade?** São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHROEDER, Julia (et all). **O Livro da Ecologia**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Introdução – Cidadania e direitos: aproximações e relações. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. **Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: Uma Biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SIMMEL, G. A Filosofia da Paisagem. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, [S. l.], v. 12, p. 15–24, 1996. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/6380>>. Acesso em: 23 dez. 2021.

SILVA, Priscila Elisabete da. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. In: MÜLLER; Tânia M.P.; CARDOSO, Lourenço. **Branquitude: Estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris Editora, 2017.

SILVA, Sheila dos Santos. Memorialismo: Ficção, História, Literatura – Revisão Teórico-Crítica. In: **Revista (Entre Parênteses)**. Vol. 2, Nº 15, 2016. Disponível em: <<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/download/553/407>> Acesso em: 15 out. 2019.

SIQUEIRA JUNIOR, Jaime Garcia. **Wyty-Catê: cultura e política de um movimento pan-Timbira: contribuição ao entendimento das organizações indígenas e novas expressões da política indígena**. 2007. 350 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SOARES, Bruno C. Brulon; SCHEINER, Tereza C. M.. A Chama Interna: Museu e patrimônio na diversidade e na identificação. In: **Revista Museologia e Patrimônio v.3, n. 1, jan/jun de 2010**. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/download/59/108>. Acesso em: 02 de jan de 2023.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

SOUZA, Ricardo Luiz de. A Mitologia Bandeirante: construção e sentidos. In: **História Social** (13), p. 151-171, 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/215> Acesso em: 03 de ago de 2021.

SPOSITO, Elizeu; JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. **Cidades Pequenas: Perspectivas teóricas e transformações socioespaciais**. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

URRY, John. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

VELHO, Gilberto. **Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.

ANEXOS

Hino Municipal de Carolina (Letra e Música por Nelson Maranhão, 1978)

Conterrâneos num canto vibrante
Exaltemos a nossa cidade,
Que com justas razões se destaca,
Na cultura e na sociedade.

Até poucos decênios atrás
Quase nada do avanço mostrava
Totalmente isolada do mundo
Com entraves bem fortes lutava.

*Saudemos seu fundador
A figura insinuante
De Elias Ferreira Barros
Um perfeito bandeirante*

Mas depois, com os tempos mudados
E mais livre de tanto embaraço,
A buscar novas fontes do luz,
Desferiu belo vôo pelo espaço

Numa marcha feliz vai seguindo
Já um lindo porvir vislumbrando
De gozar a sua luz benfeitosa,
Muito perto, talvez estejamos.

*Saudemos seu fundador
A figura insinuante
De Elias Ferreira Barros
Um perfeito bandeirante*

Exaltemos com a doce esperança
Confiemos na Graça Divina
E o Progresso com seus benefícios,
Há de em breve atingir Carolina

Nosso anseio resume-se em vê-la
Elevada a certa grandeza
De maneira que possa dar lustre
Às insígnias reais de princesa

*Saudemos seu fundador
A figura insinuante
De Elias Ferreira Barros
Um perfeito bandeirante*

Salve, pois, o feliz sertanista,
Cujos passos ficaram imortais
Salve os outros que tem trabalho
Pelos seus interesses vitais.

Praza os céus que as vindouras centúrias
Tenha a dita de vir encontrá-la
Em um trono ideal de Princesa.
Ostentando os seus trajes de Gala.

*Saudemos seu fundador
A figura insinuante
De Elias Ferreira Barros
Um perfeito bandeirante*

Disponível em: <https://carolina.ma.gov.br/cidades/cidades/>

Acesso em: 22.08.2021

Carolina (Letra e Música por Papete, 1993)

Carolina minha mina
Meu tesouro do lugar
Se eu cair na cachoeira
Nunca mais vou te deixar

Já dizia João do Vale
Cantador de verso e prosa
Carolina vem dengosa
Que eu te ensino a namorar

Foi no Morro do Chapéu
Que o namoro começou
Ea a Lua lá no céu
Clareou o nosso amor

Conheci Pedra Caída
Suas águas cristalinas
O amor dessa menina
Que mudou a minha vida

Ai Carolina, a saudade que dá
Ai Carolina, que vontade que dá
Ai Carolina, a saudade que dá
Carolina uhm, uhm, uhm
Carolina uhm, uhm, uhm
Carolina uhm, uhm, uhm